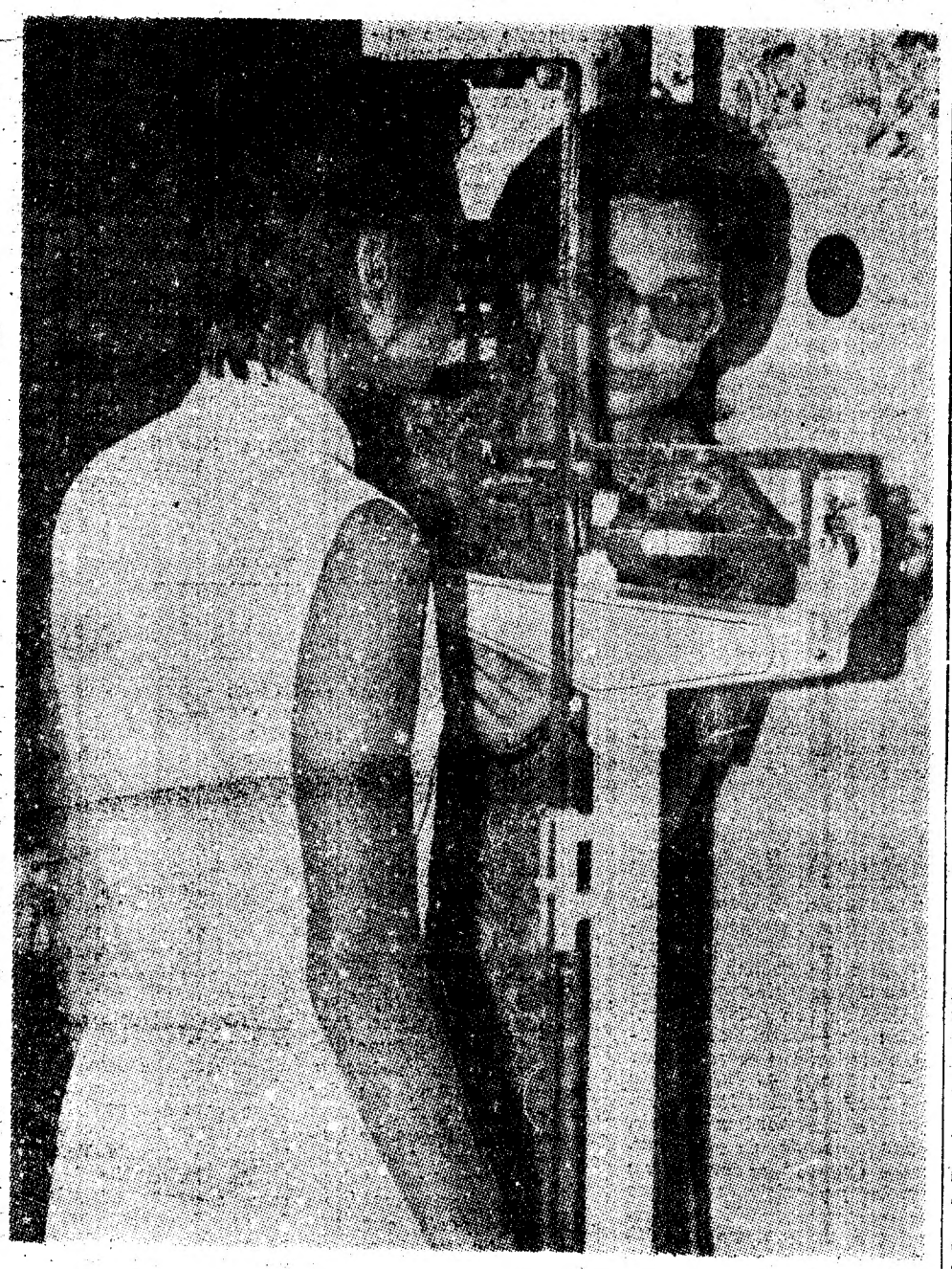
PÁGINA 3: ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA FINLÂNDIA

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 22 DE SETEMBRO DE 1970 N.º 17 154 ANO 50.º PREÇO 1$50

1x2 totoBOLA

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana?
Na pág. 17 pode encontrar uma ajuda



O «EXAME» ANTES DAS AULAS

Não se trata da observação dos efeitos de apertada «dieta». A menina que está na balança cumpre, simplesmente, a primeira obrigação relacionada com o ano lectivo que dentro de dias começa. Ela (com o nome começando por A) é apenas uma, entre os milhares de estudantes abrangidos por esse «exame» (bem mais fácil, claro, que todos os outros). LER NA ÚLTIMA PÁGINA

Hussein pede auxílio aos EUA

NOVA YORK, 22 — (R.) —O rei Hussein pediu aos Estados Unidos auxílio militar para a sua luta contra os palestinianos mas o Governo americano mantém-se relutante em intervir, afirma hoje o «New York Times» baseando-se nas declarações de funcionários americanos que a título particular, disseram que o rei tinha pedido auxílio.

O jornal não dá pormenores desse auxílio militar solicitado por Hussein e afirma que o Governo americano está relutante em envolver-se militarmente no conflito, tendo recorrido de preferência ás pressões diplomáticas para levar a Síria a retirar as suas forças do Norte da Jordânia.

O jornal salienta ainda que uma operação de salvamento dos reféns americanos em poder dos palestinianos se torna problemática, uma vez que os

(Continua na 15.ª página)

A PRINCESA MUNA, MULHER DO REI HUSSEIN, sai da casa onde está a residir há meses numa pacífica rua do bairro londrino de Mayfair, acompanhada pelos seus dois filhos, Abdullah, de 8 anos (á direita), e Feisal, de 7 anos. O seu destino é a escola que os dois príncipes frequentam. Com eles vai um inevitável guarda-costas.
A princesa Muna é inglesa de nascimento.

Simpósio em Lisboa sobre as teorias da Informação

O EXCESSIVO ZELO QUE SE PÕE NA RENTABILIDADE DA INVESTIGAÇÃO

—GRANDE ESCOLHO A EVITAR SEGUNDO O PROF. ABREU FARO

Com cerca de 100 participantes, começou, esta manhã, no Instituto Superior Técnico, o Simpósio sobre Teorias da Informação e dos Sistemas, organizado pelo Centro de Estudos de Electrónica da Comissão de Estudos de Energia Nuclear.

A sessão inaugural presidiu o prof. Abreu Faro, director do Instituto de Alta Cultura, em representação do titular da pasta da Educação Nacional. Ladeavam-no os profs. Fraústo da Silva e António Maria Godinho, respectivamente, director do I. S. T. e vice-reitor da Universidade Técnica; e os eng.os Carlos Moura Pulido e Rebelo Simões, ambos da comissão organizadora do Simpósio.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o eng.º Rebelo Simões, que saudou os participantes e se embrenhou em considerações de ordem técnica, depois do que falou o prof. Abreu Faro, para salientar ser a primeira iniciativa do género levada a efeito no nosso País, afirmando: «*Integrado nas actividades do III Plano de Fomento, é verdadeiramente uma operação de fomento, e o mo decorre claramente das intenções postas e objectivos visados pelos organizadores*».

«*A arte e ciência de criar novas técnicas é o objecto*

(Continua na página seguinte)

«DIÁRIO POPULAR»

Celebra hoje mais um aniversário, o 28.º, o nosso prezado colega «Diário Popular», a cujo director, sr. prof dr. Martinho Nobre de Melo e a quantos trabalham naquela casa endereçamos cordiais felicitações.

FIM DO «MONOPÓLIO» DE AMOSTRAS LUNARES

(Ler na pág. 15)

HOJE 32 PAGS.—VISADO PELA CENSURA

PORTUGAL ASSINOU A «DECLARAÇÃO DE MADRID» SOBRE COOPERAÇÃO JUDICIÁRIA

MADRID, 22 — (F. P.) — Os ministros da Justiça dos Países de língua espanhola e portuguesa subscreveram, ontem, a «Declaração de Madrid», ao terminarem na capital espanhola os trabalhos da conferência integrada na comemoração do primeiro centenário da Lei Organica do poder judiciário.

O documento foi assinado pelos representantes da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Chile, Equador, El Salvador, Espanha, Filipinas, Guatemala, Haiti, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, Republica Dominicana, Uruguai e Venezuela.

A conferência passa a assumir carácter permanente, devendo reunir-se de dois em dois anos.

A «Declaração de Madrid» recomenda uma melhor cooperação entre os países, designadamente no campo dos estudos pré-legislativos e dos sistemas penitenciários. Prevê-se a elaboração de um sistema uniforme de cooperação judiciária, especialmente no que respeita á aplicação das sentenças dos tribunais.

UM AUTOMÓVEL PARA A «RAINHA DO SADO-1970»

No restaurante do Parque do Bonfim, em Setubal, será entregue, na sexta-feira, ás 17 e 30, á «Rainha do Sado-1970», um automóvel «Audi-NSU».

AINDA CALOR ATÉ SÁBADO

O Serviço Meteorológico Nacional, na sua previsão para a quinzena, antevê a continuação do calor, pelo menos até sábado:

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS:

Uma crista anticiclónica, que se estenderá da Europa Central á Península Ibérica, influenciará o estado do tempo em Portugal Continental nos primeiros dias do período.

A partir do dia 26, massas de ar marítimo, transportadas na circulação conjunta do anticiclone dos Açores e de depressões que se deslocarão para as Ilhas Britânicas, provocarão um agravamento do estado do tempo, principalmente nas regiões do Norte e Centro.

ANTEVISÃO DAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS MÉDIAS NO CONTINENTE ATÉ 5 DE OUTUBRO

DE 21 A 26 DE SETEMBRO: céu geralmente pouco nublado, com períodos de muito nublado na faixa costeira ocidental, onde há possibilidade de nevoeiros matinais. Vento geralmente fraco.

Temperatura média do ar superior aos valores normais na época

DE 27 DE SETEMBRO A 5 DE OUTUBRO: céu geralmente muito nublado nas regiões do Norte e Centro, onde há possibilidade de aguaceiros ou períodos de chuva; nas regiões do Sul, céu pouco nublado. Vento fraco a moderado do quadrante Oeste.

Temperatura média do ar próxima dos valores normais na época.

As despedidas do Verão

Está a dar as despedidas, e não deixa saudades nenhumas, tão inconstante, impertinente e maçador tem sido numa irregularidade a que talvez não sejam estranhos os caprichos dos homens que perturbam o sábio equilíbrio da Natureza. Céus mascarrados, chuvas fustigadoras, ventanias desabridas, frio e calor, num jogo de esconde-esconde, e névoas de amortalhar a alma em desalentos e tristuras — assim tem sido o Verão que, segundo a cronologia na alternância convencional das estações, acaba amanhã, assinalando-se o advento do Outono — ás 10 horas e 59 minutos!

Este Verão teima, porém, já na agonia, em ser importuno, enervante, nubloso numa calentura mormacenta de nevrose e a embaciar o Sol. Amanhã, pois, teremos a serena quietude outonal, com envolventes maciezas de temperaturas leves, a fina melancolia, as indizíveis nostalgias, os roxos e macerados poentes — coisas de lânguidos poetas. Será assim?

Reunião do Rotary Clube de Lisboa

Mais de uma centena de pessoas, entre sócios, convidados e visitantes, participaram na habitual reunião do Rotary Clube de Lisboa que hoje se realizou. Presidiu o dr. Ruy Pires Branco, tendo o protocolo estado a cargo do eng. Xavier de Quadros.

Após a homenagem à bandeira nacional, o presidente deu a palavra ao dr. Carlos Estorninho que fez a apresentação do novo sócio clube, o jornalista Maurício de Oliveira, director de «A Capital». Seguidamente, o presidente congratulou-se com a entrada do novo sócio que, depois, agradeceu a honra de ter sido admitido no clube para cujo prestigio procuraria contribuir na medida das suas posibilidades.

O presidente deu ainda conhecimento da nomeação do rotário prof. Tomé George Vilar para director da Assistência Nacional aos Tuberculosos. A reunião foi dedicada a companheirismo, tendo alguns sócios falado sobre assuntos ligados à vida do Clube.

DE ONTEM PARA HOJE

O ABONO DOS RURAIS

Os drs. Silva Pinto e Nogueira de Brito, respectivamente secretário e subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, deslocaram-se aos distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto, como dissemos, para reuniões de trabalho dedicadas ao funcionamento regional dos serviços de abono de família aos trabalhadores rurais. Nessas reuniões participaram os governadores civis e os presidentes das Câmaras Municipais dos vários concelhos dos três distritos, o vice-presidente da Junta Central das Casas do Povo, o presidente dos Serviços Médico-Sociais da Federação das Caixas de Previdência e os directores das Caixas de Previdência Regionais. Foi apreciado e aprovado o plano das instalações dos Postos de Informação e Expediente, que visam proporcionar em cada distrito uma maior facilidade nas relações com as entidades patronais e os trabalhadores rurais que vão ficar abrangidos pelo regime especial de abono de família. Houve demorada troca de impressões, reconhecendo-se o benefício da comodidade que desse plano resultará para os interessados. O sr. dr. Silva Pinto anunciou a extensão a curto prazo do regime especial de abono de família aos rurais dos distritos de Évora, Portalegre, Beja e Faro.

O FOGO

Os bombeiros voluntários de Grândola, Alcácer do Sal e Santiago do Cacém combateram um violento incêndio que deflagrou na área da primeira daquelas vilas, tendo consumido milhares de árvores, com um prejuízo de largas centenas de contos. Por sua vez, o fogo que lavrou na região de Mortágua foi considerado extinto ao fim da tarde. Por último, outra notícia de incêndio: um casal (José Ferreira Maurício, de 41 anos, pedreiro, e sua mulher, Gracinda da Conceição, de 44) ficou gravemente queimado, por ter ardido a barraca em que vive, na Quinta da Feiteira, á Azinhaga do Reguengo.

DOIS MORTOS

Três veículos (dois automóveis e uma furgoneta) colidiram, no lugar de Redinha, Pombal. Em consequência, tiveram morte imediata os condutores de dois deles, srs. Abílio de Jesus Oliveira, de 20 anos, residente em Resende, Manuel Moniz Paulo Júnior, de 29, casado, natural de Calheta, Madeira, e morador em Lisboa. Ficaram feridas nove pessoas.

PALÁCIO DE BELÉM

O Presidente da Republica recebeu, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, as seguintes individualidades: J. J. Van de Pamne e dr. Morbey Rodrigues, administrador-delegado cessante da Philips e novo administrador - delegado; e general Arnaldo Schulz, director do Instituto de Altos Estudos Militares.

REGRESSO

Procedente de Tóquio, chegou a Lisboa o dr. Santos Labisa, subsecretário do Tesouro, que na capital japonesa representou o Governo português na reunião de alto nível do Comité de Auxílio ao Desenvolvimento.

SIMPÓSIO SOBRE TEORIA DA INFORMAÇÃO

(Continuação da pág. anterior)

fundamental da tecnologia. A Tecnologia distingue-se, assim, e essencialmente, da Técnica, e mal do país que dela descura ou a enjeita como arte ou ciência menores. Matemática, quem, candidamente, a julgue brotando fatalmente, do lápis, do papel, e de um homem só, como se engana! Há uma diferença grande entre um homem só e um homem que fisicamente, nos termos do seu gabinete, trabalha só» — disse, mais adiante, o orador, que acrescentou:

— A Teoria da Informação e a Teoria da Distribuição sobram e transbordam inúteis, quando vasadas na taça diminuta onde já se continham teorias pré-existentes, e que se mostraram válidas na resolução de problemas. Válidas, pelo menos, num sentido pragmático. Carentes, reconhecemos, de rigor científico.»

Prosseguindo, o prof. Abreu Faro afirmou:

«Não se julgue que defendemos a investigação aplicada, deixando na sombra a investigação fundamental. Nunca distinguimos as duas investigações. Apenas queremos salientar que todas as teorias, e muito particularmente estas que se ligam á Teoria da Informação e dos Sistemas, aplicáveis a tantos domínios, ficarão estéreis se forem tratadas por homens sós. São homens sós, os homens que, tal comerciantes desentendidos, exibem estranha e aparentemente cara mercadoria. Apenas queremos significar que nada acontecerá se o nosso ensino deixar os alunos em pontos tão distantes da fronteira do conhecimento que fiquem incapacitados de aprender as formas aliciantes das linhas de investigação em curso. E queremos ainda salientar que tudo se suspenderá se, embora iniciado nas melhores regras, não encontrar uma indústria periférica que compreenda e saiba aproveitar o melhor que a universidade lhe oferece, as potencialidades dos laboratórios oficiais de desenvolvimento e investigação, os gabinetes e laboratórios de pesquisa que, felizmente, começam a nascer nas empresas mais evoluídas do sector privado. Insistimos em que a ciência acrescenta a realidade pré-existente em valores e bens. Insistimos em que a máquina e o instrumento científico são factores condicionantes das acções que o homem intenta. Não nos receamos de que as máquinas pensem, sobretudo se objectivamente soubermos definir o pensamento. Próprio do homem é estabelecer hipóteses e conceber experiências. Próprio do homem é sistematizar e não ser escravo do sistema. Próprio do homem é poder errar em relação ao sistema que concebeu, e que, se quiser, não aceitará, fatalmente, nos seus resultados. Erra, mas erra superiormente, na intenção do poeta, que, não sabendo, sabe que não vai por aí.»

E, a terminar:

— Não nos interroguemos em demasia. A interrogação sistemática, a avaliação hipertrófica, e quase sempre prematura, de riscos, a ânsia de certezas, a paradoxal oscilação entre a exigência de autonomia e a exigência de definições e de garantias, o excessivo zelo que se põe na rentabilidade da investigação, o que não significa a grande necessidade que há de inventariar e de coordenar, são os grandes escolhos, é tudo quanto devíamos evitar; ingredientes que geram e se congregam na verdadeira antimatéria da ideia nova que se levanta.

Terminada a sessão, começaram os trabalhos do Simpósio, com a apresentação de comunicações pelos prof. Francisco Correia Velez Grilo, dr. Carlos Novais Madureira e eng.º Pedro Requeiras, da Faculdade de Engenharia do Porto; Vítor Manuel Paulino Vargas e José Manuel Fonseca de Moura, do Centro de Estudos de Electrónica; e prof. Abreu Faro.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

PREFERIDO PELO DESPORTISTA

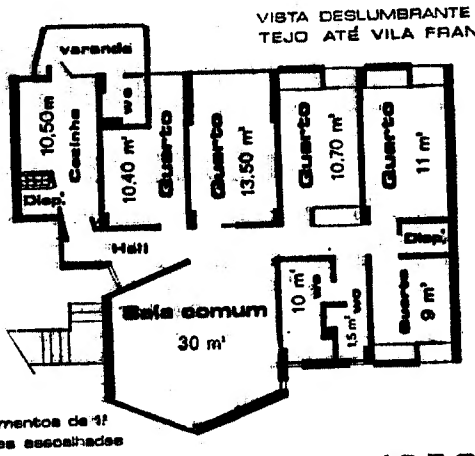
CAUNY

- DATA CALENDÁRIO
- INCABLOC
- RESISTENTE
- 100 x 100
- IMPERMEÁVEL
- AUTOMÁTICO

CAUNY
Sempre exacto

ESCOLHA HOJE O SEU ANDAR DE AMANHÃ

VISTA DESLUMBRANTE DO TEJO ATÉ VILA FRANCA



Acabamentos de 1ª
6 casas escolhidas
5 roupeiros
2 despensas
3 casas de banho
Cozinhas Suzana
Azulejos decorativos
Cores das casas à escolha

LISBOA
Olivais Sul
Informações:
Telef. Obra - 310657
Escrit. - 705538

Entrevista com o presidente da Finlândia

FIZEMOS GRANDES PROGRESSOS NA COOPERAÇÃO ECONÓMICA NÓRDICA — diz Urho Kekkonen

O presidente da República finlandesa, sr. Urho Kekkonen, recebeu o enviado do «Monde» na sua residência «O Cabo dos Carvalhos», situada num dos inúmeros braços de mar que penetram profundamente na capital.

O presidente Kekkonen, que exerce as suas funções há catorze anos, acaba de festejar o seu septuagésimo aniversário. Este homem de porte atlético — foi campeão do salto em altura na sua juventude e capitão da equipa olímpica finlandesa em 1932 — goza de excelente condição física. O presidente finlandês não se esquiva a nenhuma pergunta, recusando-se, todavia, a tomar uma posição acerca dos pontos de desacordo entre o Leste e o Ocidente. Na sua opinião, fazê-lo seria uma grave quebra da norma que a Finlândia se impôs e a cuja aplicação ele consagrou a sua vida: a manutenção de uma política de estrita neutralidade e de boa vizinhança com a U. R. S. S. Para manter esta neutralidade, afirmou-nos, «é preciso saber aceitar privações».

Julga-se muitas vezes no Ocidente, disse-nos ainda, que os dirigentes finlandeses se encontram sujeitos a pressões exteriores, quando a verdade é que apenas obedecem ao interesse nacional. O sr. Kekkonen volta sempre ao mesmo princípio: «O tempo de homens como o sr. Dulles, que considerava a neutralidade imoral, foi ultrapassado. Haverá outros Estados neutros.»

A Finlândia preconiza o reforço da O. N. U. — o presidente Kekkonen ainda não sabe se irá a Nova Iorque assistir á 25.ª Assembleia Geral — e a admissão da China comunista. Por outro lado, mantém a sua oferta no sentido de que a conferência sobre segurança europeia se realize no seu território: deseja facilitar as confrontações, muito embora saiba que tal conferência não é susceptível de realização imediata.

Tinha, entretanto, decorrido uma hora. A entrevista está terminada. O presidente recebe agora, com a maior simplicidade, dois velhos amigos que vêm almoçar com ele. Na saída do parque, um polícia sorri-nos de modo bonacheirão. Encontra-se só e não usa arma. É um dos aspectos da democracia finlandesa.

— A Finlândia propôs, em 5 de Maio de 1969, a trinta e dois países, a utilização do seu território para a realização de uma conferência sobre a segurança europeia. Desde Julho último, a Finlândia preconiza a abertura do debate por meio de uma série de consultas ao nível de embaixadores, que não comprometeriam os respectivos governos. Como se deve, senhor Presidente, interpretar estas variações da atitude finlandesa?

«Não há qualquer variação na atitude finlandesa. Na nossa opinião, as reuniões de embaixadores poderiam constituir uma medida preparatória, susceptível de dar aos países participantes uma ideia das possibilidades de êxito da conferência. É este o caminho a seguir e parece-me que poderia conduzir a resultados positivos. Ainda assim, é condição prévia, quer para as reuniões de embaixadores, quer para a conferência sobre a segurança, que exista um certo acordo entre os governos interessados.

«Comentando o acordo que acabam de concluir, os representantes da República Federal Alemã e da União Soviética exprimiram o ponto de vista segundo o qual este acordo reforçará as possibilidades da realização de uma conferência. Sou inteiramente da mesma opinião. Nós, finlandeses, sempre realçámos a importância dos factores relacionados com o ambiente no qual se realizam os encontros decisivos para a evolução da política internacional».

— Pensa que uma conferência sobre a segurança europeia terminará pela consagração do «statu quo» actual — territorial e político — na Europa? Por outro lado, acha que um eventual compromisso de não recurso á força deve ser válido em todos os casos, incluindo entre Estados pertencentes á mesma aliança ou ao mesmo campo ideológico?

«Não me compete predizer os possíveis resultados da conferência, nem mesmo o conteúdo da sua ordem do dia. Trata-se, efectivamente, dos problemas mais delicados relativos á segurança nacional dos países europeus. Os governos interessados devem ter a possibilidade e a ocasião de tomar parte na sua discussão e de participar na sua resolução.»

— Na sua opinião de que modo podem os Estados pacíficos contribuir para a cessação das hostilidades nos pontos quentes do globo e, de uma maneira geral, para a manutenção da paz no mundo? Não seria urgente que a autoridade da Organização das Nações Unidas fosse reforçada e que a China comunista fosse admitida?

«Sou da sua opinião. A Finlândia deseja ver reforçada a autoridade da O. N. N. e melhorados os seus meios de acção. Quanto a este último ponto, muito há ainda a fazer. A Finlândia sempre defendeu e continua a defender a tese de que o lugar da China na O. N. U. pertence ao governo da República Popular Chinesa.»

A cooperação dos Estados nórdicos

— A recusa da Finlândia de assinar o tratado do Nordek é definitivo? Como encara a extensão da cooperação nórdica no campo económico? Qual o futuro e quais os objectivos de um conselho nórdico de consultas políticas, que vai ser o tema, este Outono, de conversações com os vossos parceiros escandinavos?

«O tratado do Nordek, tal como foi apresentado

(Continua na 14.ª página)

NOTA diária

ATENÇÃO AOS MAIS VELHOS

COMPRAR E VENDER é um acto que todos os dias se multiplica. Comprar o quê? Vender o quê? A primeira ideia que se tem, naturalmente, é que cada um compra aquilo de que precisa e que cada um oferece aquela produção que se julga corresponder às necessidades do consumo. Esta concepção de mercado, quer dizer, de economia livre, no regime que os economistas do tempo chamaram da oferta e da procura, implica como se presume um certo conceito de equilíbrio, conceito e práticas respectivas. Nos tempos que vão correndo, porém, que são os que nós vivemos para se não dizer os tempos que nós sofremos, onde é que vai toda essa medida de equilíbrio?

Isto são banalidades que uns sabem porque é dos livros e os demais sabem por saber de experiência feito. A verdade é que tudo isso está baralhado, tão profundamente baralhado que os supostos dados gerais ficam de todo imperceptíveis. Todo o mecanismo se transformou em termos de se produzir simplesmente para vender, para vender de qualquer maneira, em vez de se produzir para satisfazer necessidades justamente calculadas. O caso referenciado pela reportagem do «D. L.» sobre o surto da moda das camisas de pintinhas ou florzinhas (para homem) é fortemente exemplificativo de como funciona a máquina montada para promover a perturbação psicológica e o aumento de vendas.

Tudo se conjuga para que o mecanismo produção-consumo se acelere. A moda, servida por meios de propagação que não é preciso identificar, apressa e encerra sucessivos circuitos. O que é vistosamente lançado como o «último grito», timidamente adoptado por alguns (ou algumas) da primeira linha de atiradores, não tarda a banalizar-se nas lojas de bairro para acabar daí a meses nos mercados e feiras. Quem diz camisas de pintinhas diz o que se quiser, desde garridos penduricalhos até saias e casacos de alturas que variam ràpidamente para lançar a confusão e queimar a «novidade» que é preciso substituir.

O sistema de vendas tipo «self service», pegue e pague, pague e leve, supermercados e mais outras formas de atracção e simplificação sucessivamente postas em funcionamento, é a teia sorridente em que o consumidor se deixa enredar. Ninguém resiste. Inquéritos e estatísticas empreendidos em diversos países (vimos há tempos números relativos à França e aí se dizia que os resultados coincidiam com os de operações paralelas no mercado americano) instruem sobre a submissão das donas de casa, que compram uma média calculada entre 15 e 20 por cento de produtos de que não carecem. É a solução da facilidade, da comodidade, da apresentação, do gosto de experimentar, o que tudo se paga.

Nos últimos anos um grande esforço da «promoção de vendas» de alguns sectores da produção, à escala mundial, tem-se dirigido para as camadas mais jovens da população. Não só no que diz respeito a modas de vestuário, onde parece realmente mais fácil atingir um alvo que se compreende mais sensível e, por consequência, mais vulnerável. Mas noutros sectores, desde edições a automóveis, passando pela produção alimentar, refrescos e guloseimas, para não falar do hábito de tomar «remédios» para tudo, desde para adormecer até para estar acordado, é o afluxo constante de novidades que se pretende fartem depressa para substituir por outras que já estejam em «estaleiro».

Um jornal alemão, o «Frankfurter Rundschau», dava recentemente conta dos esforços em que estão a aplicar-se os grandes chefes de publicidade das indústrias alemãs no sentido de orientar as pontarias para uma camada que tem estado livre de tais solicitações, a das pessoas mais velhas, que habitualmente se preocupam pouco com essas coisas e são, por isso, maus consumidores. E é importante, reconheça-se, na medida em que a média do tempo de vida humana se vai fixando cada vez mais acima. Parabéns, pois, aos sexagenários, que passam a ter quem se preocupe com eles. Parabéns ou pêsames?

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

NOVO CASINO ESTORIL
SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 16 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS
Les BALLETS de PIERRE FRANCK
em
Folies Royales
produção de
PIERRE FRANCK
e PERRY McCANN
conjunto vocal inglês
BROTHERLY LOVE
ILES ROSETTI
comediantes da acrobacia
NATALINA JOSÉ
com António Luis Gomes
e Raul Silva
JIRINA'S COMBO
"FORMA 5" com Vitor e Paul
FERRER TRINDADE
e sua orquestra
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE
ÀS 23,30 H MAIORES DE 17 ANOS
NO WONDER BAR Á 1,00 H
MAIORES DE 21 ANOS
RITA REAMUR
SÓ NO WONDER BAR
No cinema
Às 17 e 21.30
F. B. I. CONTRA A MAFIA
(M. 12 anos)

Concurso Beethoven da U. E. R.

A União Europeia de Radiodifusão (U. E. R.) vai organizar um concurso internacional de piano, comemorativo do segundo centenário do nascimento de Beethoven. O concurso realiza-se em Bruxelas, nos dias 25 e 26 de Novembro, sendo interpretadas duas sonatas do compositor.

O drama de Rolf Hochhuth «Guerrilhas», recentemente estreado em Estuguarda e dirigido por Peter Patitzsch, figura nos programas da temporada 1970-71 de Bochum, Berlim, Hamburgo e outras cidades alemãs e estrangeiras

Subiu á cena, no Teatro de Hamburgo, a peça «Uma festa para Boris», de Thomas Bernhard. A direcção artistica está a cargo de Claus Peymann.

Terminou em Francfort a «Semana do Filme Asiático», que se realiza de dois em dois anos. Foram projectados cerca de 50 documentários e filmes de longa metragem, de 16 países asiáticos.

Georges Vitaly foi nomeado director da «Maison de la Culture», de Nantes, onde vai superintender nas actividades teatrais, dramáticas, liricas, musicais e

O «Prémio Cinematográfico Alemão 1970» foi atribuido ás peliculas «Katzelmacher», de Rainer Werner Fassbinder, e «Malatesta», de Peter Lilienthal. O prémio para o melhor documentário foi atribuido a cinematográficas. Com ele vão trabalhar Lajos Soltesz, Jean Thierrat e Louis Caussou.

«Sex Business — Made in Pasing», de Hans Jurgen Syberberg.

«A CAÇA» (de Saura) na clássica do Império

Com o espectáculo de amanhã, ás 18 e 30, as sessões clássicas de «Gente de Cinema fala de Filmes», no Império, atingem o número 700, prova insofismável do interesse cultural que as mesmas têm despertado ao longo de 15 anos.

Para comemorar este número, será apresentado, pela primeira vez em Portugal, um filme do tão consagrado Carlos Saura que nós, digamos teimosamente, continuávamos a ignorar — «A Caça» — que alcançou o Prémio do Festival de Berlim para a melhor realização e o Prémio de Acapulco que é o Festival dos Festivais, além de muitos outros galardões em todo o mundo.

«A Caça», notável produção, sem dúvida, será assim, apresentada, em «ante-estreia», nesta sensacional 700.ª sessão clássica do Império, ás 18 e 30 de amanhã, precedida de um comentário proferido pelo crítico de cinema Jorge Pelayo.

SOCIEDADE MUSICAL 5 DE OUTUBRO

A Sociedade Musical 5 de Outubro, com sede em Paio Pires, vai comemorar o seu 82.º aniversário no próximo dia 5 de Outubro. Para assinalar a efeméride, realizar-se-á no dia 4, ás 16 horas, uma sessão solene.

AMANHÃ! UM ACONTECIMENTO SENSACIONALISSIMO!
UMA ARAGEM DE RENOVAÇÃO
COM MUITO DE RISO
E UM POUCO DE MALICIA...
EM ESTREIA NO ODEON
ARTUR SEMEDO
ALINA VAZ
EUGENIO SALVADOR
MALUQUINHA DE ARROIOS
UM FILME DE HENRIQUE CAMPOS
BASEADO NA GRANDE FARSA DE ANDRÉ BRUN
UM PORTENTOSO ELENCO NA HISTÓRIA DE UMA MULHER QUE AMAVA «APENAS» 5 HOMENS!
EXC. DISTRIBUIDORES REUNIDOS ADULTOS

A 9 DIAS DO SEU TERMO
A FEIRA POPULAR DE LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
CONTINUA A SER O GRANDE CENTRO DE DIVERSÕES DA CAPITAL
EM ENTRECAMPOS HÁ DE TUDO
FEIRA DE AMOSTRAS — EXPOSIÇÕES COMERCIAIS E INDUSTRIAIS — DIVERTIMENTOS DE TODA A ESPÉCIE — RESTAURANTES — ESPLANADAS MÚSICA — LUZ FEÉRICA — SORTEIOS, ETC.
ENTRADA 2 ESCULOS — ABERTURA AS 19 HORAS

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Teatro Maria Matos TELEF. 717017
AR REFRIGERADO
TODAS AS NOITES ÀS 21.45 H.
Sábados e domingos também às 16 horas
20 ÚLTIMOS DIAS
antes da partida para o I FESTIVAL DE TEATRO DE MADRID
DA DIVERTIDÍSSIMA SÁTIRA
A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ
(Maiores de 17 anos)
Produção de Igrejas Caeiro

O CRIADO
MAIORES 17 ANOS
a obra fundamental de JOSEPH LOSEY
ESCOLHIDO PARA A ABERTURA DE ÉPOCA DOS CINEMAS
S. LUIZ E ALVALADE
um exci. RIVUS

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, quarta-feira, dia 23, as nossas «SALAS» e o «TERRAÇO» se encontram totalmente reservados para um LANCHE DE CASAMENTO E BANQUETES, não nos sendo possível servir neste dia, os nossos habituais, Almoços, Chás e Jantares.
A DIRECÇÃO
Nos restantes dias, agradecemos que a reserva de mesas para os Jantares sejam feitas até às 19 horas.

AGUARDENTE VELHA
Nicepoort
a prova está na prova

Concurso de Teatro Amador das colectividades de recreio

Os juris da fase regional (zonas Norte, Centro e Sul) do oCncurso de Teatro Amador das colectividades de cultura e recreio e dos grupos dramáticos independentes seleccionaram para a fase final os seguintes grupos dramáticos: Associação Recreativa «Os Plebeus Avintenses» (de Avintes-Gaia) com a peça "As Mãos de Abraão Zacut» de Stau Monteiro; Grupo Mérito Dramático Avintense, também de Avintes-Gaia, com a peça «O Avançado Centro Morreu ao Amanhecer», de A. Cuzzani; Grupo Desportivo da Sociedade Central de Cervejas (Coimbra) com a peça «Armadilha para um Homem Só», de Robert Thomaz; Grupo Dramático Musical JNP (Chamusca) com a peça «O LUGRE», de Bernardo Santareno; Grupo Desportivo de Tercena (Tercena) com a peça «Justiça», de Ramada Curto; Sociedade Antiga Filarmónica Montemorense (Montemor-o-Novo) com a peça «A Forja», de Alves Redol e Grupo Cénico da Casa do Povo de Arcos (Estremoz) com a peça «O Filho Sózinho», de Francisco Ventura.

VIDA MUSICAL

Academia de Amadores de Música

Estão abertas, a partir de hoje, as inscrições na secção escolar da Academia de Amadores de Música, para as classes de iniciação musical infantil (segundo o método Williems), solfejo, piano, violino, violoncelo, canto, instrumentos de sopro, acústica e história da musica, composição, flauta de bisel e guitarra clássica

Está prevista também para este ano a criação de uma aula de música de câmara. As aulas funcionarão normalmente, das 16 ás 20 horas, admitindo-se igualmente a criação de classes nocturnas, se o número de inscrições o justificar.

Prestam-se informações na sede, Rua Nova da Trindade, 18, 2.º, esq.º, e pelo telefone 325022, todos os dias uteis, das 17 ás 19 horas.

CONCURSO DE POESIA

FIGUEIRA DA FOZ, 22 — No sentido de alargar a sua actividade, a secção cultural da Associação Naval 1.º de Maio, desta cidade, vai promover um concurso de poesia subordinado ao tema «O trabalho».

As produções deverão ser enviadas até 30 de Outubro para aquela Associação (Concurso de Poesia—Secção Cultural — Rua da Republica — Figueira da Foz) onde serão prestadas todas as informações

Artes plásticas

O 1.º Salão de Pintura de Elvas

ELVAS, 22 — Foi aberto ao público, no edifício da Secção Liceal, no Largo do Colégio, o 1.º Salão de Pintura de Elvas, organizado pela Comissão de Turismo, com o patrocínio da S. E. I. T, e que se integra no programa das festas de S. Mateus.

Estão expostas 71 obras de concorrentes (35 óleos, 16 aguarelas e 17 desenhos).

Um júri, constituido pelos srs. arquitectos Mário de Oliveira, pintor Artur Bual e eng. Francisco Bagulho (presidente da Comissão de Turismo atribuiu os seguintes prémios: Desenho — 1.º Prémio, Ilídio dos Santos e 2.º, João Reis Gordo; Pintura — 1.º Prémio, Manuel Filipe e 2.º, Cândido Teles; Aguarela — 1.º Prémio, António Cadete e 2.º, Arsénio Bento da Ressurreição; Melhor trabalho do salão — 1.º Prémio, «Cidade Além-Tejo», de Manuel Filipe e 2.º, «Ceifeiras», de Cândido Teles; Melhor conjunto apresentado por um artista elvense — Francisco Martins Pereira (Xico).

Exposição de Mário Silva

Em virtude do êxito que tem alcançado, continua aberta até 28 do corrente a exposição do pintor Mário Silva, na Junta Turismo da Costa do Sol, que esta patente ao público desde o dia 4 do corrente e deveria ter encerrado a 15. A exposição, que tem registado grande afluência de público e é composta por tapeçaria, vitrais, óleos, escultura e desenhos, está aberta todos os dias, das 10 ás 22 horas.

Anne Sinclair na Galeria Balaia

ALBUFEIRA, 22 — Está patente, na galeria de arte do Hotel da Balaia, na Praia de Maria Luísa, uma exposição de pintura da artista checoslovaca Anne Sinclair. Podesá ser visitada até ao dia 30.

A BBC ganhou o Prémio Itália-TV

FLORENÇA, 22 (F. P.) — O «Prémio Itália», promovido pela radiotelevisão italiana (RAI) para recompensar obras dramáticas destinadas á TV, foi atribuido oficiosamente ao filme «As seis mulheres de Henrique VIII», de Mike Hodge, apresentado pela BBC. Receberam o Prémio Itália mais os seguintes filmes: «Jogos», Polónia, musical de Grzegorz Lasota; «De sua conta e risco», Suíça, documentário, de Yvan Butler; e o filme alemão «Rot Mord» (Assassinio Vermelho), drama, de Tankred Dorst e Peter Zadek

O Prémio Itália radiofónico coube á produção musical «Nestes Dias», de Hans Rox (Holanda), e a produção dramática «Um banco num jardim publico», de Finn Havrelot (Noruega). O prémio da radiotelevisão italiana foi para a obra musical «Euridice», de Bent Lorentzen (Dinamarca) e para a dramática «Evelyne», de Rhys Adrian (Grã-Bretanha).

VASCO MORGADO apresenta
327493 TEATRO CAPITÓLIO
TODAS AS NOITES, ÀS 21.45 H.
QUASE HÁ 1 ANO

(Maiores de 17 anos)
O VISON VOADOR
COM
RAUL SOLNADO
MARIA PAULA, FERNANDA BORSATTI, YOLA, MARIA LAURENT, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA e ROLANDO ALVES
«O VISON VOADOR» É O FIM DA GARGALHADA

ADULTOS
TEATRO ABC
Tel 366745
HOJE: 2 SESSÕES: Às 20 e 45 e 23 h.
A FABULOSA SUPER-REVISTA
ALTO LÁ COM ELAS!
O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO produção de JOSÉ MIGUEL
Com os popularíssimos actores
CAMILO e IVONE
a plástica sensacional de
IO APOLONI
a voz de ouro de
TONY DE MATOS
LINDA SILVA
ORLANDO FERNANDES ● VITOR ESPADINHA (no «compére»)
30 MULHERES FASCINANTES!

TEATRO LAURA ALVES
Tel. 864756
HOJE às 21.45 horas
(Maiores de 17 anos)
VASCO MORGADO apresenta a obra-prima de ARTHUR MILLER
O PREÇO
magnificamente interpretado por: Jacinto Ramos, Varela Silva, Glória de Mattos e, em reaparição José Gambôa
Encenação de Jacinto Ramos
Cenas de João Vieira
Tradução de Mário Casais Ribeiro
Domingos: à tarde, às 16 h.

COLISEU
SEXTA-FEIRA, 25, ás 21.30
(Para maiores de 6 anos)
ESTREIA
de uma grande
COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
Com escolhidas atracções, entre as quais engraçadíssimos palhaços, trapezistas - voadores e saltadores em balança.
TARDES, às 5.ª-Feiras, Sábados e Domingos e Feriados, às 16 h.
Todas as NOITES, às 21.30
BILHETES À VENDA

INESQUECÍVEL!...
O FILME MAIS APLAUDIDO DE SEMPRE

70m/m
MY FAIR LADY
O Filme dos 8 Oscares incluindo o de O Melhor Filme
AUDREY HEPBURN · REX HARRISON STANLEY HOLLOWAY WILFRID HYDE-WHITE
Argumento ALAN JAY LERNER
Produção JACK L WARNER
Realização GEORGE CUKOR
BASEADO NA PEÇA "MY FAIR LADY" ALAN JAY LERNER FREDERICK LOEWE
TECHNICOLOR SUPER PANAVISION 70 WARNER BROS.
M/ 12 anos
EXCLUS. ASTÓRIA FILMES
DE NOVO NO «ÉCRAN» GIGANTE DO CINEMA
HOJE ÀS 21,30 MONUMENTAL

CURSOS TÉCNICOS DE
DECORAÇÃO • PINTURA
ARTES DECORATIVAS
CERÂMICA • ESMALTAGEM
ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS
ESCOLA PAIXÃO
AV. ALMIRANTE REIS, 56, 3.º B. — TELEF. 5 27 26

NO TEATRO MONUMENTAL
HOJE, às 21 45 (ADULTOS)
EM 33.ª SEMANA
UMA DELICIOSA COMÉDIA apresentada por Vasco Morgado com a querida actriz LAURA ALVES
POBRE MILIONÁRIA
No elenco: Rui de Carvalho, Canto e Castro, Armando Cortes, Carlos José Teixeira, Fernanda Alves, Luís Pinhão, Guida Maria, Carlos Paulo e António Semedo
Plateia, 30$00—Balcão, 5$00
Domingos, à tarde, às 16 h.
2.ªs feiras: descanso da C.ª

C. M. L.
ESTUFA FRIA
HOJE ÀS 21.30 HORAS
ESPECTÁCULO GRATUITO
«O BAILE DOS MERCADORES» — de João Osório de Castro — com Madalena Sotto, Adelina Campos, Leonor Poeira, Luís Filipe, António Machado, Ricardo Alberty, Alfredo Jorge, Duarte Nuno, Beatriz de Almeida, Graça Vitória, Andrade e Silva, Henrique Viana, Fausto C. Leite, Jorge Vale, Carlos Daniel e Augusto de Figueiredo
Pela Companhia de Teatro Popular
Dirigida pelo Actor Augusto de Figueiredo
DISTRIBUIÇÃO DE BILHETES:
Restauradores, das 18 ás 20 horas
Estufa Fria, ás 21 horas
(M. 12 anos)

UM EMBATE VIOLENTO COM A CABEÇA DO PAI PROVOCOU-LHE A MORTE

BEIRA (Moçambique), 22 — (L.) — Faleceu no Hospital de Harari, em Salisburia, onde se encontrava internada, desde a passada quinta-feira, data em que foi transportada por via aérea desta cidade, a jovem rodesiana Mary-Rose Ryan, vítima de um acidente quando tomava banho na praia do Macuti, tendo embatido violentamente com a cabeça na de seu pai, pelo que entrou em estado de coma.

A jovem Mary-Rose que se encontrava em estado de coma desde o acidente, havia sido operada no Hospital da Beira por uma equipa de cirurgiões que para o efeito se deslocaram especialmente de Joanesburgo.

Mary-Rose Ryan, contava 17 anos de idade e era estudante do «Negate House», de Marandelas. Era filha do dr. J. R. Ryan, antigo membro do Parlamento rodesiano.

O BANCO DE FOMENTO EM SANTARÉM

INTENSIFICAR AS OPERAÇÕES DE FINANCIAMENTO REGIONAL

— preocupação reafirmada pelo vice-governador do Banco

SANTARÉM, 22 — Com a delegação inaugurada nesta cidade o Banco de Fomento Nacional passa a dispor de cinco delegações no País. As restantes situam-se no Porto, em Évora, Viseu e Braga.

A inauguração da delegação do Banco de Fomento Nacional, em Santarém realizou-se ontem ao fim da tarde com a presença do governador civil do distrito, dr. Bernardo de Mesquitela, o vereador Joaquim Frazão, que representava o presidente do Município, o presidente da Junta Distrital, dr. Virgílio Arruda, o comandante da P. S. P., capitão Luís António Vasco, directores de estabelecimentos de ensino, representantes de instituições bancárias, e outras individualidades de maior representação na vida regional e distrital e ainda o deputado e secretário-geral da Acção Nacional Popular, dr. Castelino Alvim. Os convidados foram recebidos pelo vice-governador do Banco de Fomento, dr. Manuel Cotta Dias, pelos directores de serviços, dr. Júlio César Gonçalves, eng.º José Fragoso, dr. Fernando Cardote, dr. Campos Loureiro, dr. Costa Freitas, dr. Machado de Oliveira, dr. Arnaldo Martins, dr. Campos Henriques e ainda outros funcionários superiores daquele Banco.

Após uma visita às instalações, na Rua Guilherme de Azevedo, realizou-se uma breve cerimónia justificativa da inauguração. Usou da palavra em primeiro lugar, o dr. Cotta Dias que fez algumas considerações sobre a actividade do Banco de Fomento e a vida económica de Santarém. Após ter saudado as individualidades presentes, o orador acentuou:

«A abertura e início de actividade de um serviço externo do Banco de Fomento Nacional não é facto avulso no exercício ou na expansão do comércio bancário. Inscrevendo-se antes no serviço eminentemente público de apoio e incentivo às actividades regionais, mal seria que passasse despercebido destas. Por isso era intenção do Banco de Fomento Nacional que à abertura de cada uma das suas delegações correspondesse uma série de reuniões de trabalho em que, com os responsáveis do desenvolvimento económico regional, fosse montado colóquio que o tomasse por tema. Sucede que, em Santarém, por via de realização muito recente de um importante colóquio de desenvolvimento regional, resultaria em pura redundância a concretização deste nosso intento. Isso não nos dispensa porém, nem retira a utilidade, de frisar neste momento alguns aspectos de particular relevância.

O distrito de Santarém faz parte integrante da principal das regiões

Continuando, o dr. Cotta Dias afirmou.

— «Neste último aspecto, o banco tem não só a preocupação de alargar as suas estruturas de mobilização da poupança, mas também pretende intensificar as suas operações de financiamento de âmbito regional, inserindo-as num quadro de melhor avaliação do interesse e potencialidade efectivas dessas operações. Isto equivale a dizer que o banco procura assumir um papel activo em matéria de investimentos regionais, contribuindo mais estreitamente para a sua detecção, estudo e execução. É conhecida a preocupação dominante no III Plano de Fomento de harmonizar o crescimento económico à escala regional, numa atenuação gradual das desigualdades entre as várias zonas do País no que toca aos respectivos rendimentos e níveis de vida.

No contexto desta política de desenvolvimento regional aparece o distrito de Santarém como parte integrante da principal das regiões — programa do continente — a de Lisboa — da qual constitui uma das subregiões por ser aquela com que mais intimamente se articula. O tipo de recursos e os mercados das actividades do distrito, bem como a sua posição geográfica levaram a uma ligação gradual e intensa da sua economia com a da região de Lisboa. Por seu turno, o desenvolvimento futuro do distrito exige que os seus recursos naturais, humanos económicos e em infra-estruturas, sejam aproveitados em toda a sua aptidão e canalizados para as actividades produtivas que se revelem mais adequadas em face da evolução dos mercados. A capacidade de crescimento económico do distrito não pode ser posta em dúvida, podendo dizer-se, em aproveitamento de conclusões de estudo do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, que em poucos anos poderá ele atingir a posição dos distritos do litoral. O sector agrícola, dominante na economia da região, projecta-se nacionalmente na mais elevada percentagem dos 18 distritos do continente ao contribuir com 10 por cento para o Produto Bruto Agrícola. A estrutura da produção agrícola apresenta diversos aspectos positivos, embora, no que toca à produtividade do solo, os contrastes sejam acentuados, devido à natureza e capacidade produtiva diferenciada do mesmo — terras de lezíria e terras de charneca — e também como consequência das culturas praticadas.

Julgamos que a ênfase neste aspecto deve ser posta na necessidade de analisar as possibilidades de criação de novas culturas industrializáveis numa linha de continuidade do que ocorreu com o tomate, em que o distrito de Santarém revelou invulgares possibilidades agrícolas e capacidade de adaptação à emergência de um mercado novo. Do mesmo modo as condições de desenvolvimento da pecuária devem de todas as formas ser apoiadas, porquanto de todos os distritos do continente, não obstante uma vocação natural, é o de Santarém aquele em que essa actividade tem menor peso relativo na produção agrícola total — apenas 14 por cento quando no resto do País essa percentagem se situa em regra acima dos 25 por cento. Por outro lado, no que toca a estruturas fundiárias, e num plano puramente económico, as quatro mil e quatrocentas explorações com mais de dez hectares (das quais 300 ultrapassando os 100 hectares), se tiverem uma contrapartida em dinamismo empresarial e capacidade de gestão apresentam condições para serem tomadas como ponto de partida para a concretização de novas iniciativas no sector agrícola.

Relativamente ao sector secundário, é manifesta a necessidade de acelerar um processo de crescimento para o qual já foi dito existir capacidade».

As razões da fixação do Banco em Santarém

A terminar o seu discurso, o dr. Cotta Dias afirmou:

— «No que respeita aos recursos humanos, não obstante uma taxa de excedentes de vida inferior aos valores médios registados no Continente, o distrito de Santarém deve ter actualmente uma população da ordem dos 480 mil habitantes aos quais corresponde uma população activa de uns 160 mil habitantes. Se se atender a que mais de 45 por cento desta última trabalha na agricultura e que a taxa de actividade feminina se deve situar abaixo dos 15 por cento, pode apesar da insuficiência apontada, colher-se uma ideia do potencial de activos mobilizáveis para o esforço da industrialização do distrito, o qual constituirá, necessàriamente, um dos instrumentos básicos do seu desenvolvimento económico e social.

Não obstante e embora sem deteriorar a sua posição de 6.º ou 7.º distrito industrial do Continente, Santarém estacionou, nas duas últimas décadas, à volta dos 4 por cento de contributo para o nosso produto industrial. Noutra perspectiva de análise poderá referir-se que, na estrutura do sector secundário, o distrito de Santarém continua a denotar peso reduzido das actividades chamadas motrizes, como as químicas, as metalomecânicas e as eléctricas; se se pode falar em especialização regional ela aplica-se apenas às industrias de curtumes e do papel. Por outro lado, a dimensão média dos estabelecimentos é reduzida, o que é ilustrado, por exemplo, pelo facto de apenas cerca de 30 por cento da produção industrial do distrito ser obtida em unidades, empregando-se mais de 100 pessoas enquanto no Continente essa percentagem é da ordem dos 50 por cento.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compr.	Vend.
Consolidado 3 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	—	—	509$
Consolidado 3 [illegible]%	—	612$	—
Centenários 4%	—	—	440$
Obrig. Tesouro 5%	.000$	—	.000$
Externo 1.ª Série	700$	—	700$
Externo Série B	—	—	—
Externo 3% Série	—	—	800$
Externo 3% Série B	—	45$	—
[illegible] Série			

OBRIGAÇÕES	Efec.	Compr.	Vend.
Águas Lisboa 5%	—	490$	—
A. P. L. 5% 56	—	875$	—
A. P. L. 5% 58	—	875$	—
C. P. 4 1/2% 65	—	—	—
C. P. 4 1/4% 67	—	950$	—
C. U. F. 6%	—	920$	—
C. U. F. 6% 68	915$	915$	—
Gás Elect 4% 48	—	835$	—
Gás Elect 4 [illegible]% 51	—	850$	880$
Gás Elect 5% 52	—	765$	—
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	941$	—
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	948$	—
H. E. Alentejo [illegible]%	—	740$	—
H. Cávado 5%	—	935$	750$
H. E. Cávado 6%	—	—	—
H. E. Douro 5%	—	—	150$
H. E. Douro 6%	940$	986$	940$
H. E. Norte Port. 5%	—	860$	—
H. E. S. Estrela 6%	—	—	940$
Lisnave 6%	—	780$	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	780$	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Metropolitano 4%	—	800$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	710$	—
Nac. Elect. 5%	750$	740$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	870$
Port. Celu. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	980$	945$
Sacor 5% 60	—	—	865$
Siderurgia 5% 2.ª	—	740$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	830$	835$
Sonefe 5%	—	—	[illegible]
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	760$
U. E. P. 3 3/4%	—	80$	90$
U. E. P. 4%	—	86$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	91$	82$
U. E. P. 5%	—	78$	770$
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	820$	—

Ultramarinas	Efec.	Compr.	Vend.
Beira	81$	80$	82$
Cabinda	—	215$	225$
Diamantes Angola	2.449$	2.448$	450$
[illegible] Revué	—	—	—
[illegible] Príncipe	—	—	—
Moçambique	—	88$	90$
Sonefe A	430$	430$	433$
Sonefe B	441$	440$	442$
Zambésia	79$5	78$	80$

Diversas	Efec.	Compr.	Vend.
[illegible]	—	6.620$	6.680$
Cim. Leiria	4.400$	4.300$	4.800$
Cim. Tejo	—	7.505$	7.300$
Col. Navegação	1.450$	1.450$	460$
[illegible]	—	1.500$	540$
[illegible] Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	3.700$	3.900$
[illegible]	1.730$	1.710$	750$
Port. e Colónias	—	1.400$	—
Port. Celulose	—	—	—
Port. Pesca	1.060$	1.050$	1.070$
Port. Tabacos	710$	710$	[illegible]
Sacor	—	4.500$	4.600$
Siderurgia Nac.	—	2.280$	2.320$
Sore	3.230$	3.220$	3.240$
Tabacos de Portugal	—	1.620$	1.760$
Tabaqueira	7.000$	6.900$	7.000$
[illegible] Azoto	785$	780$	790$

Águas Elect. e Gás	Efec.	Compr.	Vend.
Águas Lisboa B	—	390$	—
Águas Lisboa 54	—	415$	—
Águas Lisboa 56	—	390$	—
[illegible] Electricidade	1.208$	208$	209$
[illegible] Electricidade nom.	1.185$	185$	187$
[illegible] Electricidade 969	—	—	—
Elect. Beiras	1.750$	750$	770$
Gás Elect.	425$	425$	425$5
H. E. Alto Alentejo	191$	190$5	192$
H. E. Norte Portugal	—	—	275$
H. E. S. Estrela	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
U. E. P.	190$	189$	191$

FUNDOS DE INVESTIMENTO	Efec.	Compr.	Vend.
Atlântico	—	—	—
F. D. E. S.	—	—	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7
Teleg. ALMEIRO — Telex [illegible]47 ALBAP P

ACÇÕES — Bancos	Efec.	Compr.	Vend.
Agricultura	—	—	2.320$
Alentejo	1.169$	1.168$	1.170$
Angola	—	3.570$	3.600$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	—	—	9.000$
E. Santo	20.800$	20.700$	20.900$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
Fomento	2.580$	2.580$	2.600$
L. & Açores p.	6.700$	6.700$	6.720$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	5.490$	4.480$	5.500$
Portugal n.	3.300$	3.250$	3.350$
Portugal p.	4.400$	4.400$	4.500$
Totta Aliança	—	5.880$	6.000$
Ultramarino n.	3.430$	3.450$	3.460$
Ultramarino p.	—	3.800$	3.810$

Seguros	Efec.	Compr.	Vend.
Alentejo	166$	166$	167$
Douro	—	—	—
Mundial	975$	975$	980$
Sagres	—	—	2.300$
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarino	—	25.000$	—

Ultramarinas	Efec.	Compr.	Vend.
Açúcar de Angola	775$	770$	778$
Ag. Cassequel	670$	665$	675$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	300$	—
[illegible]	—	—	170$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65 100)

	15/9/70	21/9/70	22/9/70
GERAL	148,9	149,3	149,5
METROPOL.	141,6	142,1	142,2
ULTRAM.	202,7	202,5	203,1

PAISES	COMPRAS	VENDAS
África do Sul — Rande	34$00	36$50
Alemanha — Marco	7$75	8$05
América:		
— Dólares, de 1 e 2	28$20	28$70
— Dólares de 5 a 1000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$00	8$00
Austria — Schiling	$10	$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,35	$04,65
Marrocos — Dirhan	4$80	5$40
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$60	6$82
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	35$00	37$00

J. BURNAY L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 231273

OS METALURGICOS PEDEM A REVISÃO DO CONTRATO COLECTIVO

A Federação Nacional dos Sindicatos dos Técnicos e Operários Metalúrgicos e Metalomecânicos entregou na Corporação da Industria uma proposta de revisão do contrato colectivo de trabalho. Cópias da mesma proposta foram também entregues ao Ministério das Corporações e aos Grémios outorgantes do contrato em vigor, assinado em 1968.

NÃO SE REALIZA O CONSELHO DE MINISTROS

Não se realiza [illegible] tarde, conforme esta[illegible] previsto, o conselho de ministros.

GASPAR SIMÕES NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

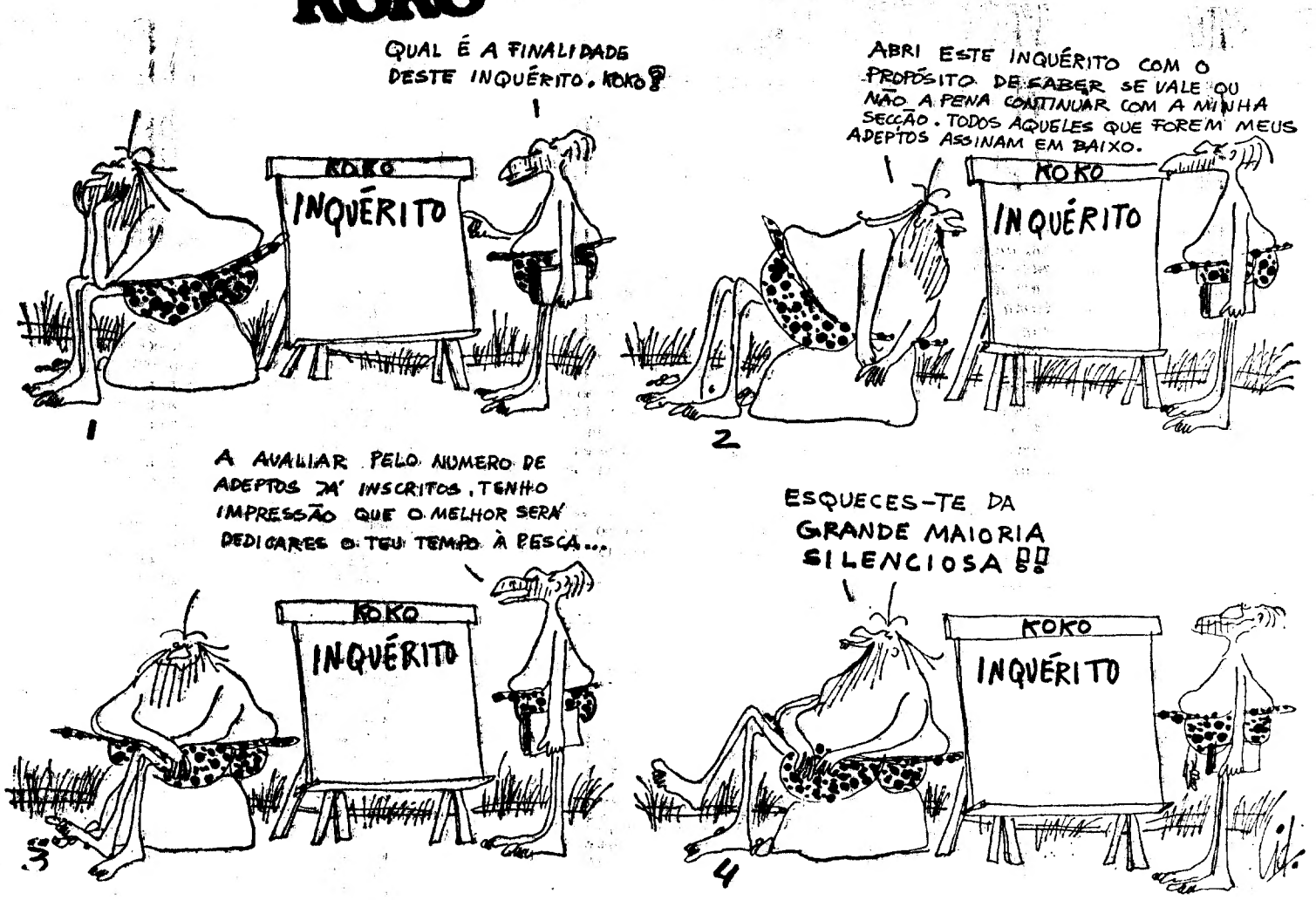
O literário dr. João Gaspar Simões, figura de prestígio na vida intelectual portuguesa, acaba de ser eleito sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, na vaga ocorrida por morte do prof. Reynaldo dos Santos.

A eleição de João Gaspar Simões (que já lhe foi comunicada por Austregésilo de Athayde) é, certamente, sinónimo do reconhecimento, por parte da Academia Brasileira, dos altos méritos intelectuais e literários daquele escritor português e, também, do seu esforço em prol da divulgação, entre nós, da literatura do país irmão.

«Construção civil — um curso inútil»

Assinada por quatro construtores civis recebemos do Carregado uma carta em que se agradece ao «Diário de Lisboa» a notícia «Construção civil — um curso inútil por falta de definição legal», recentemente publicada.

koko



O sr. Joachim Niemeyer à chegada a Lisboa

II CONGRESSO NACIONAL VOLKSWAGEN

Chegou a Lisboa, a fim de participar no II Congresso Nacional Volkswagen, durante o qual serão tratados assuntos da mais alta importância para uma projecção ainda maior da famosa marca alemã, o sr. Joachim Niemeyer, director de Exportação para a Europa Ocidental, da Volkswagenwerk.

No aeroporto, aquele dirigente da indústria automóvel era aguardado pelos srs. César da Silveira Machado, administrador da Sociedade Comercial Guérin, S.A.R.L.; Fred Schmidt, adjunto da Direcção Volkswagen; Walter Budau, delegado da Fábrica Volkswagen em Portugal; e Alfred Hassman, inspector de Peças da fábrica no nosso País.

O Congresso, que terá a participação de cerca de uma centena de congressistas, começa amanhã, no Hotel Flórida, e prolonga-se até sexta-feira.

As Festas das Vindimas no Porto

PORTO, 22 — O programa das celebrações das «Festas das Vindimas» inclui, hoje, a inauguração de três sugestivas exposições: «Vinária do Porto», na Casa do Infante; bibliográfica, intitulada «O Vinho na Literatura Portuguesa», na Biblioteca Pública Municipal; e ainda um certame fotográfico na União dos Comerciantes do Porto.

SEMANA DE ESTUDOS MISSIONÁRIOS

O significado e os limites da contestação analisados pelo padre Yves Congar

PORTO, 22 — O significado da contestação na Igreja, os seus limites e as condições «de uma legitimidade fecunda ou da sua impossibilidade», foram abordados hoje pelo padre Yves Congar, na sua conferência proferida na VIII Semana de Estudos Missionários, que está a decorrer em Valadares (Gaia).

— *A contestação é um facto* — disse aquele conhecido teólogo da actualidade. — *Ela significa algo, ela levanta problemas.*

Declarando que a contestação «*põe em causa, no interior da Igreja, certas estruturas da sua vida, a partir das exigências autênticas do que ela é, e das necessidades de uma adaptação pastoral e missionária*», o padre Congar afirmou:

— *Os homens, os próprios cristãos, já não vivem num mundo modelado pela Igreja (pelos clérigos). Num universo pluralista, não-religioso, interessado pela aventura onde o homem é o criador, os cristãos descobrem outros valores além daqueles que conheceram no universo católico clerical.*

Depois de concluir que, devido aos meios de comunicação social «*os acontecimentos mundiais são conhecidos por todos e imediatamente e os espíritos são informados e formados (ou deformados) antes de ouvirem qualquer palavra da Igreja*», o padre Congar prosseguiu.

— *Estabelece-se, deste modo, um impacto retroactivo «feed-back», da situação do mundo sobre a consciência dos cristãos, e mesmo sobre o modo como eles olham a Igreja.*

E frisou:

— *Seja como for, doravante temos que ter em conta que o homem a quem nos dirigimos já não é formado no seio da Igreja, mas um homem que vem doutro horizonte, diga-se mesmo, de outro universo.*

Como consequência, formaram-se dois tipos de reacção que aparecem simultâneamente: a busca de quadros de vida eclesial, expressão da fé e da oração, que sejam conformes às exigências do Evangelho, e a contestação da Igreja a partir de uma contestação política da sociedade.

— *Facto novo é o despertar dos cristãos para a consciência do Político* — asseverou o conferencista. *Uma grande parte da contestação vem daí: crítica de uma certa política da Igreja; apelo para que a Igreja tenha uma palavra e tome um compromisso nas grandes questões sociopolíticas actuais.*

Analisando as condições em que a contestação pode ser válida, o padre Congar disse:

— *É necessário experimentar o Espírito, ver donde vem o movimento e para onde ele vai. A contestação é de si mesma uma realidade de minoridades que crêem que o futuro lhes pertence. Os contestatários devem ter em atenção o seguinte: 1) Procurar o máximo de comunhão, e não de isolamento, evitar o espírito de seita. 2) Praticar o respeito dos outros, tratá-los «como irmãos». 3) Seguir a «paciência activa» que é completamente diferente do «espere, tenha paciência». 4) Contestar com amor, num quadro e num clima de amor.*

— *A recusa «a priori» de toda a contestação* — declarou, ainda, e a terminar, o padre Yves Congar — *devido ao conservantismo e ao imobilismo, é contrária ao espírito de missão.*

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

TELEVISORES
Desde 98$80 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS
Desde 98$80 Mensais, oferta da Dispensa JOVICA

ESQUENTADORES
Desde 98$80 Mensais, com montagem incluída

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
Oferta de 24 pacotes SKIP

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA
Oferta de 16 embalagens SUN

SEM ENTRADA FIADOR

JOVICA

LISBOA | Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

LISBOA DIA E NOITE

O 17.º SORTEIO BENEFICIOU DEZENAS DE LEITORES

«Aceite o nosso convite» é uma iniciativa que já pode considerar-se popular. Com efeito, no concurso participam semanalmente milhares de leitores do «Diário de Lisboa» que querem habilitar-se a algumas horas agradáveis: jantar, ouvir o fado ou dançar nos melhores restaurantes típicos e «boites» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

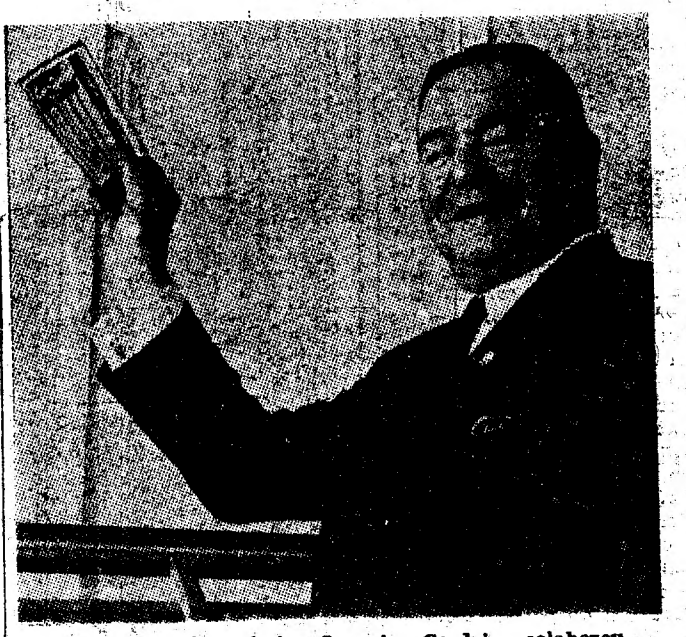
17.º sorteio, que ontem se realizou, beneficiou mais algumas dezenas de leitores (recordamos que cada premiado pode fazer-se acompanhar por um parente ou amigo). Os que a sorte distinguiu fazem parte da relação que a seguir publicamos. Joaquim Cordeiro, popular intérprete de fados humorísticos, encarregou-se da extracção das colecções. O sorteio foi dirigido pelo sr. Joaquim Carvalho Laranjo, chefe da P.S.P. Como representante do «Diário de Lisboa» o sr. Afonso Valente, chefe do departamento de promoções e vendas do nosso jornal.

Os concorrentes premiados

São os seguintes os leitores premiados e os estabelecimentos que lhe couberam em sorte:

1.º, José António Pimenta de Abreu, Rua Engenheiro Nobre Guedes, 19, 1.º, dto.-Lisboa (Adaggio); 2.º, Otília de Jesus Almeida, Av. Marechal Carmona, 145, 1.º, dto.-Amadora (Adega Machado); 3.º, António Carlos Andrade, Rua da Assunção, 36, 1.º-Covilhã (Arabita de Alfama); 4.º, Justina Lopes Ferreira Oliveira, Rua Correia Teles, 35, 4.º esq.-Lisboa (Archote Club); 5.º, Clotilde de Queirós Barreto, Rua Pedro Ivo, 7. 3.º esq. F-Lisboa (Baiúca); 6.º, Otília Manuela Ribeiro da Fonseca Pereira Mendes, Av. Cidade de Lourenço Marques, 159, 1.º-B-Lisboa (Bonapart Bar); 7.º, Nuno Augusto Carvalho de Brito, Rua K, lote 16, 7.º-esq. Quinta das Palmeiras-Lisboa (Casino Estoril); 8.º, Adolfo Elias Martins, Rua Bartolomeu Dias, 100, 1.º, dto.-Lisboa (Folclore); 9.º, Maria Florinda Barreira Martins Soares, Largo da Ajuda, 16, 1.º-Lisboa (Forte Velho); 10.º, Aurélia Morgado Gonçalves Marques dos Santos, Praceta dr. César Ventura, Casa Azul, r/c.-Montijo (Galeria Real); 11.º, José Carlos Correia, Av. Casal Ribeiro, 55, 1.º, dto.-Lisboa (Hippopotamo); 12.º, Ana Maria G. Molina, Rua de S. Bento, 47, 3.º, esq.-Lisboa (Kaverna); 13.º, Carlos Alfredo Martins Silva, Rua Manuel Bernardes, 26-A, r/c-Lisboa (Lar Português); 14.º, Luís da Costa Gil, Estrada Nacional 10, lote 28, r/c, esq. (Foguetelro)-Almada (Maxime); 15.º, Maria Júlia Cardoso, Pensão Infante de Sagres-Sagres (Márcia Condessa); 16.º, João Marcelino dos Reis Pontes, Rua Heróis de Quionga, 48, 1.º-Lisboa (Mil e Um); 17.º, José Manuel Faria Figueira, Av. Combatentes da Grande Guerra, 44, 5.º, esq.-Setúbal (O Forcado); 18.º, Orlando Gomes Gonçalves, Rua Projectada á Rua do Guarda-Jóias, 8, 2.º, esq.-Lisboa (Parreirinha de Alfama); 19.º, António Maria Pacheco Passo, Av. Principal de Miraflores, 45, 7.º dto.-Algés (Pop-Fado); 20.º, Luís Serafim Sestelo Moreira, Rua Arq. Cotinelli Telmo, residência S. José, 8-Murtal (Solar da Madragoa); 21.º, Alberto da Silva Cabral, Rua de Santo António, 15. 2.º, esq.-Costa da Caparica (Snob); 22.º, Francisco Lopes da Fonseca, Rua 1.º de Dezembro, 3, 4.º, 17-A-Lisboa (Tágide); 23.º, Herculano Santos Marques Ferreira, Rua Timor, 12, r/c-Lisboa (Taverna do Embucado); 24.º, Rui António Baía e Costa, Estrada Velha da Torre, 2-Oeiras (Timpanas); 25.º, Maria Lizette Frutuoso, Av. Estados Unidos da América, 79, 10.º-Lisboa (Terraço das Estrelas); 26.º, Alzira Marques do Carmo Braga, Rua Ilha de S. Tomé, 6, cv.-Lisboa (Fragata Real); 27.º António Marreiros Duarte, Rua das Furnas, 24, r/c, dto.-Lisboa (Severa); 28.º, Manuel Joaquim Ribeiro Frade, Rua Alegre, 48, r/c-Estrada de Alfama); 33.º, António da Silva Gabriel, Av. do Rio de Janeiro, 11, 1.º, dto.-Lisboa (Viela); 34.º, Joaquim Cabide Barroso, Rua Francisco Metrass, 126, 3.º, dto.-Lisboa (Baleeira).

A todos estes leitores, o «Diário de Lisboa» enviará oportunamente as credenciais que os habilitarão a utilizar os respectivos prémios.



O fadista sério-cómico Joaquim Cordeiro colaborou no sorteio desta semana

Manhã na praça

GEOMETRIA E ASSEIO

O mercado de Alvalade, do ponto de vista arquitectónico, não decepciona o utente. Um edifício sóbrio, de aspecto geométrico e, sobretudo, amplo. O público tem espaço para deambular á vontade, observando os diversos produtos, sem necessidade de se «colar» ás bancas.

Um dos traços dominantes do mercado é, sem dúvida alguma, a limpeza que por lá reina. Não se vêem vísceras pelo chão, e a boa ventilação (aberturas por todos os lados, deixando entrar o ar) elimina, em grande medida, os incómodos cheiros, existentes nas verdadeiras babéis que são outros mercados da cidade.

Bem, mas falemos de afluência de público. Já com os habitantes regressados de férias, nem por isso se vê muita gente a fazer compras no mercado de Alvalade. Como há aquela leizinha da oferta e da procura, também não é grande a abundancia de géneros, embora por lá se encontre, ainda, o essencial para a panela de todos os dias, de quem cozinha a gás, em casa de pedra e cal, claro.

Como não podia deixar de ser, situado numa das zonas mais modernas da cidade, o mercado não possui aquele aspecto característico de bazar marroquino. O tempo não se compadece com recordações coloridas, o progresso é, segundo se diz, traduzido pela geometria e pela limpeza dos ambientes, nesta constante luta contra a «poluição» das formas e das pessoas!

PREÇOS DOS PRODUTOS

O quilo das batatas estava a 1$60; das cebolas, a 2$50; das cenouras a 3$50; do tomate, a 2$50, 3$00 e 3$50; do feijão-verde, a 4$00; da azeitona, a 8$00; dos alhos, a 30$00; do pepino, a 4$; dos pimentos, a 4$00.

O molho de nabiças vendia-se a 7$00; de espinafres, a 9$00; a alface, a 1$00.

PEIXE

Vimos o quilo das lulas a 38$00; do carapau, a 8$00; do peixe-espada, a 11$00; da corvina, a 18$00; da garoupa, a 25$; da pescada branca, a 45$.

FRUTA

Observámos o quilo das bananas a 7$00, 8$50 e 10$00; das maçãs, a 6$; das uvas, a 8$00 e 12$00; do melão, a 4$00; das pêras, a 9$00; dos pêssegos, a 11$00.

CRIAÇÃO E OVOS

A duzia de ovos estava a 9$60, 14$00 e 15$00. O quilo do frango limpo vendia-se a 24$00.

DONA DE CASA

Missão ao estrangeiro de administradores da A. G. P. L.

Para uma visita ao porto de Copenhaga, partiram para a Dinamarca os srs. eng.º Pedro M. B. Arsénio Nunes e dr. Henrique Daries Louro, respectivamente presidente do conselho de administração e administrador-delegado da A. G. P. L.

Após esta visita, o sr. dr. Daries Louro dirigir-se-á para a Noruega, onde representará o porto de Lisboa nas cerimónias comemorativas do 9.º centenário da criação do porto de Bremen e visitará a Exposição Portuária, integrada nessas comemorações, participando ainda na Conferência Sobre o Desenvolvimento dos Portos e do Tráfego Internacional, que ali se realiza.

O secretário do Orçamento visitou a fábrica de tabacos Intar

O secretário de Estado do Orçamento, dr. Vítor Coelho, visitou, esta manhã, as instalações da Intar, onde procedeu á inauguração de diversos melhoramentos, quer de carácter social, quer de natureza técnica.

Aquele membro do Governo, depois de ter sido recebido pelo prof. dr. Fernando Emygdio da Silva, marquês de Mendia e eng.º Diogo de Sottomayor, que representavam a administração da empresa, começou por proceder á inauguração do moderno sistema de ar condicionado, que importou em cerca de 11 mil contos, o qual abrange toda a unidade fabril, permitindo aos operários de ambos os sexos (600) um ambiente de trabalho mais agradável e uma produtividade maior.

Em três linhas

A Câmara Municipal de Vila Franca do Campo vai erigir ali um busto do eng. Artur do Canto Resende.

///

Vai ser inaugurado o Mercado da Anadia, construído com a comparticipação do Estado.

///

Está concluída a obra de adaptação de um edifício em Moura para sede do Município.

Entra ao serviço o edifício onde foi instalada a escola do ciclo preparatório em Vila Viçosa.

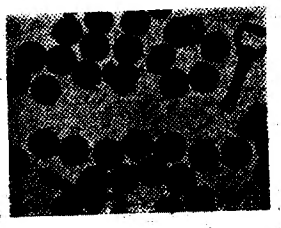
///

Foi aprovada a planta parcelar relativa à beneficiação da concordância da estrada nacional n.º 229 com as estradas municipais para Brufe e São Pedro de France, e declarada a utilidade pública das expropriações urgentes dos terrenos necessários.

19.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 22 de Setembro de 1970



BOM APETITE

CERVEJARIA E RESTAURANTE
R. de Salitre, 9
(Junto ao Parque Mayer)
Aberto até às 3.30 h.
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AR CONDICIONADO

NO RESTAURANTE
NO SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
TATU
Campo Grande 60
Telef. 76 51 88
AMANHÃ
FEIJOADA A BRASILEIRA
QUINTA-FEIRA
PATO NO FORNO

VIRIATO
SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 55 07 98

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
Premiado pelo S. N. I.

MAFALDA

AO VIVO

Mafalda Sofia gravou, para a R.T.P., uma série de canções destinadas a um programa de genérico «TV Clube». Desta vez, houve mesmo acompanhamento musical: um conjunto dirigido por Víter Campos deu o tom às melodias.

FERNANDO MAURÍCIO

MAURÍCIO

EM FADOS INÉDITOS

Fernando Maurício («Prémio de Imprensa» como «o melhor intérprete de Fado» do ano transacto) vai gravar o seu segundo disco para a etiqueta «Estúdio» (de Emílio Mateus). O castiço fadista apresentará, nesse 45 rotações, quatro trechos inéditos.

LEÓNIA:

«SHOW» ITINERANTE

Leónia Mendes, há largo tempo afastada dos elencos teatrais, efectuou uma pequena digressão pelo ultramar (Guiné e Angola) regressando ao continente.

Agora, a actriz cómica está a organizar um elenco que se propõe actuar em Moçambique e perante plateias de emigrantes portugueses estabelecidos na Alemanha e em França.

QUEM DIRIA?

CAMILO e IVONE no mesmo cartaz

Camilo de Oliveira e Ivone Silva numa cena da nova revista «Alto lá com elas», em representação no Teatro ABC. O número intitula-se «D. Erótica» e foi escrito pela parceria Paulo da Fonseca — César de Oliveira-Rogério Bracinha. Curiosidade: é a primeira vez que Camilo e Ivone estão juntos, encabeçando o mesmo cartaz. Para o círculo do Parque Mayer, isso era considerado impossível de suceder

NOVOS HORIZONTES

PARA OS ARTISTAS DE PORTUGAL?

A «Dellamonti, R. P. A.» (João Maria Tudella e Pedro Moutinho, realizações publicitárias e artísticas, Lda.) vai reunir-se com a Imprensa na tarde da próxima quinta-feira, para expor os largos planos de trabalho da jovem agência. Entre outros assuntos sabemos que virá à baila a promoção de artistas portugueses no estrangeiro o que, a tornar-se autêntica realidade, abrirá novos horizontes profissionais a valores até aqui confinados à fronteira da língua portuguesa.

TUDELA sem chapéu

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA: RESTAURANTES TIPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam Maria da Fé, Argentino Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalina Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam António Proença e Miguel Ramos * Cons. mín. 50$00 * Beco do Espírito Santo, 1 * Telef. 865209

TAVERNA DO EMBUCADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correia. Tocam Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leo * Encerra aos domingos * Consumo mín 90$00 * Beco dos Cortumes, 10 * Telef. 860816.

MARCIA CONDESSA

cantam Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragoso e Juliete Maria. Tocam Alberto Vilar e António Pessoa * P. da Alegria, 58 * Telef. 867093 * Encerra à segunda-feira

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Maria Emília, Ana Madalena e José Teixeira. Tocam: António Parreira e José Inácio * Rua da Esperança, 174 * Telef. 661915 * Cons. mín. 50$00

SOLAR DO MINHO

cantam Eduardo Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Rossano Lima, João Nunes, e Artur dos Santos. Tocam Hermenegildo Lopes e José Meneses * Rua de Vigário, 60 * Telef. 866811.

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernando Guerra, Juliete Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega Aveiro Rodrigues, Fernanda Matos e Corpo de baile constituído por 9 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves * Cons. mínim. 120$00 * Taxas incluídas * Rua Nova da Trindade, 22-A * Telefs. 35007-323406 * Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: Inês Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Juim Barreiros * Cons. mín 61$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Reis 24 * Telefones 676655 67341

A SEVERA

cantam Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» * Rua das Gáveas, 57 * Telef. 84006 * Encerra à quinta-feira.

MIL E UM

cantam Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, Adriana Franco, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Lourinda Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto * Cons. mín. 40$00 * Travessa de Espera, 8 * Telefone 35464 * Encerra às 5 da madrugada.

LUSO

Elenco: Tristão da Silva, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermido, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Pedro Caldeira Cabral (guitarra), Fernando Alvim (viola), Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha * Trav. da Queimada, 10-16 * Telefs. 362889 - 328503

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam João Alberto e Manuel Martins * Cons. mín 50$00 * Travessa de S. Miguel, 22 * Alfama * Telefone 868552.

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz da Conceição, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares. Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale * Cons. mín. 50$00 * R. das Taipas, 14 * Telef. 327256.

A KAVERNA

cantam: Tina Santos e Celeste Maria. Tocam Armandinho Maia e José Maria Carvalho * Cons. mín. 90$00 * Travessa dos Fiéis de Deus, 37 * Telef. 35593

LAR PORTUGUES

cantam: José Borges Nuno de Aguiar, Armando Miranda, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Besso e Fernando Reis * Cons. mín. 50$00 * Rua do Barroca, 133 * Telefs. 36960 e 30532 * Encerra às Terças-feiras

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias * Cons. mín. 30$00 * Rua das Trinas, 67 * Telef. 66 98 57 * Encerra ao domingo.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Coimbra por João Queiroz. Inio Melodia Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva * Cons. mín. 70$00 * Rua do Norte, 91 * Telefs. 30095-323713 * Encerra à segunda-feira

O ARABITA DE ALFAMA

Encerra aos domingos * Cons. mín. 40$00 * Rua do Adiça, 9 * Telef. 86345

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariano Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva * Cons. mín. 40$00 * Rua de Rosa, 219 * Telef. 368579

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Besso e Fernando Reis — Encerra ao domingo * Cons. mín 35$00. Largo do Penetreiro, 7 (Alfama) * Telef. 868505

RESTAURANTES, BARES — «BOITES» E «DANCINGS»

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 9-A Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D e T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 * Reacção e Maximiliano * «Shows» turísticos * Variedades internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos * Rua D. Filipa de Vilhena.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 78 * Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 4 * Campo Grande * Telef. 790177 * Encerra às 3.30.

BAIUCA

R. do Barroca, 86 * Telef. 34706

LORD

Rua Victor Cordon 14-A * Telef. * 323098

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro * SINTRA * Telef. 981661 Encerra à meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. * R. de S. Miguel, 70 (Alfama) * Tel. 872761 6-D.

FLOR DE LIS

Bar M/17 Rua do Ataíde, 18 (Bairro Alto) * Telef. 367136 * Encerra às 3 horas.

TAGIDE

Variedades internacionais * Largo da Biblioteca, 18-22 * Aberto ao domingo

SNOB

Rua do «O Século», 178 * Telef. 33723

TAMILA

Morão e s/ Conjunto, Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117 * Matinées todos os dias * Encerra aos domingos

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu «novo restaurante de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Rua Carlos Reis portuno * Discos recebidos directamente * 51-A * Telef. 775695

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades internacionais * Telefs.: 264521 - 264526 264596 264621 - 264946

FORTE VELHO

Paço * S. João do Estoril * Telef. 261337

jardim das DELÍCIAS

JOÃO MEDINA

AS ORIGENS OCULTAS DA TORRE EIFFEL

«La chair est triste, hélas!...»
MALLARMÉ

Quase toda a gente supõe (ingènuamente supõe) que a torre Eiffel foi construída pelo eng.º Gustave Eiffel, nascido em Dijon, em 1832, e falecido em Paris, em 1923, para a Exposição Universal da capital francesa. Aparentemente (mas só aparentemente), assim é, e a torre, com a forma de uma piramide quadrangular de faces curvas, de 320 m e 75 cm de altura (desde o solo até á ponta da antena de radiodifusão), foi erguida no Campo de Marte, de 1887 a 1889. Tudo isto não sofre o desmentido dos factos, tudo isto o traz qualquer enciclopédia. Mas o que os factos, na sua desnuda e patética magreza, não revelam é que a dita torre tem origens ocultas, que poucos conhecem, e que se prendem, aliás, com uma história de saias. Olhando a famosa girafa metálica que espreita os fumos de Lutécia com as patas fincadas no Campo de Marte, os indígenas locais costumam mesmo dizer, com uma engraçada piscadela de olhos: «Cherchez la femme...», ou seja, por detrás de tudo (arte, ciência, marinharia, aeronáutica, engenharia, filosofia, sociologia, religião, etc.) há sempre uma mulher — a Mulher.

Mas no caso da famosa torre de «mr.» Gustave Eiffel não é uma mulher que devemos procurar, mas uma rã. Pois, uma rã. Ora escutem, então, a verdadeira e oculta história da torre Eiffel. Era uma vez em França (não, não se vão embora, que a história tem graça e é autêntica), no Verão de 1887, para ser exacto, quando ainda era presidente da República o sr. Jules Ferry (lembram-se dele? Não?), um jovem sapo (sim, eu disse mesmo sapo, não foi engano) chamado Jean-François, que preparava a sua entrada nas grandes escolas, como lá se diz. Ora o dito estudante encontrou uma rãzinha da mesma idade, bonita como poucas, e de coxas muito esguias e brancas. A rapariga (por assim dizer) habitava, com um tio chamado Lebougre, num tanque modesto, mas tranquilo, de Di..an, cidadezinha da Bretanha, onde Eça de Queiroz escreveu o «Conde d'Abranhos». Pois ia eu dizendo que o jovem sapo Jean-François conheceu uma formosa sapa nesse Verão já tão distante.

Como quase todas as rãs de França e Navarra, esta chamava-se Nicole, e era, de facto, muito bonita, o que despertou em Jean-François uma paixão tão súbita quanto intensa (não, não tenham medo, esta história não é lamecha e, pelo contrário, tem um fim curioso). Mal se conheceram, ficaram os dois sapinhos profundamente enamorados um do outro. Chegado o fim de Agosto, Jean-François disse a Nicole que ia para Paris, fazer o concurso para a entrada na «Ecole Normale des Crapauds» da Rua de Ulm, perguntando á cachopa se queria ir com ele. A sapinha não se fez rogada, e juntou os trapos, aliás, poucos. E, uma noite, quando o velho sapo, tio de Nicole, relia Gobineau á luz de uma candeia de azeite, fugiram os dois para Paris. Ah, Paris! Etc.

Chegaram a Paris, maravilhados e tontos de felicidade, o sapo Jean-François e a sapinha Nicole, dois estouvados batráquios de França. E logo na capital, metidos num recanto de um lago no jardim do Luxemburgo (conhecem? Maravilhosos jardins, não é? Tenho um amigo que mora ali, a dois passos, na Rua de Vaugirard, mas desculpem a interrupção), fizeram grandiosos projectos: ela faria «tricot» e iria ás compras, ele estudaria álgebra e venderia jornais pelas redondezas. Mais tarde, quando tivesse concluído o curso, iriam para um tanque qualquer da Provença, pois dizem que por lá as noites são amenas e claras.

Mas, assim divagando numa poça do Jardim do Luxemburgo, esqueciam os dois mariolas que o velho sapo Lebrougre, grande especialista de Gobineau e tio da cachopa, dera pela fuga da moça e se preparava para castigar os amantes. Aproveito a ocasião para dizer que este velho saparrão já vivera nas margens do Reno e tinha grande fama de sábio, graças ás suas edições críticas do conde Joseph de Gobineau (1816-1882). Todos se recordam ainda com emoção desse belo livro «Le crapaud, cet inconnu», assim como da primeira edição crítica das «Nouvelles asiatiques» do dito conde gaulês. Ao constatar o desaparecimento da sobrinha, o erudito batráquio logo farejou que os amantes tinham ido para Lutécia, porquanto é para lá que fogem todos os sapos enamorados ou dados ás Musas (como o fizera, alguns anos antes, um sapo de Charleville, chamado Rimbau). E, sem mesmo pôr uma marca no livro que estava a ler, o sapo Lebougre meteu-se no comboio para a capital, pensando com os seus botões: «Hei-de apanhá-los com a boca na botija!...» e assim foi, como já veremos.

Ora pois, como eu ia dizendo, estavam os dois sapos enamorados em Paris, a flinarem ao longo do Sena, a verem os «bouquinistes», onde aliás compraram gravuras do séc. XVIII representando a velha cidade em torno do «Pont Neuf», a subirem e a descerem o «boulevard» Saint-Michel, como fazem todos os bratráquios que chegam à capital. Mas o Destino aguardava-os numa esquina com a rua Saint-Severin: bebendo absinto e fumando cigarrilhas sobre cigarrilhas, um volume de Goubineau no bolso do paletó, o velho Lebougre aguardava a passagem do casal. E quando os dois sapinhos, felizes e absortos, passavam pela esplanada sem repararem no velho sapo, este deu um pincho formidável e barrou-lhes o caminho.

Foi então o drama. Sim, a palavra não é exagerada pois o jovem Jean-François, num gesto instintivo, sacou do bolso das calças um revólver e desfechou cinco tiros à queima-roupa sobre o saparrão erudito. E logo ali, em pleno «quartier latin», o batráquio Lebougre rendeu a alma ao criador. O resto conta-se depressa e veio aliás em todos os jornais da França: o assassino deu ás vila-diogo, a inconsolável Nicole morreu de desgosto, os jornais publicaram enormes parangonas falando do «CRIME BARBARE: UN ETUDIANT TUE UN VIEUX SPECIALISTE DE GOBINEAU» e a «gendarmeria» lançou-se no encalço de Jean-François, que foi descoberto na pia baptismal da igreja de Santo Eustáquio. Conduziram-no para Fresnes, donde pouco depois o levavam para o lugar da execução, nos arredores de Vincennes, exactamente no mesmo local onde Napoleão mandou fuzilar o tenro duque d'Enghien. Ora este drama que teve o condão de abalar a França de 1887, esteve na origem directa da construção da torre do eng.º Eiffel, como o atesta a canção:

«C'est en memoire de cette histoire cruelle
Que l'on a fait construire la tour [Eiffel».

Galamares, Setembro de 1970

Um dos vencedores do concurso

Portugal venceu um concurso internacional

A destreza, habilidade, versatilidade e dinamismo do português moderno vai ganhando juros de concretização noutros campos, que não os do desporto em geral e do futebol em particular...

Assim, num concurso internacional de vendas de Halazon Spray Oral, recentemente levado a cabo entre 18 países pela Anasco GMBH, de Wiesbaden, Portugal colocou-se á cabeça, através dos brilhantes resultados obtidos pelos srs. José Alfredo de Sousa e José de Faro Sarmento, ambos da equipa de vendas da Firma F. Lima & C.ª, Sucr., Ld.ª, representante e distribuidora em Portugal do Halazon Spray Oral.

Vencedores absoluto de uma promoção internacional a escala europeia — a diferença entre Portugal e o segundo país classificado, a Espanha, foi de cerca de 1500 unidades — os colaboradores da Firma F. Lima & C.ª Sucr., Lda., provaram amplamente que a iniciativa e o esforço pessoais podem, mesmo num espaço económico limitado, como o português, dinamizar o progresso e fomentar o desenvolvimento e bem-estar colectivos.

DIRECTOR CLÍNICO DO HOSPITAL DE S. JOÃO (PORTO)

PORTO, 22 — O sr. prof. dr. José Joaquim Monteiro Bastos, director do Serviço de Propedêutica Cirúrgica do Hospital de São João foi nomeado director clínico do mesmo Hospital.

PERIGO

PRÉDIO DE ANDARES A PELO SISMO AMEAÇA

— O prédio está assim do ano passado — **disse-n reira, moradora no rés-do Morais Soares.**

Trata-se de um prédio d andares, cuja fachada se ficada em consequência de 1969.

Segundo aquela senhora, encontram-se habitados todos os andares com excepção do quarto — e nunca ninguém disse aos inquilinos se o prédio

Aspecto do prédio que faz gaveto e Carlos Mardel (canto Noroeste), do pavimento em que a trepidação causar a derro

Serração de madeiras: acentua-se a tendência para a diminuição do

Voltou a acentuar-se no ano passado a tendência já anteriormente verificada na indústria de serração de madeiras para o abaixamento do número de empresas. Segundo o respectivo Grémio Nacional, aquela tendência assumiu, em 1969, uma expressão significativa: fecharam 39 empresas e nasceram 19, o que dá um saldo negativo de 20. O Grémio acentua, no entanto, que «*no domínio do sector, tal variação não tem, por ora, incidência notável na capacidade produtiva*».

Depreende-se do memo relatório a convicção de que a referida tendência é o início de um movimento que sanеará o sector. Com efeito, referindo-se ao Decreto 46318 (de Abril de 1965) que aprovou a regulamentação industrial, o Grémio assinala que o diploma «*visou, em primeiro lugar, chamar à realidade todos aqueles que embalassem a ideia de mais um pedido de licenciamento para explorar a indústria de serração de madeiras*». A história, aliás, vem já de muito longe: «*iludidos com os lucros anormais, obtidos durante as duas grandes guerras, pareceu a muitos que a serração de madeiras seria susceptível de dar, continuamente, um autêntico caudal de lucros, suficientes para garantir aos empresários a sua independência económica. E daí, a torrente de pedidos de alvarás e licenças para instalações industriais, sem prévia preocupação com o estudo do que convinha realizar, em matéria de dimensionamento, equipamento, prospecção de mercados, formação profissional e gestão empresarial*». Em consequência de tudo isto, foi possível o estabelecimento de mais oficinas que as necessárias para abastecimento dos mercados, «*com a agravante de uma concorrência antieconómica e anti-social*».

De qualquer modo, o número de inscritos no Grémio em 31 de Dezembro de 1969, era, ainda, de 1373, sendo 1234 os industriais agremiados e 139 os industriais simplesmente contribuintes.

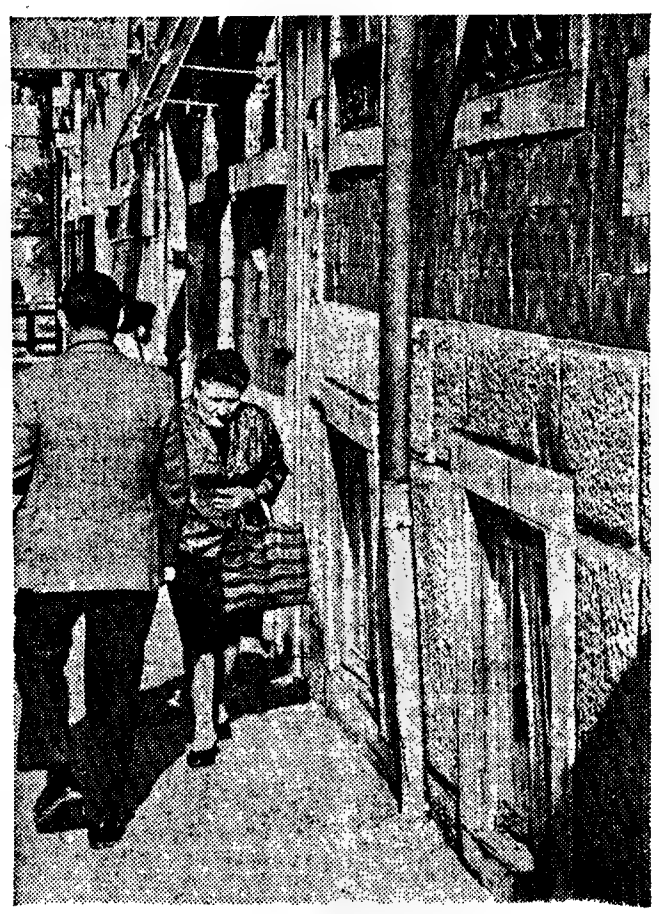
Aumento espectacular das exportações

De acordo com o relatório do Grémio, o ano de 1969 encerrou de forma optimista para a indústria de serração de madeiras no capítulo da exportação E embora as exportações globais de madeira serrada, para caixas, tenham sofrido um decréscimo de ordem dos 17 % em relação a 1968, a exportação de madeiras serradas para construção sofreu um «*aumento espectacular*»: mais de 70% em relação ao ano anterior. Nesta última rubrica os preços sofreram decréscimo (cerca de 5.7 %), o que obstou à entrada de cerca de 9500 contos de divisas.

Isto, contudo, não quer dizer que o sector tenha os problemas resolvidos no respeitante a exportação. Nas suas informações sobre este sector, a Associação Industrial Portuense a acentua, (no relatório da direcção relativo a 1969) que «*o mercado interno continua a ser a grande fonte de escoamento, dado que o sector se encontra impossibilitado de competir em plano de igualdade com os países mais industrializados*». Acrescenta: «*Não obstante as facilidades concedidas ao abrigo do acordo da EFTA e na integração do Espaço Económico Português, tal como no transacto, a situação não tem evoluído favorvelmente nem tão-pouco se vislumbra qualquer possibilidade enquanto não se fabricar um produto competitivo no es-*

...O NA R. MORAIS SOARES?

...DE QUATRO ...S ABALADO ...MO DE 1969 ...Á RUÍNA

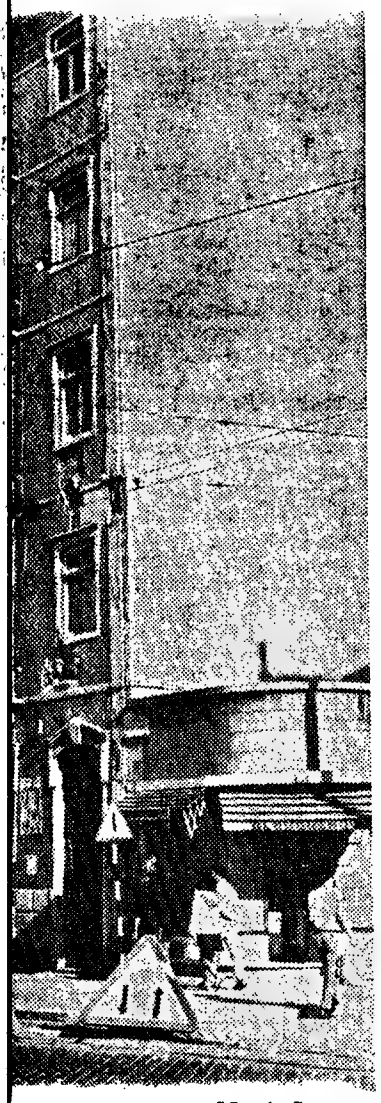


No passeio, os transeuntes ainda podem caminhar, mas o prédio mostra já uma distorção da parede, bem visível pela deformação do cano por onde escorre a água do telhado. Qualquer novo abalo ou a trepidação dos veículos pesados pode precipitar uma derrocada que terá consequências graves, não só para os moradores mas também para quantos se encontrem nos passeios

...á assim desde o abalo de terra - disse-nos a sra. D. Idalina Par... o rés-do-chão do n.º 170 da Rua ...

...prédio de rés-do-chão e quatro ...nada se mostra bastante dani... ...uência do sismo de Fevereiro

...o- ameaça (ou não) ruína.
...a- No entanto, no pavi...m mento daquela artéria, ...e mesmo defronte do pré...os dio, foi disposta uma ve...o dação constituida por



...gaveto entre as ruas Morais Soares ...oroeste), vendo-se vedado o espaço ...repidação dos veículos pode vir a ... a derrocada

marcos e cadeias de ferro. Objectivo: evitar que circulem ali veículos (ligeiros e pesados) cuja trepidação afectaria, provàvelmente, a estabilidade do prédio.

E o passeio? O passeio não oferece qualquer obstáculo aos transeuntes, pelo que as pessoas passam despreocupadamente junto do prédio ignorando um perigo que, na verdade, talvez exista...

Entretanto, o perigo existe e restará saber a quem pedir responsabilidades se merecem ser sacrificadas vidas e bens.

Para já, mais um ponto da cidade onde o tráfego automóvel é prejudicado, com atrasos inevitáveis para os transportes (colectivos ou privados) dos munícipes. Repete-se o caso da Avenida 28 de Maio (ao Campo Grande) a que oportunamente nos temos referido.

Mais uma vez, interesses particularíssimos (de um só proprietário) estão a prejudicar o interesse geral. Até quando?

...lo número de empresas

...- *trangeiro*». Diz ainda a A. I. P.: «*E essa possibilidade só poderá ser obtida à custa de supressão ou diminuição de vários encargos que incidem sobre a generalidade das matérias-primas e pela atribuição de prémios de exportação*».

Com efeito, a escassez de algumas espécies de madeira, nomeadamente do Ultramar, e deficiências no aspecto qualitativo, motivaram um nível bastante elevado de preços, «*cerceando as já parcas possibilidades de exportação de produtos manufacturados*», de acordo com a A. I. P. que acrescenta ainda que, «*apesar do agravamento de preço das principais matérias-primas, a produção tem vindo a aumentar, embora lentamente, mercê da política inteligente e equilibrada da maioria das empresas do sector*». Por seu lado, o Grémio Nacional dos Industriais de Serração de Madeiras afirma que: «*durante o ano de 1969, não houve alterações apreciáveis no preço médio das madeiras em toro, mas gizaram-se movimentos tendentes à organização do abate e distribuição da matéria-prima que implica com eventuais alterações futuras*».

NOVAS REVELAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DA DIETA NO NÍVEL DE COLERESTOL

Por HARRY NELSON

(Exclusivo «The Los Angeles Times»-«D. L.»)

Os cientistas que trabalham no Estudo de Doenças Cardíacas de Framingham, no Estado de Massachusetts (E. U. A.) puseram agora em dúvida e crença largamente generalizada segundo a qual o nível de colerestol depende, em grande medida, da quantidade de gorduras ingeridas.

O relatório dos cientistas apresenta a seguinte conclusão:

«Não há relação discernível entre o regime dietético e o nível de colerestol no grupo de pessoas examinadas, nos arredores de Boston».

O relatório, da autoria do dr. William Kannel e Tavia Gordon, do Instituto Nacional do Coração e Pulmões baseia-se num estudo, que durou 10 anos, e abrangeu 912 pessoas: 437 homens e 475 mulheres.

«Os dados revelam que qualquer relação entre a dieta e o nível de colerestol, na população abrangida por este estudo, é nula ou, pelo menos, insignificante», afirma o relatório.

Os investigadores declaram que daí não deve concluir-se que não há quisquer relações entre a incidência de doenças das coronárias e o regime alimentar—apenas parece que não há relação entre essas doenças e a ingestão de gorduras, pelo menos no grupo de pessoas examinadas.

Durante muitos anos, a Associação Americana de Coração advogou vigorosamente uma dieta de baixo teor de gordura para toda a população.

A dieta diária do grupo do estudo Framingham consistia de 3156 calorias para os homens e 2142 para as mulheres. Cerca de 40 por cento das calorias eram fornecidas por alimentos gordos, 70 por cento dos quais provinham de produtos animais.

«É importante ter bem presente o que esta descoberta significa e o que não significa», afirma o relatório «Significa que a dieta do grupo sujeito ao estudo (conforme avaliação a que aqui procedemos) não está associada a diferenças equivalentes no nível do colerestol. Não significa que as diferenças de nível de colerestol entre esse grupo de Framingham e outras populações (digamos, o povo japonês) não se relacione com as suas diferenças de regime alimentar. Menos significa ainda que os níveis de colerestol não possam ser alterados por meio de uma mudança de regime dietético».

A revista «Medical World News» diz na sua edição mais recente que esta descoberta «pode ser chocante para o público e para muitos médicos».

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE JURO

DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ... 50 CONTOS 3%

5,5% DEPÓSITOS A MAIS DE UM ANO

TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCO

A EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DE TIMOR

A contribuição dos sectores privados para o Fundo de Diversificação e Desenvolvimento, durante a campanha de comercialização de 1970-1971, foi fixada em $80 por quilo de café a exportar para mercados estrangeiros, ao abrigo das quotas que no País venham a ser atribuídas pelo Acordo Internacional do Café e sejam utilizadas por Timor.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CENTRO INTERNACIONAL de LÍNGUAS
Director: PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL
80 MINUTOS de ENSINO:
LIÇÃO EM CLASSE (50 minutos) +
ESTUDO NOS LABORATÓRIOS (30 minutos)
LIÇÕES INDIVIDUAIS em 6 modalidades
Todos os NÍVEIS
R. Mouzinho da Silveira, 25
Tel. 538494

TALHERES EM PRATA
TEMOS UM GRANDE SORTIDO
Reproduzimos fielmente qualquer modelo antigo ou moderno
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 255 — LISBOA

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Errol Flynn, o famoso galã (já desaparecido) foi o «herói» de grandes aventuras inventadas por Hollywood. Esta noite, ele volta ao pequeno «écran»

Recordar Errol Flynn em «A Patrulha da Alvorada»

NOITE DE CINEMA

Após o ciclo «Encontro com Hollywood», programado para o Verão, «Noite de cinema» vai apresentar um pequeno grupo de filmes que a R. T. P. denominou de «Fitas Esquecidas».

Trata-se de obras que (desconhecidas entre nós, mal apreciadas ou exibidas há bastante tempo) valerá a pena recordar.

Serão exibidos «A Patrulha da Alvorada», uma aventura clássica, com o saudoso Errol Flynn que vai esta noite para o ar. Depois, a R. T. P. vai apresentar, em estreia, um dos mais curiosos *westerns* de John Ford: ««Three Godfathers». Veremos ainda «Medo de Amar» (de Clarence Brown» com Clark Gable e Barbara Stanwyck, e, finalmente, uma das primeiras fitas de Jerry Lewis, quando formava dupla com Dean Martin — «O marujo conquistador».

Inaugurando a nova época cinematográfica, «Noite de cinema» apresentará um ciclo de filmes franceses e, no período natalício, novo ciclo de filmes britanicos, muitos dos quais inéditos no nosso País.

Assinados por cineastas como Henri-Georges Clouzot, Marcel Camus, Alexander Mackendrick, Ronald Neame ou Alberto Cavalcanti, as obras a exibir revelerão algumas das mais interessantes tendências do cinema europeu.

☆

«Um grupo de aviadores norte-americanos, instalados numa base francesa, vive difícil aventura de guerra...»

A partir daqui, Edmond Coulding realizou «A patrulha da alvorada», filme em que um punhado de nomes muito populares rodeia o personagem principal: Errol Flynn Com efeito, ao lado do «galã» de bigodinho estreito encontram-se Basil Rathbone, David Niven, Donald Crisp, Melville Cooper, Barry Fitzgerald e Carl Esmond.

☆

Errol Flyn (desaparecido da vida a 14 de Outubro de 1959) foi um verdadeiro «ídolo» de Hollywood e teve a sua vida real marcada por centenas de incidentes que arrojaram o nome do artista ás primeiras páginas dos jornais de todo o Mundo.

Dilatadas (e tumultuosas) experiências amorosas marcaram-no para sempre, embora oficialmente apenas tenha tido três matrimónios: com Lili Damita, Nora Haymes e Patricia Wymore, todas elas actrizes de grande nomeada.

Errol nascera a 20 de Junho de 1909, na Tasmânia (Nova Zelandia) Começou a ser educado na Austrália: mais tarde também estudou em Londres e em Paris. Aos 20 anos era oficial do exército nas forças acantonadas na Nova Zelandia. E, três anos decorridos, encontra-se em Hong-Kong, como

(Continua na página seguinte)

JOHN STEED E TARA KING não folgam à 4.ª feira

Amanhã, pelas 22 e 30, há vingança! Steed (Mr. John Steed, aliás Patrick MacNee) e Tara (Miss Tara King, aliás Linda Thorson) proporcionam aos telespectadores uma hora de aventuras subordinadas ao genérico «Os vingadores».

Realizado por Charles Crichton e também interpretado por Anthony Bate e Venneth Coje, o episódio baseia-se na história de *«uma organização de espiões a soldo de uma potência estrangeira que se faz passar por um departamento dos serviços secretos e provoca etc., etc. etc...»*

Sua Majestade acabará á noite reconfortado: no seu reino, a dupla de vingadores está de olho bem aberto. Antes assim.

AMANHÃ — 1.º Programa — 1.º Período — Às 12 e 45: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: «Julia»; 13 e 45: Telejornal; 14: Um dia com...; 14 e 15: Logo á noite; 14 e 20: Convite para jantar. 2.º Período — Às 19: Abertura; 19 e 1: Nos bastidores da aventura; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Vamos jogar no Totobola; 20: Portugal além da Europa; 20 e 25: Ensaio; 21 e 30: Telejornal; 22: TV Clube; 22 e 30: «Os Vingadores»; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Curto-Circuito; 23 e 50: Fecho

Eunice (Mina Raschid) Muñoz

O repetente II «CANAL»

Eunice Muñoz (Nina Raschid) é a principal interprete do episódio dramático «O jogo da verdade», da autoria de Costa Ferreira.

Nesta realização de Oliveira Costa com cenários de António Botelho, que se repete no segundo «canal» ás 22 horas já estivera no ar a 12 de Janeiro último) participam, também, Sinde Filipe, Josefina Silva e Zita Maria.

EXPOSIÇÃO ALEMÃ DE RÁDIO E TV

Com um simpósio sobre o futuro audiovisual do homem, no qual participaram peritos de seis países, foi inaugurada em Dusseldorf (República Federal alemã) a Exposição Alemã de Rádio e Televisão-1970. No terceiro milénio o mundo estará envolvido em fios e cabos. Tècnicamente já são possíveis o telefone com imagem a cores, o automóvel de direcção automática com vídeo para o condutor, assim como o computador casa, ligado a um grande conjunto de processamento de dados, capaz de dar resposta a todas as perguntas. Os visitantes da XI Exposição Alemã de Rádio e Televisão interessaram-se, porém, muito mais pelas novidades, tais como uma nova válvula de 110 graus (de menor profundidade) que reduz a espessura dos aparelhos de televisão em 12 centímetros. É cada vez maior o entusiasmo pelos «Cassetten-Recorder». O Trabant RC 200 pesa apenas 1,6 kg, servindo para reportagens, ditados e gravações de toda a espécie, (por exemplo, como na foto, o primeiro discurso do pequeno cidadão). O Trabant RC 400 (à esquerda), pouco maior, é fácil de transportar e reune todas as novidades da técnica.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Canções estrangeiras; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: Orquestras ligeiras; 18 e 25: Conjuntos; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 16.º Episódio do Folhetim «A Pedra de David»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Cinema, por Amandio Videira Santos; 21 e 25: Canconetas; 22: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 30: Fados por Helena Tavares; 22 e 50: Musica, só musica; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

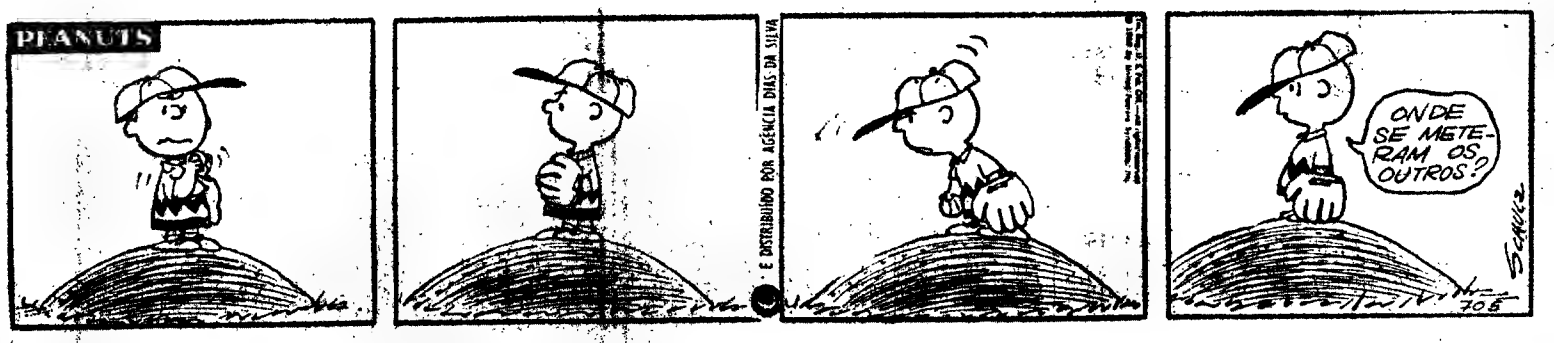
2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 04: Musica sinfónica; 17: Discos raros — interpretações do pianista Serger Rachmaninov; 17 e 30: Perspectivas da produção para harpa e orquestra; 18 e 30: Rádio Educativo (Auditório Juvenil); 19: Tempo literário; 19 e 25: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado: 19 e 45: Uma sonata para oboé e oravo — Sonata em dó menor (Vivaldi) pelo oboísta Gaston Maugras e o cravista Christian Ivaldi; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O violinista Arthur Grumiaux — Recordações de Moscovo (Wieniawsky), ao piano, Istvan Haydu; 20 e 30: A ópera «O Segredo de Susana» (Wolf-Ferrari), comentada por Maria Helena de Freitas; 21 e 25: Sinfonia Doméstica op. 53 (Strauss). Orquestra de Cleveland, dirigida por George Szell; 22 e 10: Variações sobre uma valsa de Diabelli op. 120 (Beethoven). Piano, Wilhelm Beckaus; 22 e 58: Fecho

Programa — MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 23: Musica Portuguesa; 0 h.: Canções de Haydn — pelo tenor Jérôme Piersault. Ao piano, Denyse Riviere; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Moderna; 0 e 50: Bolero (Sibelius), pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida pelo maestro Hans Rosbaud; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Uma orquestra; 18 e 30: Lisboa á tarde, 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e Noticiário; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45:

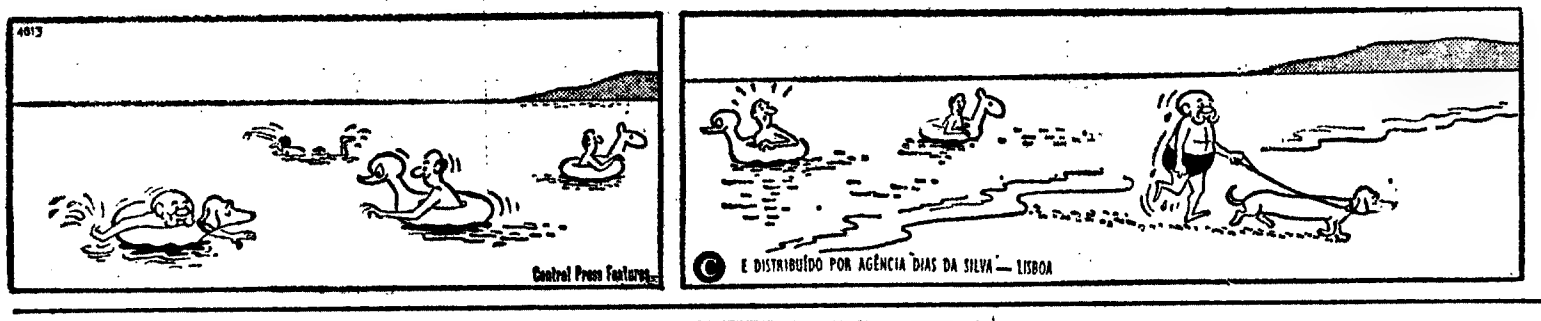
(Continua na página seguinte)

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Setembro de 1940 publicava:

«**WASHINGTON, 22 — O brigadeiro-general Strong, numa conferência com representantes da imprensa norte-americana em que fez o esboço dos resultados colhidos durante a visita a Inglaterra da missão de que fez parte, declarou textualmente o seguinte: «A Grã-Bretanha tem capacidade para derrotar a Alemanha como remate de uma guerra de longa duração». Depois de pôr em relevo o elevado moral britânico, afirmou mais que o povo, unido em torno de Churchill, está entusiástica e inflexivelmente decidido a acabar com o domínio militar alemão na Europa, e acrescentou: «Creio absolutamente que é capaz de o fazer!»**

Carreira Coruche-Portalegre

A Empresa JOÃO CÂNDIDO BELO & C.ª, LDA., com sede em Vila Fresca de Azeitão, informa os s/ Ex.mos Clientes que inicia em 11 do corrente uma carreira entre PORTALEGRE e CORUCHE com ligação para LISBOA, com o seguinte horário:

Partida de PORTALEGRE ás 06 e 15 e chegada a LISBOA ás 12.40 horas; e partida de LISBOA, ás 13 e 35 e chegada a PORTALEGRE às 19 e 50 horas.

Esta carreira serve entre outras localidades Crato, Alter do Chão, Seda, Benavila, Avis Pavia e Mora.

Palavras cruzadas

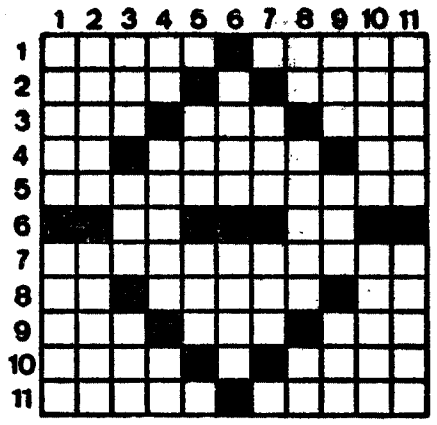
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5664

HORIZONTAIS: 1 — Negócio. Habitas. 2 — Rezos. Invulgar. 3 — Saudável. Chiste. Senhor em inglês. 4 — Pronome pessoal. Curam. Oferece. 5 — Aparecemos ao longe. 6 — Prefixo de negação. Compaixão. 7 — Redes de pescar camarões. 8 — Ribeira da Ásia Russa. Traço. Cério. (s. q.). 9 — Seguiam. Olá. Forma apocopada e proclítica de vale. 10 — Fecham as asas para descer mais depressa. Mina. 11 — Tostem. Animação (fig.).

VERTICAIS: 1 — Apelido. Factó. 2 — Verbais. Estimais. 3 — O mesmo que ion. Consentimento. Conjunção. 4 — Abreviatura de Santíssimo. Adicionar. Pronome pessoal. 5 — Figura que simboliza o povo americano. Curso de água natural e abundante. 6 — Rosto. Cidade da Suécia. 7 — Pátria. Romancista português autor de os «Maias»; 8 — Sufixo que designa estado. Calculava. Fútil. 9 — Chefe etíope. Maior. Reles. 10 — Estéril. Poente. 11 — Curas. Carimbar.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

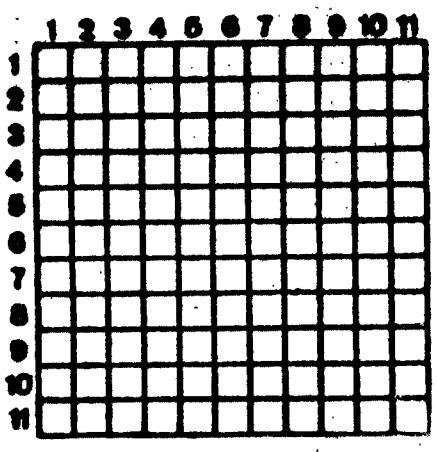


(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9507

HORIZONTAIS: 1 — Avarenta. Colar. 2 — Oportunidades. Afia. 3 — Ave trepadora. Mover os remos. 4 — Troças. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco da Ásia. 5 — Deusa do Lua entre os egípcios. Campeão. 6 — Mamífero roedor. Desmoronar-se. 7 — Nome de flor. 8 — Arremesso. Freira. 9 — Possui. Saudável. Árvore com cujo casco se aromatiza o vinho. 10 — Estimam. Ópera de Verdi. 11 — Que serve para moer. Roer.

VERTICAIS: 1 — Estimara. Derrotem. 2 — Alteram. Receia. 3 — Lavras. Ser vivo irracional. 4 — Raer. Encolerizar. Ruim. 5 — Guarnecer de asas. Aneis. 6 — Amónio (s. q.). 7 — Um dos estados do Brasil. Versejo. 8 — Nome de letra. Lusitana. Preposição e artigo definido. 9 — Aim-do próprio para engomar. Cobris de lobo. 10 — Ocultar. Porto abrigado por terras altas. 11 — Invulgares. Tapar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9506

HORIZONTAIS: 1 — Parra. Trama. 2 — Acostaremos. 3 — Rui. Ara. Ota. 4 — Tó. Acaro. Ad. 5 — Aparara. 6 — Ato. Cós. 7 — Sm. Rusga. Um. 8 — Aam. Moa. Pão. 9 — Inás. Lave. 10 — Raiam. Secar. 11 — Alars. Amoa.

VERTICAIS: 1 — Parta. Saira. 2 — Acuo. Amoral. 3 — Roi. Af. Mala. 4 — Rs. Apor. Sas. 5 — Ataca. Um. Ms. 6 — Arar. Sol. 7 — Tranã. Ga. Sa. 8 — Re. Orça. Ler. 9 — Amo. Ao. Paço. 10 — Mota. Suavas. 11 — Asada. Moera.

Recordar Errol Flynn

(Continuação da pág. anterior)

elemento do «Corpo de Voluntários» que policiava aquela colónia britanica.

Em 1936, nervos á flor da pele, Errol resolve tentar fazer carreira profissional nos estudios de Hollywood, como actor cinematográfico. Os primeiros passos nesse campo de acção tinham sido dados em Londres, mas a experiência não resultara muito proveitosa. Como aceitaria Hollywood o sonho daquele rapaz de 27 anos?

Tudo correu sobre esferas. O melhor possível. Em 1942, já naturalizado cidadão americano, Errol Flynn era primeira figura da sétima arte dos «states» e a sua criação em «capitão Blood» aproveitada para diversos êxitos de bilheteira.

Participou numa verdadeira enfiada de filmes, onde se destacam «Aventuras de D. Juan», «Robin dos Bosques», «O gavião dos mares», «As raízes do céu» e «O sol também brilha».

Apaixonado pelo mar, cruzou os oceanos em iates onde se deixava acompanhar por belas mulheres. Combateu as tropas de Baptista, batendo-se ao lado de Fidel de Castro em Sierra Maestra. Morreria com 50 ano e quatro meses, em Vancouver (no Canadá), depois de ter sido encontrado á porta de uma residência estranha, em circunstancias que nunca foram completamente esclarecidas. Portanto, um final de vida digno de romance.

Rádio

(Continuação da pág anterior)

Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira á noite; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria, 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P B X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa, 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97.4 mc/s. — Ás 16 e 04: Programa C D C, 17 e 57: O nosso programa, 19 e 04: Em órbita; 21 e 02. Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Ás 16: Radiorama; 18. Bees Gees, ontem e hoje; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano; Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Aguarela Mexicana; 21 e 15: Os Rolling Stones; 21 e 30: Fados; 21 e 45: O som da nova América; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª Hora e Fecho.

SALDOS DE ARTIGOS PARA DECORAÇÃO
ESTOFOS, CARPETES E TAPETES

CONTINUAMOS A SALDAR

CARPETES desde 150$00 — TAPETES desde 15$00

GRANDE LOTE DE RETALHOS DE TECIDOS
desde 20$00

FINS DE PEÇAS — ARTIGOS SEM DEFEITOS

RAUL NETO, LDA., Praça da Figueira, 18, 2.º (c/ elevador),
esquina da Rua da Prata

Actualidade internacional

Os EUA dispostos a participar na evacuação dos reféns em poder dos palestinianos

WASHINGTON, 22 — (F. P.) — Os Estados Unidos estão dispostos a tomar parte na evacuação de todos os reféns detidos na região de Amã «no caso dos Governos interessados o pedirem», declarou ontem o porta-voz do Departamento de Estado, Robert McCloskey.

«Nenhuma decisão foi tomada por Washington para pedir eventualmente aos militares que evacuem os americanos» da Jordânia, reafirmou o porta-voz. A Embaixada dos Estados Unidos em Amã «não recomendou a evacuação, e esta eventualidade não foi motivo de qualquer conversação com as autoridades jordanas», acrescentou.

A Embaixada dos Estados Unidos em Amã conta quarenta funcionários americanos. A estes há a acrescentar cerca de 350 cidadãos americanos actualmente na Jordânia, a título particular, e 38 americanos entre os 54 reféns nas mãos dos «feddayim». Aliás, não se sabe onde é que estes cativos se encontram e o porta-voz emitiu a esperança «de que a Comissão Internacional da Cruz Vermelha esteja apta a saber onde se encontram».

«Não restam dúvidas de que unidades árabes sírias encontram-se implicadas» nas operações que decorrem no Norte da Jordânia, salientou o porta-voz do Departamento de Estado. «Mas é impossível estar absolutamente certo de que todas as forças são do Governo sírio. Algumas podem ser unidades do Exército de Libertação Palestiniano».

«Washington não recebeu qualquer informação de uma participação nos combates das tropas iraquianas estacionadas na Jordânia», declarou McCloskey.

A F.P.L.P. CONSIDERA OS REFÉNS PRISIONEIROS DE GUERRA

BEIRUTE, 22 — (R.) — A Frente Popular de Libertação da Palestina declarou hoje considerar prisioneiros de guerra os seus reféns ocidentais em virtude de os Estados Unidos, a Inglaterra, a Alemanha Ocidental e a Suíça terem assinado conjuntamente com Israel um comunicado sobre o assunto.

O jornal da Frente, «Hadaf», disse que, como Israel se considera em estado de guerra com os árabes e os quatro países ocidentais se associaram a Israel na questão dos reféns, a Frente Popular de Libertação da Palestina tratará os cidadãos desses quatro países como israelitas.

Movimentos de tanques em Israel

LONDRES, 22.—(A.N.I.) — Segundo notícias fidedignas chegadas hoje á capital britânica houve movimentos de tanques pesados em Israel, ontem á noite, mas não foi possível determinar se se tratavam de manobras militares ou de preparação para uma possível acção na guerra civil jordana.

Os dirigentes israelitas têm dito sempre que só interviriam na Jordânia se ali se produzissem acontecimentos que pudessem pôr em perigo a segurança de Israel.

O primeiro-ministro israelita, sr.ª Golda Meir, regressou ontem á noite da sua visita aos Estados Unidos, tendo iniciado imediatamente consultas com os membros do Governo sobre a crise na Jordânia.

O antigo chefe dos Serviços Secretos Militares Israelitas major-general Haim Herzog disse, ontem á noite que os ultimos acontecimentos que estão a registar-se na Jordânia são para Israel muito «graves».

PRONTOS PARA O COMBATE, mas sem desejarem ser identificados, dois «comandos» palestinianos foram surpreendidos em Amã por um fotógrafo de ocasião. Segundo as ultimas informações a luta continua nas ruas da capital jordana, apesar das repetidas declarações de que o exército real domina a situação

MENSAGEM DAS «ZONAS LIBERTADAS»

DAMASCO, 21 — (F. P.) — O coronel Saad Sayel, comandante da Brigada Hussein, cujas unidades se uniram á revolução, há três dias, dirigiu, das «zonas libertadas», uma mensagem aos «seus irmãos do Exército jordano» — anunciou a «Voz da Comissão Central da Revolução Palestiniana» a emitir de Damasco.

Nesta mensagem o coronel Sayel acusa «certas unidades do Exército de terem recorrido ás provocações para isolar a revolução e golpeá-la e pede-lhes que «cessem a carnificina e se juntem á revolução».

Entrevista com o presidente da Finlândia

(Continuação da 3.ª página)

nos ultimos projectos, não nos convém actualmente. A parte isso, a Finlândia atribui ao desenvolvimento e ao alargamento da cooperação económica nórdica uma importancia primordial. Já fizemos grandes progressos nesse sentido. No decurso do ultimo decénio, por exemplo, a percentagem da Suécia nas nossas exportações elevou-se de 5,1 a 17,4%. Nós, finlandeses, apenas vemos um caminho praticável no domínio da cooperação económica nórdica, o que leva em frente. Apoiamos a criação de um conselho dos ministros nórdicos, o qual deveria, em nossa opinião, dedicar-se á elaboração dos planos para uma cooperação económica concreta.»

— Considera que o Mercado Comum, contando actualmente seis membros e talvez dez num futuro próximo, manifesta uma orientação política que o equipara a um bloco? Em sua opinião, a existência de um Mercado Comum entre países com sistemas económicos e sociais diferentes é desejável e, aliás, possível? Que género de acordo conviria á Finlândia, susceptível de não lesar os seus interesses económicos e preservar simultaneamente a sua neutralidade?

«Cada qual trata dos seus assuntos, e eu não desejo criticar o que outros Estados fazem ou deixam de fazer. A posição da Finlândia, em todo o caso, é que o comércio internacional deveria ser tão livre quanto possível. Não posso, também, deixar de considerar como um retrocesso o facto de se porem novos entraves ao comércio, que substituem os que já se tinha conseguido abolir. A Finlandia pediu á Comunidade Económica Europeia a abertura de conversações para se concluirem acordos comerciais. A Comunidade ainda não atendeu este pedido, e, consequentemente, é muito cedo para adiantar mais algumas coisa sobre o assunto. Espero, contudo, e disso estou firmemente convencido, que será possível estabelecer um sistema comercial que salvaguarde os interesses económicos da Finlandia, satisfazendo simultaneamente os da outra parte. Não posso conceber que a neutralidade política possa valer-nos uma sanção económica.»

— Como se deve interpretar senhor Presidente, a continuação da coligação «verdes-vermelhos» no poder, a despeito do veredicto do eleitorado finlandês que manifestou, em 15 de Março último, uma nítida desafeição a seu respeito? Esta recondução de um Governo do centro e da esquerda não será susceptível de provocar, mais tarde, complicações de ordem interior?

«A coligação «verdes-vermelhos» a que se refere perdeu, efectivamente, terreno quando das eleições, mas conserva ainda uma maioria incontestável no Parlamento. Se, na Grã-Bretanha, o partido no poder perdesse algumas dezenas de lugares nas eleições, mas conservasse a maioria, ninguém exigiria que se confiassem as responsabilidades governamentais á oposição, que continuaria em minoria.

«Quando os partidos finlandeses interessados concordaram, finalmente, em prosseguir a sua cooperação no Governo, nas mesmas bases que anteriormente quanto ao essencial, foi-me muito fácil, como presidente da República, aceitar a sua solução. Deixemos que estes partidos se preocupem eles próprios com estas complicações eventuais de política interna.»

— É opinião geral que o plano de estabilização da Finlândia e a sua política dos rendimentos obtiveram o maior êxito. Não é contudo de temer que a vigorosa expansão que a economia finlandesa conhece actualmente tome demasiado ímpeto, com repercussões sociais delicadas?

«Quanto a este ponto, creio não interpretar muito bem o seu pensamento. Se se refere a uma mutação das estruturas do aparelho produtivo, mutação cujas consequências se fazem sentir em todas as camadas sociais, posso assegurar que tal mutação se opera vigorosamente e acompanha o progresso económico. É um fenómeno inevitável e natural. Pessoalmente, posso dizê-lo, a minha grande preocupação é que os fracos e os menos contemplados da sociedade finlandesa sejam as vítimas deste processo inevitável de modernização. A nossa política económica e social não deve esquecer esta preocupação.»

— Confirma as suas declarações de Dezembro de 1967 segundo as quais não disputará um quarto mandato presidencial em 1974? Como encara a sua sucessão a fim de que a linha Paasikivi - Kekkonen subsista?

«Numa altura em que o movimento ecuménico se reforça, ouso responder-lhe, ao senhor que escreve, sobretudo, como suponho, para leitores católicos romanos, citando o salmo de Martin Luther que diz: «Esta palavra mantém-se inalterável.» Parece-me que o meu sucessor sairá também de apuros se não se esquecer das palavras de Paasikivi: «Tudo correrá bem se o novo presidente tiver presente no espírito que a tarefa mais importante que lhe é confiada pela nação é pensar, e pensar correctamente, no domínio da política estrangeira.»

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

TORM LINES

PARA:

BARCELONA, MALTA, BEYROUTH E ALEXANDRIA

m/m «ALICE TORM», em 2 do P. Fut.º

Aceita carga para as principais cidades do interior dos países do Próximo Oriente, via Beyrouth

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES & CIA LDA

PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 — TEL. 302271 | 33285 | 36126

LISBOA 2 - PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.

Limpeza e Restauro de Carpetes

Consulte os serviços especializados da FABRICA DE TAPEÇARIAS SULIÃO. Pedidos aos escritórios: Rua Conde Redondo, 64, 2.º, Dir. — Telef 59288

Orçamentos grátis

ESTUDANTES

Ensino liceal, Dactilografia e Curso de Correspondente c/ Diploma. Termos pouco numerosos. Preços acessíveis. Abertas as inscrições nas

SALAS DE ESTUDO LABOR

Av. Guerra Junqueiro, 13-1.º

Telef. 723773

Os palestinianos rejeitam o cessar-fogo

RADAR DE NOVO TIPO NO EGIPTO

NOVA YORK, 22 — (R.) — A revista «News: eek» dizia ontem que a União Soviética instalou um novo tipo de radar no Egipto que abrange todo o espaço aéreo de Israel.

Num artigo publicado na sua secção «Periscópio», a revista informava: «Os russos acrescentaram mais outra arma de potência extraordinária ao seu arsenal no Egipto. um dos seus novos radares, o primeiro fora do bloco soviético, está instalado a 128 quilómetros a leste de Alexandria. O radar de novo tipo atinge 24 480 metros de altura e abrange mais de 480 quilómetros, cobrindo todo o espaço aéreo israelita».

Muito desfalcada reúne-se hoje a «cimeira» árabe

CAIRO, 22 — (R.) — O rei Hussein permanece em Amã enquanto os dirigentes do mundo árabe se juntam nesta cidade para uma reunião urgente de alto nível que vai tentar resolver a crise jordana e evitar que ela alastre ao resto do mundo árabe.

O rei comunicou que não se deslocará ao Cairo, enviando uma delegação chefiada pelo seu novo primeiro-ministro, o brigadeiro Mohammed d'Oud, que chegou esta manhã á capital egípcia.

A poucas horas do seu início a conferência cimeira parece que funcionará muito incompleta, uma vez que o outro principal protagonista, o chefe palestiniano Yasser Arafat, deverá estar igualmente ausente.

Não se sabe por enquanto se Arafat tem possibilidade de se deslocar ao Cairo mesmo que o desejasse, pois o seu paradeiro é desconhecido e pode estar numa zona de combate sem comunicações com o exterior.

Também não se encontra ainda esclarecido se os sírios tomarão parte. O presidente Al Atassim chegou ao Cairo ontem á noite e conferenciou com Nassere Gaddafi, mas segundo notícias de Damasco tencionava regressar hoje á Síria.

Pelo menos dois países, a Argélia e o Marrocos, já rejeitaram o convite para tomar parte numa conferência.

Estarão presentes a Arábia Saudita, a Tunísia e Kwait, mas nada se sabe sobre os iraquianos, cujas relações com Nasser se encontram muito tensas.

O regime de Bagdar acusou Nasser de ser um «oportunis.

O regime de Bagdad acusou tal, quando ele no sábado pediu simultaneamente aos «Feddayin» e ao Exército jordano para suspenderem as hostilidades.

AMÃ PEDE A PRISÃO DE HABACHE

BEIRUTE, 22 — (R.)—Rádio Amã reclamou a prisão dos chefes guerrilheiros George Habache e Nayef Hawatmeh, enquanto a luta recomeçou na capital jordana e o cessar fogo foi restabelecido.

Habache, que esteve na Coreia do Norte, numa visita misteriosa, pouco antes de os seus homens terem assaltado quatro aviões ocidentais há cerca de 15 dias, é o chefe da Frente Popular de Libertação da Palestina.

Hawtmeh chefia a Frente Popular Democrática de Libertação da Palestina, um grupo ainda mais extremista do que o de Habache.

BEIRUTE, 22 — (R.) — Os «comandos» palestinianos anunciaram hoje ter sofrido 8000 mortos e dezenas de milhares de feridos durante os cinco dias de luta que têm travado com o Exército jordano, mas ao mesmo tempo reafirmaram a sua determinação de lutar até á vitória final.

Um informador da Al Fatah que aqui anunciou as baixas sofridas pelos palestinianos, rejeitou ao mesmo tempo a ordem de cessar-fogo dada pelo rei Hussein ás suas tropas que classificou de «uma manobra para enganar as massas» em vésperas da conferência cimeira árabe que hoje começa no Cairo.

Poucas horas antes os guerrilheiros tinham rejeitado o cessar-fogo «até á vitória final completa» e anunciaram dominar o Norte da Jordânia depois de terem desbaratado a 40.ª Brigada Blindada do Exército jordano que constituia uma força de elite do rei.

Um dirigente dos guerrilheiros disse que os tanques e artilharia pesada vindos da Síria continuarão a avançar para o Sul «até que o trono do carniceiro seja esmagado».

Esses tanques, que entraram através a fronteira norte da Jordânia, encontram-se actualmente em Irbid, a segunda maior cidade do país onde penetraram após violentos combates no domingo.

AVIÕES JORDANOS ALVEJARAM TROPAS IRAQUIANAS

Embora o Exército domine praticamente Amã o aeroporto continua encerrado, pois existem focos de resistência dos guerrilheiros nas proximidades.

Enquanto continuam a ouvir-se esporádicamente rajadas de metralhadora e explosões de morteiros, as ruas estão práticamente cobertas de cápsulas de balas disparadas durante a luta e quase todos os edifícios apresentam marcas com vidros partidos e paredes esburacadas.

Por entre o ruído da luta que diminui de intensidade ouvem-se agora distintamente os gritos de dor dos feridos que procuram assim chamar a atenção e ser socorridos.

O correspondente da Reuter, Malik Al-Husseini, que se encontra em Ramtha, na fronteira norte da Jordânia com a Síria, anunciou que a Força Aérea jordana está a participar nos combates.

Quatro caças a jacto de fabrico britânico atacaram posições iraquianas por engano durante uma missão contra os guerrilheiros matando dois soldados e ferindo dez, segundo informação dada por um capitão iraquiano.

RESTABELECIDO EM AMÃ O RECOLHER OBRIGATÓRIO

BEIRUTE, 22 — (R.) — O governador-geral militar da Jordânia estendeu a toda a cidade de Amã o recolher obrigatório total que fora antes restabelecido para o bairro de Jebel Hussein.

Estas medidas seguiram-se ao recomeço da luta verificado esta manhã na capital jordana.

Os iraquianos prometeram ajuda aos dois lados

CAIRO, 22 — (F. P.) — O jornal «Al Ahram» escreve hoje de manhã num artigo difundido pela agência de informação Médio Oriente (MENA) que o Governo Baasista iraquiano prometeu auxílio ao rei Hussein no caso do Exército sírio intervir na Jordânia ao lado dos «feddayin».

Segundo «Al Ahram» esta promessa secreta foi revelada na mensagem do rei ás Forças Armadas jordanas, em que declarava nomeadamente que pedia ás tropas iraquianas estacionadas no Norte da Jordânia para auxiliarem as tropas reais a combaterem a intervenção síria. O rei, segundo diz ainda o jornal, teria falado mesmo ao general Sadek, que ficou admiradíssimo, pois os iraquianos haviam feito a mesma promessa á resistência. O general Sadek teria afirmado então que os iraquianos não tencionariam cumprir nenhuma das suas promessas.

HUSSEIN PEDE AUXÍLIO AMERICANO

(Continuação da 1.ª página)

Estados Unidos desconhecem o local onde eles se encontram presos.

EMOÇÃO NO MÉDIO ORIENTE

BEIRUTE, 22 — (F. P.) — O apelo do rei Hussein aos «quatro grandes» e a ordem de prevenção dada a mais algumas unidades americanas suscitou em todo o Médio Oriente uma emoção considerável. A intervenção dos Estados Unidos, em que até agora ninguém acreditava, torna-se possível, e já não se afasta a possibilidade de ver tropas americanas lançadas de pára-quedas na Jordânia e «marines» desembarcados nas costas libanesas ou israelitas.

A crise actual inscreve-se, na verdade, no prolongamento do «plano Rogers» e os acontecimentos da Jordânia são a consequência directa do facto dos palestinianos se terem recusado a aceitar este plano e qualquer outra solução pacífica.

O POMBO-CORREIO AINDA É ÚTIL, mesmo na era das comunicações por satélite. Este rapazinho inglês de 10 anos vai todos os dias de bicicleta para a escola. A viagem não é longa nem muito perigosa, mas a mãe de Stuart, o rapazinho, fica sempre um pouco inquieta. «Percy», o pombo-correio, resolve o problema. Stuart leva-o num saco e larga-o quando chega á escola. O regresso rápido de «Percy» a casa tranquiliza a inquieta mãe.

EXITO DA SONDA RUSSA LUNA-16

Fim do monopólio americano de amostras lunares

MOSCOVO, 22 — (R.) — Um foguetão russo que ontem partiu da Lua está hoje a caminho da Terra transportando preciosas amostras de solo lunar, as primeiras até hoje obtidas por uma sonda não-tripulada.

Foi esta também a primeira vez que uma nave automática, controlada á distancia, foi capaz de iniciar a viagem de regresso á Terra depois de ter poisado suavemente na Lua.

Esta proeza assinala um importante progresso soviético na técnica de enviar naves não-tripuladas a outros planetas e fazê-las regressar á Terra, controlando toda a operação pela rádio a milhares de quilómetros de distancia.

Segundo a Tass, o foguetão partiu da Lua, abandonando parte da Luna-16, ao receber um sinal de rádio da Terra, ontem, ás 7 e 43, T.M.G.

Uma cápsula contendo as amostras lunares recolhidas desde que a Luna-16 desceu na Lua será largada de pára-quedas na quinta-feira, quando o foguetão regressar á atmosfera terrestre — acrescentou a Tass.

A missão da Luna-16 começou há dez dias e a Tass disse agora que o seu principal objectivo foi resolver a tarefa do transporte automático de amostras lunares para a Terra.

O êxito da Luna-16 significa que os Estados Unidos deixaram de ter o monopólio das amostras de solo lunar, as quais despertam considerável interesse científico em todo o Mundo.

PORTUGAL — NORTH CONTINENT CONFERENCE

(NORTHBOUND)

AS LINHAS DA «PORTUGAL — NORTH CONTINENT CONFERENCE (NORTHBOUND)» INFORMAM OS INTERESSADOS QUE, DEVIDO A UM AUMENTO GERAL DE ENCARGOS, DECIDIRAM AUMENTAR AS TAXAS DE FRETE DE PORTUGAL PARA OS PORTOS DA ZONA ABRANGIDA PELOS PORTOS DE ANTUÉRPIA A HAMBURGO, A PARTIR DE 1 DE JANEIRO DE 1971,

DESPORTO

PARA OS JOGOS COM A DINAMARCA

DINIS E RUI RODRIGUES

—ÚNICAS FALTAS (POR DOENÇA)

À CONCENTRAÇÃO DOS SELECCIONADOS

Na sede da Federação Portuguesa de Futebol reuniram-se esta manhã os jogadores convocados para as selecções nacionais de futebol («A» e de «Esperanças») que vão defrontar idênticas representações dinamarquesas no próximo dia 14 de Outubro, as equipas principais em Copenhaga e as de «Esperanças» em Lisboa.

Compareceram os seguintes jogadores:

EQUIPA A — Damas, José Henrique, Hilário, Pedro Gomes, Humberto Coelho, José Carlos, Peres, José Maria, Simões, Pedro, Eusébio, Torres, Guerreiro, Jacinto João e Lourenço.

« ESPERANÇAS » (menos de 23 anos) — Bento, Fonseca, Artur, Barros, Rebelo, Alhinho, Bastos, Murça, Quinito, Carlos, Serafim, Vítor Martins, Vítor Baptista, Diamantino, Raul Aguas e Nené.

Só faltaram, portanto, o suplente Dinis (que se encontra doente, retido no leito) e Rui Rodrigues, da Académica, magoado numa das pernas.

Acompanhados pelos seleccionadores e treinadores, os futebolistas seguiram depois para o Estádio José Alvalade para uma sessão de «banhos e massagens» e para um ligeiro treino daqueles que não jogaram no passado domingo.

Amanhã, ás 10 h., no Estádio Nacional, realiza-se o primeiro treino de conjunto.

PELÉ E AS CRIANÇAS POBRES

Em frequentes declarações e atitudes, o famoso Pelé tem demonstrado profunda simpatia pelas crianças, especialmente pelas crianças pobres, a quem dedicou o seu milésimo golo, exortando todos quantos aplaudem a que se lembrem delas também. Nesta foto vêmo-lo quando, há dias, assinava 10 colecções de 25 selos dedicados áquela sua proeza desportiva. Estas colecções destinam-se a ser vendidas num leilão em Zurique, revertendo a receita para a aldeia de Crianças Pestalozzi

Xadrez

PORTUGAL, 2 LÍBANO, 2

SIEGEN, 22 — (A. N. I.) — Portugal e o Líbano empataram por dois-dois na sexta jornada das Olimpíadas de Xadrez que estão a disputar-se em Siegen, na Alemanha.

Na sétima jornada, Portugal está a perder com a Albânia por um-dois, faltando disputar uma partida.

AGENCIA ABREL
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 160

PROVAS INTERNACIONAIS

NO «MUNDIAL» DE VOLEIBOL CHECOS E JAPONESES EM EVIDÊNCIA

SOFIA, 22 — (A. N. I.) — Resultados dos encontros de ontem no Campeonato Mundial de Voleibol, que se está a disputar na Bulgária:

GRUPO A — (Em Sófia): Bulgária - Bélgica, 3-0 (15-0, 15-8, 15-6); Israel-Pérsia, 3-0 (15-6, 15-4, 15-9); Jogoslávia-Itália, 3-1 (8-15, 15-7, 15-13, 15-5).

GRUPO B — (Em Yambol): Estados Unidos-Finlandia, 3-2 (15-7, 15-12, 8-15, 14-16, 15-13); Polónia-Brasil, 3-1 (15-11, 15-12, 13-15, 15-16); Checoslováquia-Hungria, 3-1 (19-15, 15-11, 15-11, 15-7.

GRUPO C — (Em Haskovo): França-Venezuela, 3-1 (15-6, 15-7, 13-15, 15-11); Holanda-Coreia do Norte, 3-1 (15-11, 15-12, 6-15, 15-5); Japão-Roménia, 3-0 (15-7, 15-11 15-14).

GRUPO D—(em Kurdjali): Alemanha Oriental- Republica da Guiné, 3-0 (15-3, 15-2, 15-4); Russia - Mongólia, 3-0 (15-4, 15-9, 15-5); Cuba-Tunísia, 3-0 (18-16, 15-6, 15-12).

Campeonato da Europa de Hóquei em Campo

Está a realizar-se em Bruxelas o Campeonato da Europa de Hóquei em Campo. Na jornada de ontem apuraram-se os seguintes resultados:

GRUPO A — Alemanha, 6-Itália, 0, País de Gales, 1-Polónia, 1.

Os alemães comandam a classificação, com 5 pontos em 3 jogos.

GRUPO B — Holanda, 0-Dinamarca, 0; Inglaterra, 2-Áustria, 1.

Os holandeses estão no primeiro lugar, com 7 pontos (4 jogos).

GRUPO C — Checoslováquia, 0-Irlanda, 2; Espanha, 13-Malta, 0.

A equipa espanhola ocupa a 1.ª posição com 4 pontos em 6 jogos mas franceses e irlandeses, com menos um jogo, têm 5 pontos.

GRUPO D — Escócia, 1-Hungria, 0; Suíça, 0-Finlandia, 0.

À frente estão os belgas: 3 jogos, 6 pontos.

O VASCO DA GAMA É CAMPEÃO CARIOCA

RIO DE JANEIRO, 22 — (A. N. I.) — O Vasco é o campeão carioca de futebol de 1970 e terminou o torneio com uma derrota, pois o Fluminense não respeitou o título e ganhou por 2 0 — depois da grande festa no relvado, com entrega da taça, de flores e das faixas alusivas ao ano de 1970.

Os adeptos do Vasco, mesmo depois da derrota, continuavam a gritar a plenos pulmões: «É campeão».

Os jogadoes do Vasco, no ultimo dia, deixaram de treinar e ninguém sabe a que horas eles se deitavam. A disciplina, que fora ferrea durante todo o torneio, cai a zero nos ultimos três dias.

YACHT DE RECREIO

Vende-se em óptimo estado de conservação, conhecido barco de vela; muito bom veleiro para o mar, e rápido.

Velas e aparelho no melhor estado e da melhor qualidade, assim como aparelhagem electrónica.

Preço razoável em relação á alta qualidade do barco.

Resposta a este jornal ao n.º 590.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«PÁTRIA» a sair em 6 de Outubro às 16 horas	Com escala prévia por Leixões, para: LAS PALMAS, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. Carrega de 22 a 26 de Setembro
«LUGELA» a sair em 6 de Outubro	Com escala por Leixões para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário) Carrega de 1 a 4 de Outubro.
«IMPÉRIO» a sair em 7 de Outubro às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 28 de Setembro a 1 de Outubro.
«AMBOIM» a sair em 12 de Outubro	Com escala por Leixões para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 8 a 11 de Outubro.
«I. D. HENRIQUE» a sair em 16 de Outubro às 12 horas	Com escala por Funchal para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 11 a 14 de Outubro.

LINHA DA AMERICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 24 de Outubro e 26 de Novembro às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua do 8 Julho, 63 — Telefones 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 43

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

ÚLTIMOS DIAS DOS SALDOS

NOS TECIDOS ALMIRANTE, LDA.

NA AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

■ LANGERIES, MALHAS, CONFECÇÕES, COLCHAS, COBERTORES, ATOALHADOS, CAMISARIA, ETC., ETC.

TUDO A PREÇOS VERDADEIRAMENTE INCRÍVEIS

VISITE-NOS E VERÁ QUE SÃO

SALDOS EXCEPCIONAIS

SUSPENSOS

(devido a uma decisão do G. D. Cuf)

OS JOGOS JUVENIS DO BARREIRO

Não se realizam as provas dos Jogos Juvenis do Barreiro previstas para hoje, devido a uma decisão do G. D. Cuf., que cancelou a cedência das suas instalações. Os jogos prosseguem amanhã, mas apenas com as competições marcadas para outros recintos que não são propriedade daquela poderosa colectividade barreirense.

Estivemos hoje em contacto com Augusto Valegas, o exemplar dirigente a quem se deve a realização destes jogos, que nos declarou: «Ignoro, na verdade, os motivos desta atitude da direcção do G. D. Cuf. Certamente tudo se vai apurar e, espero, resolver-se pelo melhor».

OS RESULTADOS DE ONTEM

Na jornada de ontem dos Jogos Juvenis do Barreiro apuraram-se os seguintes resultados.

Andebol de sete — No escalão C o Caldense conquistou o 1.º lugar ao vencer o S. F. A. L. por 21-18; no escalão E (série A), o Sp. Lavradiense venceu o U. Banheirense, mas o Ginásio ganhou a prova; no mesmo escalão (série C), a vitória pertenceu á Associação. Ontem o Casalense venceu o «Cá-lá-aqui-ali» (15-11).

BADMINTON — Vitória de Jorge Matias, no jogo final.

FUTEBOL DE CINCO — Dinker's-Barreirense (A), 0-0; Marítimo-Independente, 2-0; Amoreirense - Ginásio, 1-1; Barreirense (B)-Galitos, 1-0.

FUTEBOL

OS PRÓXIMOS JOGOS DA TAÇA DE PORTUGAL

Incluindo já as equipas da 2.ª divisão (a prova começou já com equipas da terceira) realiza-se, no dia 11 de Outubro, a segunda eliminatória da «Taça de Portugal», em futebol. O sorteio deu o seguinte programa:

Chaves-Norte e Soure
Sp. de Lamego-Os Marialvas
Vizela-Desportivo das Aves
Gouveia-Penafiel
Espinho-Salgueiros
Sp. de Braga-Ala Arriba
Riopele-Sanjoanense
Anadia-Alba
Oliveirense-Feirense
Vianense-1.º de Maio
Valecambrense-Marinhense
U. Coimbra-Famalicão
Gil Vicente-Covilhã
Beira-Mar-União de Lamas
Letria-Académico
Casa Pia-Luso
Seixal-Torres Novas
União Sport-Almeirim
Portalegrense-Odivelas
Atlético-Castelo Branco
Marrazes-Estrela
Peniche-Olhanense
Nazarenos-Oriental
Montijo-Cova da Piedade
Santarém-Portimonense
Sintrense-União de Tomar
Estrela-Apurado Estoril
Praia-Palo Pires
Torriense-Silves
D. de Beja-Apurado
Moura-Vila-Franquense
Sesimbra-Tramagal

A A. F. Lisboa é sexagenária

Completa amanhã 60 anos de vida a Associação de Futebol de Lisboa, um dos mais antigos e prestigiosos organismos desportivos portugueses, que se tem distinguido pela sua bem orientada actividade no sector regional que lhe incumbe.

Não haverá qualquer cerimónia a comemorar a data — o que não deixa de ser uma atitude que se aprecia, até porque *cerimónias* abundam no desporto português.

O Marítimo ganhou nas Bermudas

Na cidade de Hamilton, a equipa do Marítimo venceu por 6-2 a selecção das Bermudas. No primeiro jogo, a vitória pertencera a esta última equipa por 2-1.

Um novo carro: japonês e barato

TÓQUIO, 21. (R.) — A Nissan Motor Company apresentou ao publico o seu novo automóvel popular, o «Cherry», de cinco lugares, que custa apenas 410 000 ienes (cerca de 32 contos).

Trata-se de um carro com duas portas e motor de 1000 c. c. no modelo «standard» mas que possui também modelos de quatro portas e 1200 c. c. e modelos de «sport».

A companhia espera com estes carros baratos mas de boa «performance» conquistar o mercado japonês.

VAI COMEÇAR O «REGIONAL» DE ANDEBOL

Belenenses-Benfica, é o jogo mais importante da primeira jornada do campeonato de Lisboa de andebol de sete, que se iniciará no próximo dia 17 de Outubro. Os outros jogos da jornada: Passos Manuel-Almada, Campo de Ourique-Vendedores de Jornais e Sporting-Técnico.

Todo o campeonato será disputado no pavilhão do Campo de Ourique, em jornadas de quatro jogos.

Almada A. C.: um prémio e melhoramentos no campo

Amanhã á noite, realiza-se um festival (com dois jogos de futebol) no campo do Almada Atlético Clube. Motivos: a inauguração de melhoramentos (aparelhagem eléctrica e novos camarotes) e a entrega àquele clube do trofeu «Ricardo Ornelas», instituído pelo jornal «O Casapiano».

Nos jogos, as equipas de juvenis e seniores do Almada terão como opositores justamente iguais categorias do Casa Pia A. C. O encontro de juvenis começa ás 20 e 45 e o de seniores uma hora depois.

HOMENAGEM A GARCIA

O jogador de hóquei em patins António Garcia, que há mais de vinte anos representa a Associação Desportiva de Oeiras, foi ontem homenageado por esta colectividade, no decurso de um festival desportivo que englobou dois jogos de hóquei. Resultados desses jogos: Parede, 8-Cascais, 2 e Oeiras, 1-P. Arcos, 2.

Uma das notas mais simpáticas do Totobola está nisto: quando não se ganha também não se pode dizer que se perca — apenas se contribui para o bem comum, através da assistência aos diminuídos físicos e do fomento gimnodesportivo.

1x2 totoBOLA

O concurso do próximo domingo

A DIFICULDADE SERÁ A 2.ª DIVISÃO?

No concurso de anteontem, os bons palpites estiveram todos no Ultramar. Vamos ver o que acontecerá no próximo, que nos apresenta alguns (não muitos...) jogos que parecem de «caras». Assim como, no domingo passado, e por exemplo, parecia evidente que o V. Guimarães iria vencer a equipa de Santo Tirso...

Tentemos dar uma ajuda, passando por alto sobre a 1.ª divisão, que dessa quase todos sabem como vão as coisas no recém-começado campeonato.

Vamos, portanto, á segunda.

Temos quatro jogos da Zona Norte.

VIZELA-SANJOANENSE — Cada uma das equipas só tem um ponto, em ambos os casos provenientes de empates com o Salgueiros: o Vizela «fora», a Sanjoanense em «casa».

RIOPELE-LAMAS — Ambos têm três pontos, derivados de vitória em «casa» e empate «fora». A vitória do Riopele (ex-3.ª Divisão) foi sobre a Sanjoanense...

MARINHENSE - FAMALICÃO — Os marinhenses ainda não conheceram outro resultado que não fosse o empate. Portanto, 2 pontos. O Famalicão só ainda não conheceu o empate! Uma derrota e uma vitória. Portanto, 2 pontos...

U. COIMBRA - PENAFIEL Os visitados têm uma vitória («casa») e uma derrota («fora»), ambas por 1-0. O Penafiel tem duas derrotas, ambas por 1-2.

Mais três jogos da Zona Sul.

SINTRENSE-PENICHE — Até agora, o Sintrense só perdeu e o Peniche só ganhou.

TORRIENSE - PORTIMONENSE — Os de Torres: 3-0 ao Tramagal, depois derrota (1-2) em Peniche; os de Portimão: derrota em Tomar (1-2), depois empate ,lá no Algarve, com o Luso.

LUSO-OLHANENSE — Antes do empate em Portimão o Luso perdera em casa com o Peniche. Os de Olhão ainda não puderam ver pontos: 1-2 em Marvila, 1-2 (em «casa») com o Tomar.

Prezado leitor: acertará? Isso não está na nossa mão...

NAS ÉPOCAS ANTERIORES...

Nos concursos «n.º 3» das nove épocas anteriores do Totobla verificaram-se as seguintes «chaves»:

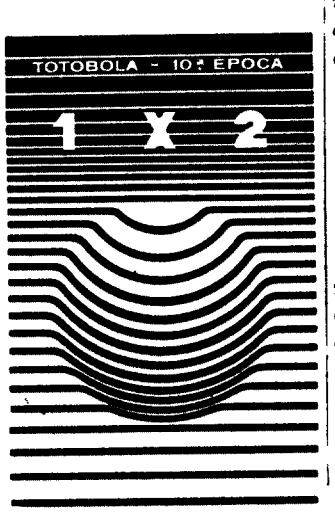
1961-62	—	2x1	x12	x2x 1212
1962-63	—	x12	xx2	122 1x22
1963-64	—	112	111	1xx 1212
1964-65	—	111	xx2	221 2xxx
1965-66	—	111	111	111 1x11
1966-67	—	1xx	21x	111 xxx2
1967-68	—	x22	111	2x1 11xx
1968-69	—	111	111	x21 1121
1969-70	—	x11	22x	x12 2xx1

a) Os jogos com maior tendência para a «saída» de símbolos «1» foram os números 2, 5 e 10;

b) Apenas os jogos n.os 8 e 13 tiveram quatro símbolos «2» — em todos os outros escassearam tais símbolos;

c) Só nos jogos n.os 11 e 12 houve mais que três símbolos «x»;

d) Nos concursos n.º 3 das épocas 62-63, 66-67 e 69-70 houve apenas um totalista. Notar que estas «chaves» são as que têm o maior número de símbolos «x».



VAMOS FALAR DE «SISTEMAS»...

SISTEMAS COM DUPLAS «CONDICIONADOS AO 12»

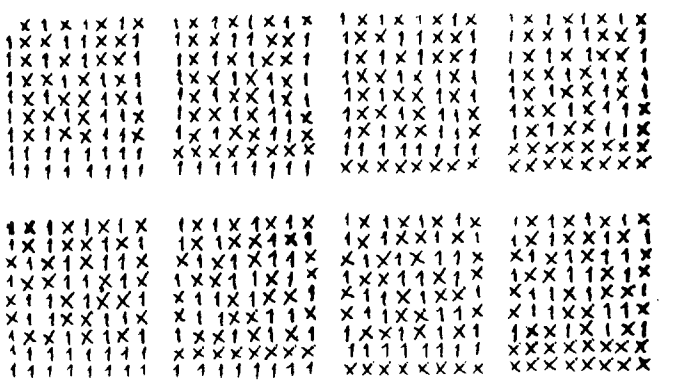
Por vezes conseguem-se bons prémios jogando com apostas duplas pois com uma despesa relativamente baixa é possivel prever muitas surpresas.

Acertando nos jogos fixos e nas duplas estes sistemas garantem 12 resultados certos — a percentagem para a obtenção do 13 é de 12,5.

Para ilustrar a nossa secção escolhemos para hoje um sistema de 9 duplas «condicionado ao 12». Ao apostador restam 4 jogos de puro palpite e serão estes os que deve escolher em primeiro lugar.

No nosso sistema iremos desenvolver as duplas com os símbolos 1—X. No caso do apostador desejar em qualquer dos jogos, a dupla 1—2 não terá mais que substituir, nesse jogo, os símbolos X por símbolos 2; se desejar a dupla X—2 terá de substituir os símbolos 1 por símbolos 2.

Vejamos, então, o desenvolvimento das 9 duplas. Este sistema com duplas integrais custaria 1 024$00; porém quando se «condiciona ao 12» custa apenas 128$00.



O sistema apresenta-se desenvolvido em 8 boletins de 8 apostas por se considerar ser assim mais fácil a sua aplicação.

ULTRAMAR, 4-METRÓPOLE, 0 (EM «TREZES»)

O concurso do passado domingo teve um resultado inédito: na Metrópole, nenhum concorrente conseguiu acertar na «chave»; no Ultramar (com muito menos apostadores) atingiram essa meta nada menos de quatro, sendo três em Angola e um em Moçambique!

(Para cada totalista, 726 565$40).

Aliás, dois desses «trezes» pertencem a soldados em serviço naquela Província: o de Moçambique é de um rapaz de Cinfães do Douro e um dos de Angola foi a «meias» entre dois outros jovens soldados, um açoriano, na Ilha Terceira, e outro do norte da metrópole (S. Domingos — Vila da Feira). Estes dois últimos decidiram estabelecer-se em Lucada...

O curioso é que todos estes jogaram com apostas simples e contribuíram para uma clamorosa vitória dos totobolistas que são ou estão no Ultramar: 4-0 sbre os metropolitanos...

—Então um destes apartamentos pode ser seu!

APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE 150 CONTOS

As economias mais m destas encontram nos nossos empreendimentos assegurado o acesso à casa própria

Só construímos em zonas de rápido desenvolvimento e valorização

Veja e considere as vantagens de ser proprietário comprando em

J. PIMENTA, S. A. R. L.

UMA CASA PARA QUALQUER CASO

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43 / 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Tel. 95 20 21/22

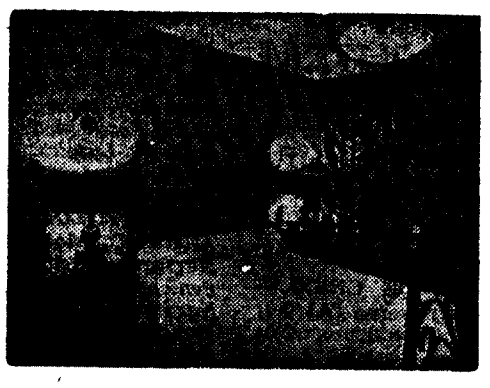
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 2 43 35 11

CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Telef. 28 25 75

Conjunto Turístico da Pampilheira — Tel. 28 39 88

Tem economias?



ARTIGOS ESCOLARES

MAIS BARATO QUE NAS CANTINAS DAS ESCOLAS E LICEUS

PAPELARIAS EMÍLIO BRAGA

Sede — RUA DA MADALENA, 42

Filiais — RUA ALEXANDRE HERCULANO, 11-C • AVENIDA DE ROMA, 10-E

Depositário — AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 49 EM LISBOA

BRINDES

Descontos de 10 % em todos os artigos escolares excepto em livros, e oferta nas compras superiores a 50$00 e a 100$00.

Só tem direito a estes brindes as compras feitas aos nossos balcões e pagas a pronto, de 1 a 31 de Outubro de 1970. ATENÇÃO: Os livros escolares não tem direito aos brindes.

No aproveitar é que está o ganho.

Enviamos encomendas para a Província contra-reembolso, despesas por conta do cliente.

INTERESSA ÀS SENHORAS

SALDOS

Uniformes para empregadas domésticas

PREÇOS INCRÍVEIS

BATAS E AVENTAIS

MODELOS GUANABARA

TINTURARIA GUANABARA

Av. João XXI, 9-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — A L G É S

Telefone 21 49 19

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO

PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

ABERTURA DE NOVOS CURSOS

AOS QUE SE DESLOCAM A INGLATERRA

A C P informa que tem à disposição dos turistas nacionais e estrangeiros que se desloquem à Inglaterra e desejem levar o seu carro, um novo serviço combinado para o transporte de automóveis através do Canal da Mancha

Peça informações e folhetos nas Secções de Informações, nas Agências de Viagens autorizadas e Empresa Geral de Transportes.

Necrologia

FUNERAIS

Dr. José Paradela de Oliveira

De Madrid, deve chegar esta noite à igreja dos Anjos (em Lisboa) o féretro do sr. dr. José Paradela de Oliveira, que faleceu subitamente naquela cidade conforme noticiámos.

Contava 66 anos sendo natural de S. João da Pesqueira. Era casado com a sr.ª D. Mariana Alves Paradela de Oliveira, e pai das sr.as D. Maria dos Anjos Alves Paradela de Oliveira Sorger, casada com o sr. Alois Franz Sorger, e da sr.ª D. Clara Alves Paradela de Oliveira Fernandes Faia, casada com o sr. capitão António Vital Fernandes Faia. O funeral, a cargo da Agência Machado da Costa, realiza-se na quinta-feira, pelas 6 horas da manhã, em auto-fúnebre, para o cemitério de S. João da Pesqueira, terra da sua naturalidade.

A construção de corvetas para a Armada

Segundo um decreto, pela Presidência do Conselho e pelos Ministérios das Finanças e da Marinha «com observancia do limite total de 827 500 000$, fixado no Decreto-Lei n.º 47 381, de 15 de Dezembro de 1966, e no Decreto n.º 48 452, de 25 de Junho de 1968, pode o escalonamento de pagamentos nos anos de 1970 a 1974, estabelecido para a construção das 5.ª e 6.ª corvetas, ser alterado, por antecipação, quando o Ministro das Finanças o entenda conveniente».

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro a hipotecar ou a/ transferir e alterar o seguro: até 40 meses. Rua D. Estefânia 81, 5.º Dt — Telef. 40049 563751. Aguardo sua visita ou telefonema

S. JOÃO DA PESQUEIRA

Doutor José Paradela de Oliveira

FALECEU

Mariana Alves Paradela de Oliveira; Maria dos Anjos Alves Paradela de Oliveira Sorger, seu marido Alois Franz Sorger e filhos; Clara Alves Paradela de Oliveira Fernandes Faia, seu marido António Vital Fernandes Faia e filhos; Dr. João Maria Paradela de Oliveira sua esposa Maria Amélia Magalhães Paradela de Oliveira e filhos; Dr. João Paradela de Oliveira sua esposa e filhos; Maria Teresa Paradela de Oliveira Segurado, seu marido e filhos (ausentes), Aires Paradela de Oliveira e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações que faleceu subitamente em Madrid, no dia 18 do corrente, o seu chorado marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente, cujo féretro deve chegar a Lisboa hoje, de madrugada, ficando depositado na igreja dos Anjos, devendo realizar-se o funeral na 5.ª-feira, pelas 6 horas da manhã, em autofunebre para o Cemitério de S. João da Pesqueira, terra da sua naturalidade.

Os serviços funebres foram confiados à AGÊNCIA MACHADO DA COSTA — ALGÉS Telef. 212148

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
A mais inconvencional comédia do ano
O QUE HA DE NOVO GATINHA?
com Peter Sellers, Peter O'Toole, Romy Schneider, Capucine

EDEN
PARA TODOS Tel. 320768
As 15.1. .8 30 e 21.45
O MUNDO MARAVILHOSO DE MICKEY
Um mundo de graça e fantasia, nos melhores desenhos de sempre de Walt Disney, com Rato Mickey, Pato Donald, Pluto, etc.
TECNICOLOR

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
UM AMOR PARA CAROLINA
Alexandra Stewart na notável realização de Ron Kelly
EASTMANCOLOR

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM ULTIMAS EXIBIÇÕES
um dos melhores filmes do ano
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
com Rod Steiger, Claire Bloom e Judy Geeson
.. procurou uma mulher para lhe dizer ser «amiga» do marido
(TECNICOLOR)

LIDO
As 21.30 (M. 12 anos)
LUA ZERO DOIS
com JAMES OLSON

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel 50595
As 6.15 da tarde e às 9.30 da noite
2.ª SEMANA
Um «Western» clássico com Anthony Quinn, Henry Fonda e Richard Widmark
O HOMEM DAS PISTOLAS DE OURO

CONDES
(Adultos) Tel. 322523
Hoje de novo em Lisboa!
4 SESSÕES
às 14.15, 16.30, 18.45 e 21,45
Montgomery Wood no super-filme
GRINGO NÃO PERDOA

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
As 21.30 h.
MY FAIR LADY
O filme de 8 «Oscars» e de o melhor filme

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
na sensacional comédia á maneira dos anos «10»
CHICAGO, CHICAGO
com Melina Mercouri e Beau Bridges

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Um quinteto explosivo: dois homens, duas mulheres e o Diabo!
EASTMANCOLOR-SCOPE
Madalena Iglésias, Américo Coimbra e Cristina Galho
OS 5 AVISOS DE SATANÁS

ROYAL
(Adultos) Tel. 865037
As 21 horas
O ANORMAL
007 DESAFIA OS ASSASSINOS

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
METROCOLOR
OMAR SHARIFF e ANOUK AIMÉ em
Acender o ciúme dele? Provar o amor dela?
O RENDEZ-VOUS
Um filme de SIDNEY LUMET

ESTÚDIO
As 15.30, 18.30 e 21.45
16.ª SEMANA
(Adultos)
com Jean Louis Trintignant, Françoise Fabian
A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
A comédia em Tecnicolor
UM HOMEM IRRESISTÍVEL
c/ Don Knotts e Anne Francis
AR CONDICIONADO

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA
EM ULTIMAS EXIBIÇÕES
UMA NOVIDADE QUE NINGUÉM ESQUECE NA VIDA
O AMOR NO PACIFICO
Realização de Zigmunt Sulistrowski
O namoro e o casamento em remotas terras, onde a mulher escolhe o seu marido e ele somente obedece...
EASTMANCOLOR

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
OS MARIDOS DE ELIZABETH
A CAÇA AO PUMA
(Ar condicionado)

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 67182
As 15.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Triunfal regresso de GIANNI MORANDI na divertida comédia ao agrado do publico!
NÃO SOU DIGNO DE TI

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
OS 7 MAGNIFICOS
ATAQUE A MURALHA DO ATLANTICO

CASINO ESTORIL
As 17 e 21.30 (M. 12 anos)
F. B. I. CONTRA A MAFIA
com Dan Murray

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 321172
As 15.15 e 18.15 e às 21.30
COLOR
Bibi Anderson e Giuliano Gemma em
AMOR QUENTE, AMOR FRIO

ALVALADE
(Adultos) Tel. 117480
As 15.15 e 21.45
COLOR
Bibi Anderson e Giuliano Gemma em
AMOR QUENTE, AMOR FRIO

LUMIAR
Tel. 795?8
(Adultos) — As 21 h.
CIAO CIAO BAMBINA
SEDUZIDA E ABANDONADA

VOX
(Adultos) Tel. 726?96
As 15.15, 18.30 e 21.45
UMA DELICIOSA SATIRA HIPPIE
CASAMENTO A AMERICANA
com Bob Hope, Jackie Gleason e Jane Wyman
TECHNICOLOR
AR CONDICIONADO

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610?75
As 21.30
POPI
com ALAN ARKIN

CHIADO TERRASSE
As 15 e 21 h. (M. 17 anos)
A ÚLTIMA CARTADA
O PARAISO DO HOMEM

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

ABC — Às 20 e 45 e às 23 h.: «Alto lá com elas» (Adultos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O vison voador» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Pobre Milionária» (17 anos).

CINEMAS

JARDIM — Às 21: «O homem a quem chamaram cavalo» (12 anos).
PARIS — Às 21: «O salário do crime» (12 anos).
IDEAL — Às 15 e 15 e às 21: «O cinto da castidade» (17 anos).
MOSCAVIDE—Às 21: «Alta Traição» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «Rififi em Amesterdão» (12 anos).
SPORT L. BENFICA—Às 21 e 15: «Django» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «A cor da morte» (17 anos)
PAREDE — ROYAL - CINE — Às 21: «007 ao Serviço de Sua Majestade» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 7 e às 21 e 30: «F B I. contra a Mafia» (12 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Por um punhado de dólares» (17 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA—Às 21: «Adeus Gringo» e «O Satélite Misterioso» (12 anos)
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «O quarto privado»

Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Missão na China Vermelha» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Dois anjinhos na Riviera» e «A sombra da forca» (17 anos).

PORTO

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Choque» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Musica no coração» (12 anos).
RIVOLI—Às 21 e 30: «Ben-Hur» (12 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «Um sonho de reis» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Easy Rider» (17 anos).
ESTUDIO—Às 21 e 30: «O Circo» (6 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Os Longos Dias da Vingança» e «O Mistério dos Treze» (12 anos)
JULIO DINIS—Às 21 e 30: «Noivado à italiana» (17 anos)
CINEMA DO TERÇO—Às 21 e 30: «O Filho de Django» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Namu, Rainha dos Mares» (12 anos).

COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Goodbye, mr Chips» (12 anos)
AVENIDA — Às 21 e 30: «Mundo mulher» (17 anos)
TIVOLI—Às 21 e 30. «Cois para os 7 magnificos» (17 anos).
ESPLANADA DOS BOMBEIROS — Às 21 e 45: «O filho de Chaimes» (12 anos).

VIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

LISBOA

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (638256) * Tapada, Ld.ª Calç da Tapada, 83-A (634721).
ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Antelin, Lda., Av. Almirante Reis, 88-B-C (44173) * Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479)
ALVALADE — Líbia, Av. da Igreja 4-B-C (711681) * Marbel, Av. de Roma, 181-A (776285). * Celta Rua Moura Girão, 3-B (Tel 710621).
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça Águas Livres, 8-D (681515)
AREEIRO — Lusitana, Av. de Roma, 18-A (725449) * Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710981)
ARROIOS — Fonsecas, Rua Carvalho Araujo, 46-B-C (841708)
AVENIDAS NOVAS — Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (778324) * Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-546?2) * Oliveira Viegas, R. Viriato, 29-A (48966-558601)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Pr dos Casas Novas Lote 66 (310172)
BAIXA — Formosinho, P. dos Restauradores, 18 (30927) * Normal, Rua da Prata, 220 (321342-325553)
BENFICA — Benfilux, Est. de Benfica, 44-A (Telef 782606) * Progresso, Lda. Estrada A-do-Moia, 64-C (702226) * Macedo, Est do Poço do Chão 69-C (703697)
CAMPO DE OURIQUE—Lineldo, R Ferreira Borges 30, (660955) * Finder, Rua D Maria Pia, 514 (687949)
CAMPOLIDE — Renil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * Zenel, R. A, 182, Bairro da Liberdade (651840) * Nova, R. de Campolide, 297-C — (687475)
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308)
ESTEFÂNIA — Délio, Rua Açores, 32 (52388)
ESTRELA E LAPA — Neve, Suc., R da Bela Vista, a Lapa, 37 (661251).
GRAÇA — Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (844361)
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar 122 a 124 (790332) * Douro, Al das Linhas de Torres, 93-A-B (791131)
OLIVAIS — Simão, R. Cidade de Cabinda, 16-A (T. 310581)
PALHAVÃ — Conte, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).
PEDROUÇOS — Higilux, R de Pedrouços, 50-52 — (610280)
PENHA DE FRANÇA — Delton, Av Mouz de Albuquerque, 7-A (843571) * Europa, Av. General Rogadas, 27-A-B (Telef. 845880)
PICHELEIRA — Marlux — Calç da Picheleira, 140-B-C (720703) e 728395).
PRINCIPE REAL — Gonçalves, Lda., Rua da Rosa, 176-178 (352687).
SANTO AMARO — Berénice, R da Junqueira, 38-40 (688132)
S. BENTO — Miceel, R. de S. Bento, 380-382 (Tel. 662162) * Açoreana, Largo do Conde Barão, 2 (6611330).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. da Margem, 5-B (982470) * Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro, 36 (866126) * Zema, Rua General Justiniano Padrel (à Calçada dos Barbadinhos, 21 (832580)
? — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, R Francisco Marques Beato 45-A (Tel 2511234)

Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R Ernesto Silva, 81 (T 212048)
CAXIAS — Neve, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)
PAÇO DE ARCOS—Trindade Brás —R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034).
OEIRAS — Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE — Grincho, Av. da Republica, 87-A (Telef. 2471204).
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, J-A-15 (Tel. 260116).
CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. G Guerra, 40, (Telef. 280170 * Nova, Estrada de Alvide — Fontainhas (Tel 281044)

Linha de Sintra

AMADORA — Mele, Pr. D João I, Lote 146 — B.ª Janeiro (Tel. 932756) * Central, Av.ª Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210) * Igreja, P da Igreja, 22-A (Tel. 937740) * Jardim, Av.ª Conde de Oeiras, loja 1 - Rubleira (T. 938424).
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel 970523)
QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) * Simões Lopes— Av. Elias Garcia, 51 (Tel 950123)
CACÉM — Central, R Elias Garcia, 55 (2940034)
MEM MARTINS — Quimia, Est Mem Martins 285 Telef 2910012
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA — Marrazes, L Afonso de Albuquerque (T. 980058)
VENDA NOVA — Neve, Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 933920)
COLARES—Colares, Abrejo (Tel 299038)

Outra Banda

ALCOCHETE —Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 5 (Telef 234 00.
ALHOS VEDROS — Gusmão, R Cândido dos Reis, 30 (Telef 224020)
ALMADA — Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-A (T 270242)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Estrada Nacional, 14 (224302)
BARREIRO — Central, Av.ª Alfredo da Silva, 46 (Tel 2273207)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est dos Barrocas, 10-A (Telef. 2760182)
MOITA—União Moitense, Av Dr Teófilo Braga, (Tel 239025)
MONTIJO — Higiene — R José Joaquim Marques, 42 (Tel 230370)
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis 67 (Tel 229028)
SETUBAL — Bocageana — R do Romeu (T 23425) * Barros —B.ª Santos Nicolau (Tel 23330)
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 5 Telefone 2211858

PORTO

Alves, Praça Exército Libertador, 62 (Tel 60002) * Alves Moreira, Av Rod de Freitas 67 (Tel 5889) * Antiga Porta do Olival, Campo dos Mártires da Pátria, 24 (Tel 24262) * Avenida, Aven. da Boavista, 1016 (Tel. 60342) * Barros, R do Bonjardim, 292 (T 47032) * Batalha, Praça da Batalha, 26 (Tel. 29524) * Boa hora, R. da Boa Hora, 80 (Tel. 28783) * Campos, Pr. da Republica, 8 (Tel. 12506) * Couto, L. de S Domingos, 106 (Tel 25962) * Estácio, R. Sá da Bandeira, 20 (Tel. 22664) * Meneses de Lima, Pr Dr Pedro T. Pereira, 227 (Tel. Vitória, 723 (Tel 490427) * Silva Pereira, R Costa Cabral, 293
Paiva — Praça do Comércio (Tel 23231) * Silva Marques * Rua da Sofia (Tel. 23067) * Stélia, Largo da Sé Velha (Tel. 23254) * Dias Ferreira — Rua do Brasil (Tel. 26046).

COIMBRA

Paiva — Praça do Comércio (T. 23241) * Silva Marques — Rua da Sofia (Tel. 23067) * Stélia — Largo da Sé Velha (Tel. 23254) * Dias Ferreira — Rua do Brasil (T. 26046)

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado a norte do rio Tejo e pouco nublado no Sul; o vento era fraco e havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 18°; Faro, 25°; Funchal, 22°; Lisboa, 21°; Penhas Douradas, 20°. Portalegre, 25° e Porto 19°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL, ÀS 9 HORAS DE HOJE: No atmosfera: 19°,6; na água do mar 21°,5

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE —Máxima, Fonte Boa, 39,5°; mínima, Viseu, 13°

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu geralmente pouco nublado, com períodos de muito nublado nalguns locais; vento fraco e possibilidade de trovoadas

Amanhã
Nascer ás 7 e 25
Ocaso ás 19 e 34

Hoje Dia 30 DIA 8 DIA 14

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 9 e 08 (3,4 m); **Dia 23** — 10 e 24 (3,3 m); 23 e 22 (3,1 m); **Dia 24** — 11 e 55 (3,3 m). BAIXA-MAR: **Hoje** — 2 e 10 (1,8 m), 14 e 58 (1,8 m); **Dia 23** — 3 e 26 (2 m); 16 e 45 (2 m); **Dia 24** — 5 e 18 (2,1 m); 18 e 30 (1,9 m).

CORTEJO DE OFERENDAS

FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO, 22 — A favor da Santa Casa da Misericórdia desta vila, efectua-se um cortejo de oferendas no próximo sábado

ÀS PORTAS DO NOVO ANO LECTIVO

Já começaram as preocupações para milhares de estudantes

A escassos dias de abertura das aulas nos estabelecimentos do ensino secundário, vários alunos tiveram já hoje as primeiras preocupações relacionadas com o novo ano lectivo. Efectivamente, em alguns liceus principiaram as inspecções médicas daqueles que os frequentam pela primeira vez.

Assim, no Liceu Rainha D. Leonor, foram inspeccionados, a partir das 9 e 30, por ordem alfabética, as alunas do terceiro ano cujos nomes vão de Ana Maria Malho e Mesquita a Anabela Castanheira Leitão, prosseguindo as inspecções, amanhã, á mesma hora, de acordo com o calendário que o «Diário de Lisboa» publicou nas suas edições de sexta-feira última.

As inspecções no Liceu Normal de Pedro Nunes

Entretanto, no Liceu Normal de Pedro Nunes, as inspecções iniciam-se amanhã, ás 15 horas, de acordo com a seguinte ordem:

3.º ANO — Amanhã, de Adelino dos Anjos Pascoalinho Alvet a Constantino José Gomes Beleza; dia 24, de Daniel dos Santos de Sacadura Cabral a Jorge Manuel Fernandes Nogueira; dia 25, de Jorge dos Santos Salvador Marques a Luís Marcos Lorenzo; e dia 28, de Luís Maria de Castro de Sá da Bandeira a Vítor Filipe Fernandes e Silva

6.º ANO — Dia 29, de Adriano António da Fonseca Costa a José Frederico de Lemos Salter Cid, e dia 30, de José Jorge Munhz Fraile a Virgílio Manuel Manso da Silva Mendes.

No Liceu Rainha D. Amélia

Por sua vez, as alunas que vão frequentar, pela primeira vez, o terceiro ano do Liceu Rainha Dona Amélia, deverão comparecer ali, para efeito de inspecção médica, ás 10 horas dos dias indicados e pela ordem referida a seguir: dia 24, de Adelaide Maria Fernandes de Almeida a Candida Maria Ramos Cabral Figueira; dia 25, de Celeste Emília Ferreira de Matos a Isabel Maria Gonçalves Dias; dia 26, de Isabel Maria Lopes Silva a Maria Clara Duarte de Almeida; dia 28, de Maria da Conceição Duarte Gonçalo a Maria Isabel Ramos Gaspar; dia 29, de Maria Isabel dos Santos Albuquerque a Maria Matilde Henriques Vigoso, e dia 30, de Maria Nazaré Gaspar Nunes Dias a Zélia da Silva Neves

Prosseguiram os exames da 2.ª época

Esta manhã, prosseguiram os exames liceais da segunda época dos 5.º e 7.º anos. Quanto ao segundo ciclo, realizaram-se, ás 9 horas, as provas de Francês e, ás 11, as de Matemática, o que respeita ao terceiro ciclo, houve exames de Latim e Geografia e de Matemática.

Os exames prosseguem amanhã, com as provas (para o 5.º ano) de História e Inglês e (para o 7.º) de Inglês, Físico-Químicas e Grego e Português e Desenho.

Uma doente dos Capuchos fez exames no hospital

Sorridente e completamente á vontade, Maria Manuela de Almeida Nunes, 19 anos, fez esta manhã exame escrito de Matemática do 7.º ano, numa sala do Hospital de Santo António dos Capuchos, onde há mais de um mês está internada devido a acidente de viação em Alcácer do Sal.

Ontem prestou provas de Filosofia.

— Nervosa?

— Não! — respondeu Maria Manuela a uma pergunta do «Diário de Lisboa».

— Não tem razão para isso, acrescentou, por sua vez, o vice-reitor do liceu D. João de Castro, dr. Alvaro dos Santos Lemos, que juntamente com o director do ciclo, dr. Abreu Torres, se tem deslocado áquele estabelecimento hospitalar para assistir ao exame. Constituem o júri.

No desastre rodoviário, de que Maria Manuela foi vítima, ficaram feridas mais cinco pessoas e morreu uma outra.

Maria Manuela teve que ser operada ao braço direito, o que não a impediu, ontem e hoje, de escrever os pontos com a mão direita.

— *De vez em quanto tenho que pedir auxílio á mão esquerda, mas só para movimentar melhor o braço* — declarou.

Aluna do Liceu D. João de Castro, Maria Manuela concluiu, assim na segunda época, o 7.º ano e vai ingressar na Faculdade de Ciências. Pelo menos assim o espera.

Sua mãe, D. Felisbela Nunes, deslocou-se também ao Hospital dos Capuchos para se inteirar da disposição da filha.

Como esta, mostrava-se confiante e já restabelecida dos ferimentos que sofreu no desastre de automóvel, no dia 17 do mês passado, em Alcácer

TRÊS GÉMEOS (PREMATUROS) NUMA PROLE NUMEROSA

COIMBRA, 22 — No Centro de Prematuros do Instituto Maternal, do Centro de Saúde e Assistência Materno-Infantil Dr. Bissaia Barreto deram entrada três gémeos, dois rapazes e uma rapariga, filhos do sr. António Antunes e da sr.ª D. Maria de Lurdes, de Janeiros de Baixo (Pampilhosa da Serra).

Com estes três recém-nascidos aumenta a numerosa prole do fecundo casal para treze filhos contando a mais velha 18 anos.

Família pobríssima, o chefe encontra-se em França, a trabalhar, e todo o dinheiro que ganha tem sido para pagar dívidas.

Os três gémeos estão bem, e tudo indica que sobreviverão.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

M/ 6 ANOS
CAMPO PEQUENO
Quinta-feira, 24 — 21,30 h.
FESTIVAL TAUROMÁQUICO
A favor da Liga dos Combatentes ● Assiste o sr. Presidente da República
JOÃO NÚNCIO ● MANUEL CONDE
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
GUSTAVO ZENKL
FREDERICO CUNHA
F. ANDRADE SALGUEIRO
J. LUÍS SOMMER DE ANDRADE
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM E DE MONTEMOR-O-NOVO
7 TOIROS DE D. MARIA MANUELA ANDRADE SALGUEIRO
NO INICIO DO ESPECTÁCULO EXIBEM-SE A BANDA, O CARROSSEL E A FANFARRA A CAVALO DA G. N. R.
IMPORTANTE:
ENTRE OS ESPECTADORES, SERÃO SORTEADAS DUAS PASSAGENS DE AVIÃO LISBOA-FUNCHAL, OFERECIDAS PELA TAP.

não vale a pena ler este anúncio...
. . . na verdade, SHARP* é para ouvir.
O nosso material é bem desenhado e moderno, ajuda à decoração de qualquer sala, mas a qualidade de som é o nosso objectivo.
SHARP.
Uma realidade para o ouvido
SHARP
— Uma gama completa de rádios, televisores, gira-discos, transistores, gravadores e sintonizadores
— Som de alta precisão
*Solid State
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS RAFAEL BURGUETE LDA. LISBOA - PORTO
A VENDA NOS REVENDEDORES AUTORIZADOS

RESTAURANTE MÓNACO
CAXIAS — TEL. 2 43 23 39
A gerência informa os seus estimados clientes que hoje, à noite, todas as suas salas se encontram reservadas.
Chamamos a atenção para as novas e sensacionais ementas para casamentos. Reservam-se salas para banquetes.
Direcção de OUTERELO COSTA

IV Cruzeiro «Novo Mundo»
BRASIL
ARGENTINA
URUGUAI
Desde 1 de Novembro a 9 de Dezembro (39 dias)
a bordo do transatlântico «CABO SAN ROQUE» da YBARRA
CLASSE ÚNICA
DESDE 15.300$00
INSCRIÇÕES ATÉ 2 DE OUTUBRO
Programas, informações e inscrições na acreditada
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21 LISBOA-2

Exclusivo

EM 1970 CADA AVIÃO COMERCIAL $ PODE SER O CAVALO DE TROIA QUE A OFENSIVA POLÍTICA PÕS EM MARCHA SEGUNDO AS LEIS DO RAPTO E DO DESGASTE PSICOLÓGICO

O bom humor português nacionalizou um dos mais importantes acontecimentos dos nossos dias, espalhando pelos cafés esta anedota: «Um passageiro entra no avião da carreira Washington-Boston, o avião descola e esse homem, levantando-se do seu lugar, exibe uma pistola á hospedeira que o leva á cabina de pilotagem. «Para Boston», diz o homem ao comandante. «Mas esse é o nosso destino», protesta o comandante. O homem não se comove, prosseguindo firmemente na sua atitude até que aterram em Boston, dentro do horário previsto. «Se vinhamos para Boston, para quê a arma e tudo isso?» pergunta aliviado o comandante quando o avião se imobilizou. Com cara de quem sabe o que esteve a fazer, o assaltante respondeu: «Oh, filho! Das três vezes que quis fazer esta viagem fui sempre desviado para Cuba!»

Esta história, provávelmente inventada em frente de uma chávena de café num dos muitos momentos de lazer provinciano, caricaturiza, afinal, a frequência com que hoje se desviam aviões para destinos completamente alheios aos mapas de vôo e aos desejos dos pilotos e restantes passageiros. Mas muitas vezes o «hijacking», acto de desviar aviões, não se reveste da graça desta história inventada. Principalmente para quem vai dentro do avião. Senão vejamos...

Sandy Saltzer e Christine Peterson, duas bonitas hospedeiras da Eastern Airlines, estavam a meio da sua rotineira tarefa de recolher as tarifas dos passageiros daquele ainda mais rotineiro vôo de Newark, Nova Jersey, para Boston, enquanto o DC 9 começava a voar em círculos para descer no aeroporto internacional de Logan, uma das suas escalas. Quando as raparigas se aproximaram de um jovem sentado sózinho num conjunto de três bancos, este remexeu os bolsos á procura de mais dinheiro, depois de ter entregue 18 dólares e picos, acabou por abrir uma pasta e sacar de lá perante os olhos azuis e espantados das pequenas o cano gordo e curto de um 38.

«Quero falar com o comandante», disse o rapaz. Friamente, Miss Saltzer pediu-lhe que disfarçasse a arma sob a camisa para não assustar os outros 65 passageiros e levou-o para a cabina que antecede o «cockpit». «Estou ocupado agora», foi a resposta do comandante Robert M. Wilbur Jr., entregue á manobra da descida, quando uma das hospedeiras lhe disse que um passageiro lhe queria falar. Mas quando a garota insistiu, dizendo que por detrás desse desejo havia um revólver, o comandante deitou a cabeça de fora e perguntou o que é que havia. Pistoleiro e hospedeira entraram então na cabina. A jovem saiu logo a seguir, procurando sorrir e fazer a sua tarefa normalmente. Alguns minutos mais tarde, os passageiros ouviam estampidos semelhantes a tiros de revólver.

Eram efectivamente tiros e vinham da cabina dos pilotos. «Pareciam disparos secos de uma pistola de alarme», diria mais tarde Miss Peterson. Mas o tiroteio era real. Só nessa altura os passageiros souberam que alguma coisa errada se estava a passar. O jacto, entretanto, fazia abruptas quedas no espaço antes de fazer uma atabalhoada aterragem em Logan e nada mais aconteceu, por breves minutos. O comandante Wilbur Jr. estava sentado aos comandos sangrando abundantemente de ferimentos de bala nos braços e o co-piloto Hartley, de 30 anos, jazia inconsciente, ainda amarrado pelo cinto. Morreria pouco depois de transportado para o hospital. O assaltante era dado como fora de perigo, pouco depois.

Ao contrário de outros desvios, o intruso não quis ir para Cuba. «Não tenho nenhum sítio para onde ir», disse ele aos pilotos. «Vamos voar até acabar a gasolina». Foi nessa altura que Wilbur deu uma guinada nos comandos e o assaltante começou a disparar. Hartley saltou e, apesar de mortalmente ferido, conseguiu desarmar o «hijacker» e atingi-lo com a sua própria arma. Nos minutos seguintes, Wilbur, de 35 anos, teve tempo para subjugar o ainda activo «gunman», pedir uma aterragem de emergência, uma ambulância, um médico e polícia e tudo isto sem se esquecer de ligar o sinal de «Não Fumar».

Apurou-se, entretanto, que o asaaltante era um bacharel desempregado, John J. Divino, de 27 anos, que viva em Nova York com sua mãe viúva. Dois dias depois deste caso, a Polícia apurava ainda que doze anos antes ele tentara suicidar-se dando um tiro na cabeça e alojando uma bala no cérebro, a qual nunca fora removida.

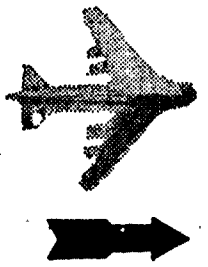
Mas não só frustrados suicidas que desviam aviões. Ainda recentemente um jovem de boina e «fisionómicamente parecido com Che Guevara», segundo testemunhas, desviou um 747 para Cuba, o primeiro Jumbo-Jet a ser desviado, o que mereceu honras da presença de Fidel Castro no aeroporto internacional de Jose Martí, para admirar o gigante dos ares, o aparelho da fábrica «Boeing» com vários pisos e que transporta 399 passageiros. Isto apesar de Fidel não ter até aqui tratado os autores de desvios como heróis, o que originou até o regresso aos Estados Unidos de uma dezena de sequestradores de aeronaves.

O desvio mais sensacional foi, no entanto, uma estreia para uma das mais apaixonantes e exóticas regiões do Mundo-Oriente. O mais sensacional e empolgante sequestre dos anais da aviação comercial internacional ocorreu no Oriente quando um grupo de jovens esquerdistas japoneses, armados de espadas de samurais tentaram desviar um trirreactor da Japan Air Lines, funcionando em carreira interna para Pyongyang, na Coreia do Norte, o que conseguiram depois dos três dias mais intensos que qualquer passageiro ou tripulante de aviões jámais viveu.

Durante esse tempo, cem milhões de japoneses viveram agarrados aos «transistors» escutando os boletins de notícias transmitidos hora a hora.

Ainda mal os cintos de segurança tinham estalado a desapertarem-se depos dos escassos minutos de subida, a bordo do vôo 345 de Tóquio para Fukuoka, quando nove jovens, estratégicamente dispostos na superlotada aeronave se puseram de pé. Inicialmente, alguns passageiros pensaram tratar-se de um «show» ou de algum truque da companhia para entreter os passageiros. Mas para tirar todas as duvidas os jovens sacaram rápidamente das suas recurvas espadas de samurai. Alguns deles gritaram: «Somos o Exército Vermelho!», referindo-se a uma organização esquerditas estudantil.

Enquanto a maior parte deles ficava de guarda aos 122 passageiros, o «leader», Takamaro Tamiya, de 27 anos, agarrou na hospedeira que distribuia quentes e mentoladas toalhas e avançou, com ela, até á cabina de pilotagem. Encostando a ponta da espada nas costas do comandante Shinji Ishida ele ordenou que este voasse com rumo a Pyongyang, a capital da Coreia do Norte, onde deveria aterrar o 727, a 130 quilómetros do



ponto onde se encontrava. Usando o microfone de bordo os assaltantes avisaram que tinham bombas que fariam explodir o avião se as suas ordens não fossem obedecidas. Volumosos objectos nos bolsos e pendurados dos cintos foram tomados como tal pelos passageiros. Os jovens explicaram ainda que desejavam ir para a Coreia do Norte aprender as técnicas e tácticas da luta de guerrilhas. Ishidyc convenceu os seus raptores de que não dispunha de combustível para uma tão longa viagem. Eles concordaram então em deixar que se aterrasse em Fukuoka, o destino original, a cerca de mil quilómetros de Tóquio, mas sómente para se abastecerem. Na altura em que o avião fez essa aterragem, todo o Japão sabia do sequestro. O Governo de Tóquio hesitava em permitir que se voasse para Pyongyang, receando que as autoridades comunistas da Coreia não libertassem mais tarde o avião e o mantivessem apreendido.

Os raptores foram inflexíveis. Enquanto em terra, em Fukuoka, enchiam os depósitos, eles mantiveram as espadas encostadas á garganta dos tripulantes. Fizeram uma unica concessão: deixaram sair 22 mulheres, crianças e velhos, após o que o avião levantou, de novo, em direcção ao continente asiático. Mas durante a paragem de cinco horas em Fukuoka, a torre conseguiu fazer a Ishida uma mensagem secreta. Quando os assaltantes não estavam a ver nem a ouvir, ele conseguiu sintonizar o rádio para uma frequência onde escutou instruções. Estas diziam que em vez de Pyongiang ele voasse para Seoul, a capital da Coreia do Sul.

Por instantes, os raptores foram enganados. Abraçaram-se efusivamente e deram fortes palmadas nas costas uns dos outros e pediram desculpa aos passageiros pelas inconveniências e contrariedades provocadas.

Subitamente, eles tiveram um pressentimento e pediram mais provas. Quiseram então ver fotografias do primeiro-ministro norte-coreano Kim Il Sung e um jornal de Pyongyang, tanto uma coisa quanto a outra altamente proibidas na Coreia do Sul. Durante uma longa espera, os assaltantes permaneceram em constante observação pelas vigias até perceberem que haviam caído num logro.

«Durante esses minutos eles mostravam-se não só excitados mas também com algum medo», disse uma hospedeira. Esta pausa prolongar-se-ia por muito tempo: três dias. Os estudantes recusaram-se a render-se ou a libertar os prisioneiros. Jactos de caça e soldados armados com metralhadoras impediam em Seoul que o avião levantasse de novo. As portas e os estores das vigas permaneceram encerradas.

A tensão nos aeroportos contrasta com o sorriso de um dos maiores «hijackers» de sempre: Minichiello

UM CENÁRIO QUE FALHOU

No aeroporto de Kimpo, em Seoul, bandeiras norte-americanas e sul-coreanas foram apressadamente arreadas e um destacamento do Exército vestiu-se e armou-se precipitadamente como uma força da Coreia do Norte. Quando o avião aterrou, os altifalantes da aerogare desataram a repetir:

«Isto é Pyongyang. Damos-lhes as boas-vindas, do coração! Isto é Pyongyang...»

Altos funcionários japoneses voaram até á Coreia do Sul onde mantiveram negociações durante horas através da rádio com os radicais. Dentro do avião, a atmosfera tornava-se irrespirável. Os homens fincam as mãos amarradas atrás das costas, o cheiro provocava náuseas e o oxigénio começava a rarear. Finalmente o vice-ministro japonês dos Transportes, Shinjiro Yamamura, ofereceu-se para refém em troca dos passageiros. 80 horas depois do avião ter aterrado, uma escada amarela rolou finalmente até á porta para 50 passageiros desembarcarem. Muitos deles pararam pelo caminho para apertar as mãos dos seus raptores e outros voltaram-se já na pista para um aceno final. Foi a vez de Yamamura subir para bordo e os restantes 49 passageiros serem libertados. Um voo imediato levou os passageiros libertados para Fukuoka onde uma alegre multidão os recebeu com gritos de «Banzai». Por fim, o voo 351 seguiu para Pyongyang, efectivamente.

No dia seguinte os norte-coreanos libertaram os tripulantes, o avião e o refém Yamamura. Ainda eles regressavam ao Japão a Rádio de Pyongyang captada em Seoul ter-se-ia referido aos jovens radicais como «criminosos trotsquistas...»

Há poucos dias, um outro sequestro aéreo era efectuado no Japão, desta vez por um jovem isolado que dominou a tripulação e obrigou o aparelho a desviar-se do seu rumo inicial de Nagoya para Sapporo, empunhando uma pistola de alarme. O avião aterrou, no entanto, numa base aérea do Norte do país, onde duas horas mais tarde dal ter chegado o assaltante, distraído pelo nervosismo de uma passageira foi dominado. No momento em que aterrara, o homem «que aparentava 22 anos» pedira uma espingarda e 100 balas. O avião transportava 75 passageiros.

O DILEMA DAS COMPANHIAS DE AVIAÇÃO

Passavam dez minutos das cinco da tarde de um quente e tranquilo sábado de Tel-Aviv quando o altifalante do aeroporto de Lydda anunciou, solenemente: «Todas as pessoas que aqui se encontram, aguardando a chegada do voo 330 da Swissair devem reunir-se na sala de recepção dos VIP». O anúncio foi repetido umas duas vezes. Esperando o pior, uma multidão de nervosos israelitas dirigiu-se á sala, onde um funcionário da companhia, rodeado por enfermeiras e um médico os esperava.

«É com profunda mágoa», começou o funcionário por dizer. E então contou que o avião que eles tinham ido esperar se havia despenhado pouco depois de ter descolado do aeroporto de Zurich e que os seus 47 passageiros e tripulantes — incluindo 15 israelitas — tinham morrido.

Quinze minutos depois da descolagem em Zurich, o piloto Armand Etienne tinha aberto o rádio e dito para baixo que houvera uma explosão a bordo. «Vamo-nos despenhar», anuncia ele pelo rádio. «Adeus a todos, adeus a todos». Segundos mais tarde o 707 estoirava em chamas num pinhal, perto da aldeia suíça de Wurenlingen. Investigadores que reuniram pedaços de roupas, de metal e de corpos desmembrados, disseram mais tarde que a explosão fora causada por uma bomba colocada no compartimento das bagagens. Reflectindo a raiva de muitos suíços que consideravam o atentado como um acto de vingança á condenação de três terroristas árabes dois meses atrás num tribunal suíço, a «Tribuna de Genéve» considerou este acto como «inqualificável, indesculpável e injustificável».

Entre os Governos árabes, o Jordano publicou prontamente um comunicado deplorando o acidente e o «leader» da Al Fatah, Yasir Arafat, dirigindo-se aos seus grupos de «comandos» desmentiu que esse acto tivesse sido perpetrado por qualquer grupo árabe.

Duas horas antes do avião suíço se ter despenhado, um aparelho austríaco, com correio para Tel-Aviv, sofreu uma explosão similar mas conseguiu aterrar com êxito, de emergência, no aeroporto de Frankfurt. A Polícia alemã apurou então que a explosão tinha sido causada por uma bomba ligada a um detonador-altímetro e empacotada com destino a Tel-Aviv, por dois árabes que haviam partido do aeroporto duas horas antes, voando para o Cairo. Entretanto, as autoridades alemãs detinham outros dois árabes que prontamente confessavam a cumplicidade no atentado.

Pouco depois do desastre com o avião suíço, um informador da Frente Popular para a Libertação da Palestina

7 dias 7

SEMANA agitada. Febril. Uma data de interrogações a boiar na inquietação do tempo. Prova de que o mundo se tornou pequeno. Quase familiar. Não importa que o Vietname, o Chile, a Jordânia, etc., estejam separados por milhares de quilómetros. Hoje vivemos todos porta com porta. Mundo comum, problemas comuns.

Pois agora a situação no Médio Oriente aqueceu — e não se sabe até onde subirá a temperatura. Fala-se em que se pode chegar ao rubro. Veremos.

Tudo começou porque o rei Hussein não gosta mesmo nada dos comandos palestinianos instalados em território jordano. Por isso chamou o exército ao poder, declarou a lei marcial e aí temos a guerra civil instalada em terras petrolíferas. Nesta altura ainda não se sabe se Hussein chamará os americanos em seu auxílio. Entretanto a sexta esquadra, com seus 50 navios e sua poderosa guarnição, está a postos. A U. R. S. S. afirma que o conflito pode alastrar. Nasser propõe um plano de paz. Entretanto, Nixon projecta contactar com o marechal Tito, a guerra civil continua e o rei Hussein conversa através do éter com os radio-amadores.

No mundo da ciência, uma novidade, e grande, na Alemanha, pela primeira vez, um vírus inofensivo foi inoculado em duas irmãs atingidas por grave doença hereditária, na esperança de corrigir, ao nível das células, o defeito responsável pela doença. Aqui temos, a partir de agora, uma porta aberta para combater determinadas funestas heranças.

Do Chile chegam-nos a notícia de que Salvador Allende, candidato da Frente Popular á presidência da República e que obteve o maior número de votos, mantém no seu caderno de futuras realizações a nacionalização das indústrias estratégicas. Ideia que, como fácilmente se imagina, não agrada muito aos Estados Unidos.

E por falar em Estados Unidos, um país que anda, permanentemente, nas bocas do mundo, desencadeou-se uma greve de duração ilimitada na General Motors, a maior fábrica de automóveis do mundo. Este e outros movimentos estavam previstos, com certo temor, pelos que vêem no aumento do consumo a possibilidade de vencer a crise económica naquele país. Muito embora se afirme que as quatro grandes greves anteriores não influíram no volume de negócios, a verdade é que há imponderáveis psicológicos capazes de agir na actividade dos consumidores.

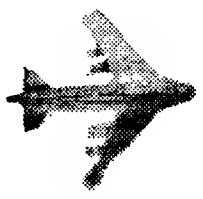
Parece que, deste modo, se recorda o essencial da actividade mundial de uma semana que esteve longe de ser rotineira. No entanto, chegados aqui, parece-nos que falta qualquer coisa. Que será, que não será... Deixem cá ver: Allende, Nixon, General Motors, a guerra civil na Jordânia...

Ah, já sei: o ciclista português Joaquim Agostinho foi muito elogiado pelo redactor desportivo do «Figaro». Diz que ele é muito bom, até faz lembrar o Poulidor! Nem tudo caminha mal no mundo conturbado que vivemos.

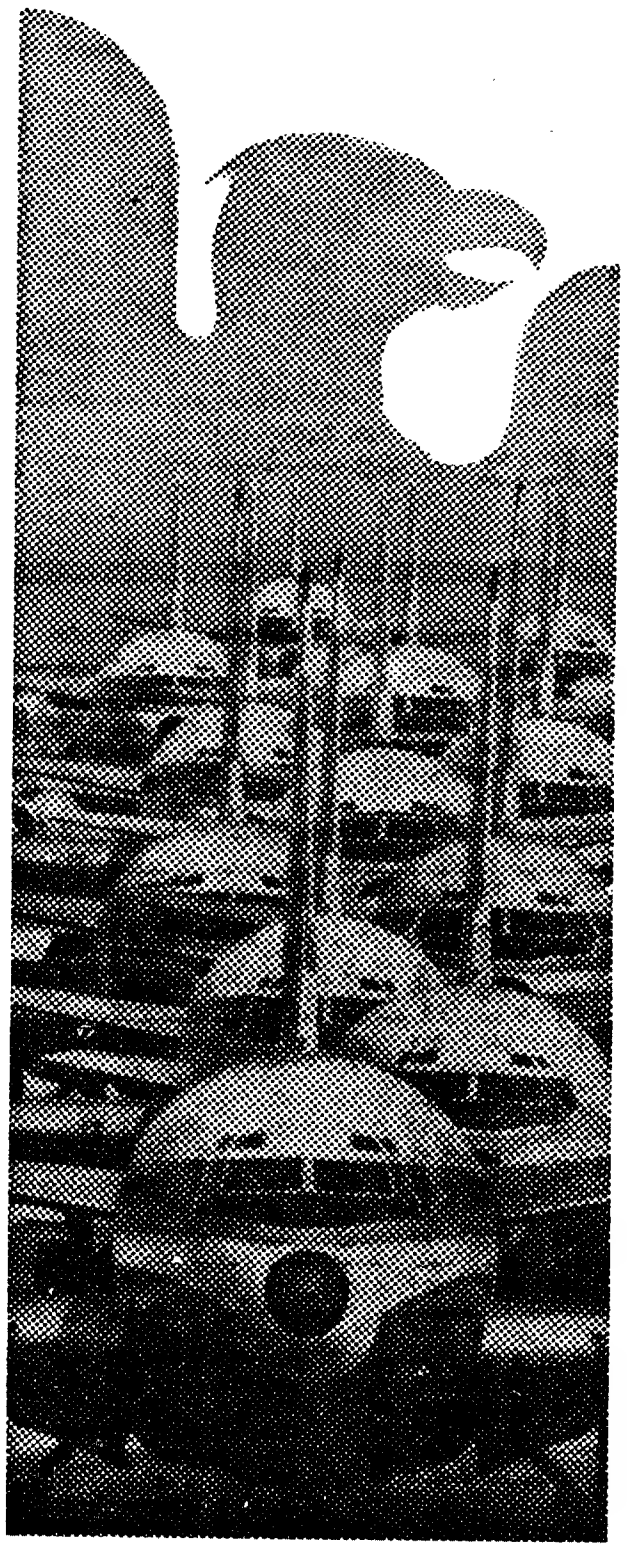
anunciava orgulhosamente que o seu grupo tinha sido responsável pelos dois incidentes. Mais tarde, o grupo desmentiu que tivesse feito semelhante reivindicação mas círculos políticos árabes continuaram firmemente a acreditar na sua responsabilidade. Em suma, o dr. George Habash, um médico pediatra «leader» dessa organização, disse que o seu povo continuaria a atacar as linhas aéreas comerciais israelitas. «Os aviões da El Al fazem parte da força aérea israelita», declarou Habash.

Depois de uma tumultuosa reunião do Gabinete, o primeiro-ministro Golda Meir convocou todos os embaixadores dos países que possuem as mais fortes companhias aéreas internacionais e pediu que «medidas concretas e eficientes fossem tomadas com toda a urgência, para pôr fim a actos terroristas dirigidos á aviação internacional.

Encarando a possibilidade de rebentamentos de bombas por razões políticas ou patológicas reagiram inicialmente com uma onda de protecção aos seus serviços de tráfego. No passado, indivíduos dementes tinham colocado bombas em aviões, normalmente para matar parentes indesejáveis ou suicidarem-se, deixar á família o seguro de vida, ou ambas as coisas. Actualmente as bombas têm sido colocadas em aviões com primários intuitos de marcar pontos politicamente. As linhas aéreas escandinavas cancelaram voos de passageiros para Tel-Aviv e sete das maiores companhias europeias suspenderam temporàriamente o seu serviço de carga e de correio para Israel, actos que enfureceram os israelitas que clamavam estar a ser os prejudicados pelas «más acções árabes».



A tensão, neste clima, cresceu há alguns meses em quase todos os aeroportos do Mundo, desde o de Nova York até ao de Tel-Aviv, propriamente dito. Em Roma, por exemplo, a Polícia e funcionários das companhias observavam cuidadosamente todas as pessoas suspeitas e vigiavam a área do aeroporto 24 horas por dia com binóculos de infravermelho. Radioscópio tornou-se um instrumento utilizado em quase todos os grandes aeroportos internacionais. O aeroporto de Kharstrup, em Copenhague e o de Riem, em Munique eram patrulhados por agentes empunhando pistolas-metralhadoras. Também no aeroporto de Schwechat, em Viena, havia não só agentes mas também cães-polícias. Quando um piloto austríaco soube que tinha um jordano como passageiro apressou-se a perguntar ás autoridades: «Revistaram bem aquele homem?»



BOMBONS PELO CHÃO

O aeroporto de Heathrow, de Londres, de longe o que maior número de voos para e de o Próximo Oriente regista foi tomado por toda esta tensão. Durante vários dias pessoal de terra recusou-se a operar com voos para o Médio Oriente, sem sequer carregar ou descarregar aviões que chegavam ou partiam. Uma noite, um miudo de oito anos disparou uma pistola de fulminantes e centenas de cabeças esconderam-se nervosamente na aerogare. A condessa de Gainsborough desceu apressadamente de um avião em Atenas quando soube que ele teria escala em Tel-Aviv. Outra vez, um alarmado piloto, James Bell, insistiu para que fosse vistoriado um misterioso pacote verde transportado por um dos passageiros que ele considerava suspeito. Quando a Polícia abriu o pacote, dezenas de bombons espalharam-se pelo chão e gargalhadas nervosas assinalaram o desanuviamento.

«Uma bala através da blindagem de um avião pode provocar a desintegração completa», acentuam eles. Por outro lado, pessoal de companhias apoia a proposta de Knut Hammarskjöld, irmão do malogrado secretário-geral da O. N. U., que defendeu numa reunião da I. A. T. A. o emprego de cães pastores alemães treinados por soldados dos E. U. A., e actualmente utilizados no Vietnam para farejar minas. Isto foi considerado por alguns como um «método pouco ortodoxo». Nos últimos meses as companhias têm conseguido nítidos progressos em dominar os atentados que começaram pelo desvio de aviões para Cuba e mais tarde na Europa e na Ásia. Para ajudar as companhias a combaterem os «piratas do ar», a Administração Federal da Aviação dos Estados Unidos estudou o «perfil» de um «hijscker» e fê-lo circular, a esta espécie de retrato «robot» desenhado por palavras, através das companhias interessadas. Se os traços psicológicos de um passageiro têm um mínimo de relação com os de o «perfil», ele é discretamente vigiado, e as suas coisas passam pelo magnetómetro. Responsáveis de aerolinhas dizem que isto tem dado já os seus frutos, embora os pormenores do «perfil» serem mantidos em segredo. Pessoal mais realista de diversas companhias dizem, porém ser impossível evitar completamente que um fanático ou um dementado se apodere de um avião ou faça ir tudo pelos ares com um simples frasco de nitroglicerina que mesmo revistado pode ter o ingénuo aspecto de embalagem de água-de-colónia.

Entretanto, com bombas, desvios e tudo o mais as estatísticas continuam a apontar o avião como o meio mais seguro de transporte, em percentagem.

O FURTO E O USO-FURTO

DETERMINADOS pormenores, relacionados com os acontecimentos do dia-a-dia internacional, passam despercebidos ao grande público.

Falou-se muito, por exemplo, dos prejuízos que o recente desvio e destruição de um «Boeing-747» no aeródromo do Cairo causara á companhia proprietária do avião, a Pan American World Airways, familiarmente conhecida por «Pan Am». A verdade é muito outra, como se vai ver.

O avião pertence realmente ao First National City Bank que o alugara á «Pan Am». A esta competia segurá-lo e assumir todas as responsabilidades. Nestas condições, será a «Pan Am» a receber a indemnização devida pelas companhias de seguros ou seja, 24 milhões de dólares — qualquer coisa como cerca de 700 mil contos...

Assim, de uma cajadada, a «Pan Am» pode reembolsar o verdadeiro proprietário do avião e ainda arrecadar uma grossa maquia, mesmo depois de efectuar o aluguer de um novo aparelho semelhante ao destruído no Cairo.

Pode dizer-se que, para a «Pan Am», a destruição do «Boeing-747» foi um rico negócio. Sabe-se que no ano passado a companhia perdeu 25 milhões de dólares — pelo que a indemnização devida pelas companhias de seguros cai como sopa no mel...

Exclusivo

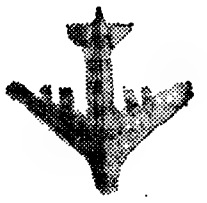
A aviação comercial entrou na História pela aproximação que trouxe aos povos da Terra. Hoje, no entanto, vive-se um novo capítulo da cronologia e influência do ar. Os desvios aéreos (hijaetas) mais importantes são contados logo ao abrir deste suplemento num longo «round up» de um nosso redactor.

Vender armas já não é só um «negócio... da China». Hoje quem vende armas (não falamos de armeiro, claro) avança rápidamente para a fortuna (se é que ainda a não tem). Página 5.

Grotowsky, o encenador polaco que o teatro discute explicou em Nova Iork o verdadeiro significado do «desnudament». É muito mais importante do que estar simplesmente nu, como verão na página 9.

A China pode ter mais influência no Médio Oriente do que até aqui tem aparentado. Para se ver até que ponto Pequim será apostado na situação árabe, leia-se o «dispatch» que Robert Tota nos envia de Washington (página 4).

A situação dos «náufragos do ar» é lembrada também a propósito dos ultimos grandes desvios do Dispersos no deserto pelos resistentes palestinianos os passageiros dos aviões desviados pela Frente de Libertação Palestiniana foi prejudicada pela Cruz Vermelha Internacional (Página 4).



A descoberta do génese foi das mais importantes do século, dizem cientistas. Para bem ou para mal? e discutem eles entre si. Tenha a sua opinião lendo a página 6.

Chianca de Garcia, o português que vive o Brasil há mais de 30 anos fala-nos hoje da cidade que mais cresce no mundo: São Paulo, mas não só... Leia na página 10.

O «Deve & Haver» na pág. 4
O Jazz na Europa na pág. 8
«O Furto e o não-furto» na pág. 3
Requiem por Mr. Lincoln na pág 3
etc., etc., etc.

DIÁRIO DE LISBOA, 22 DE SETEMBRO DE 1970
EXCLUSIVO SUPLEMENTO SEMANAL DO
Diário de Lisboa

COPYRIGHTS DE «LE MONDE», «WASHINGTON POST» E «LOS ANGELES TIMES»

AMMAN & WASHINGTON

REFÉNS
A MOEDA DOS DESVIOS

Por Robert Toth

AMMAN, 22 — As negociações para levar a Frente Popular de Libertação da Palestina a soltar os reféns ainda em seu poder encontram-se, práticamente, em ponto morto e será preciso ultrapassar numerosos obstáculos para que se chegue a um acordo.

O ritmo dos esforços de salvamento dos reféns é, com efeito, consideràvelmente demorado depois da libertação de 270 outros prisioneiros dos desvios e da destruição dos três aparelhos dinamitados na pista de Zarka.

A maior parte dos representantes da Cruz Vermelha responsáveis pela libertação dos reféns deixaram a Jordania e o enviado especial do Papa Paulo VI, que se avistou com os comandos, saiu igualmente de cena.

Os suíços pediram á liga árabe para intervir e os cinco países que têm cidadãos ainda detidos — os E. U. A., Israel, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental e a própria Suíça — interrogam-se quanto á conduta a adoptar.

Os esforços para obter a libertação dos ultimos reféns foram complicados pela prisão de 450 a 500 guerrilheiros palestinianos e simpatizantes da faixa de Gaza e da margem ocidental do Jordão. As reacções dos porta-vozes palestinianos a esta ultima medida israelita foram confusas e até mesmo contraditórias. Ninguém parece saber se a frente popular pede a libertação dos árabes detidos pelos israelitas e ainda a dos comandos presos na Alemanha Federal, na Grã-Bretanha e na Suíça.

Mas os esforços para obter a libertação dos ultimos reféns esbarram igualmente nos seguintes obstáculos: é assim que os palestinianos não têm uma confiança absoluta na neutralidade da Cruz Vermelha e o seu representante, André Rochat, suscitou reacções diversas.

Durante os seis dias de prisão dos reféns no deserto de Zarka, foram os porta-vozes da Cruz Vermelha que estiveram na origem da maior parte das informações acerca das condições de vida nos aviões desviados, a maior parte delas falsas. Mas a Cruz Vermelha não disse que a Frente Popular tinha tido o máximo dos cuidados e se desdobrado em atenções, como diriam mais tarde os reféns libertados.

Houve inclusivamente a mentira relacionada com o nascimento de uma criança a bordo de um dos aviões imobilizados na pista de Zarka, baseada numa informação completamente falsa como se viria a saber no sábado, após a libertação dos comandos. Um dos problemas mais graves foi também o do estilo de André Rochat, delegado principal da Cruz Vermelha que, durante as tentativas de mediação, passeava com botas «beiges», de couro fino, num impecável uniforme de «caqui» e com um chapéuzinho ridículo de «sport».

No momento em que os aparelhos de carreira foram desviados, o gesto dos comandos palestinianos foi acolhido por uma indesmentível vaga de admiração pela Frente Popular que reflectia o antiocidentalismo do homem da rua dos países árabes e a sua adesão á Frente Popular.

Mas a reacção dos Governos árabes e da opinião publica mundial não-árabe foi muito diferente. A Frente Popular em breve foi alvo de ataques dos Governos árabes, inclusive do sírio e do iraquiano, habitualmente firmes partidários da Frente. O própro comité central da resistência palestiniana fez pressão sobre a Frente Popular para que ela solte rápidamente os reféns.

Houve igualmente informações acerca dos movimentos da 6.ª esquadra dos Estados Unidos para Leste do Mediterraneo, e da chegada de uma esquadrilha de «Phantom» americanos na Turquia, a 450 quilómetros da área onde os reféns eram mantidos no deserto. Tudo isso sugeria que o mundo estava á beira de preparar uma operação militar para salvar os reféns.

«Neste estado, isso não tem importancia», disse um membro da Frente Popular». Um homem cuja vida está ameaçada está-se nas tintas se o Mundo explodir. Nós sentimo-nos ameaçados».

Os cinquenta e poucos reféns nas mãos dos comandos da Frente Popular foram divididos em grupos de dois e três pelos diversos campos de refugiados e bases militares da Frente, no vale do Jordão. Tratava-se, segundo uma fonte árabe, de assegurar as defesas contra uma iniciativa militar dos países ocidentais, de Israel ou da Jordania.

A CHINESA

Por JESSE LEWIS

WASHINGTON — A destruição de três aviões de carreira desviados para o «Aeroporto da Revolução» de Zarka poderá ser o prelúdio, segundo alguns especialistas, de uma intervenção crescente da China na questão do Médio Oriente.

Pequim forneceu no passado armas aos comandos árabes e a organização de Libertação da Palestina teria enviado o mês passado um emissário especial á China comunista para pedir novas armas — depois da interrupção das entregas soviéticas e egípcias, após a aceitação do plano Rogers por Cairo e por Amman.

Crê-se que este emissário foi o próprio dr. Georges Habache, «leader» da Frente Popular para a Libertação da Palestina, responsável pelos desvios de aviões. Habache encontra-se-ia ainda em Pequim e em Pyongyang durante os acontecimentos com os aviões desviados.

As entregas de armas procedentes da China comunista foram distribuidas por intermédio da Frente Popular da Palestina. E por outro grupo de comandos marxistas, a Frente Democrática Popular para a Libertação da Palestina que se opõe aos desvios de avões.

Duas entregas de armas da China comunista foram feitas no princípio deste ano aos comandos palestinianos através do porto de Bassorah, mas parece que a pista de Dawson foi igualmente utilizada pelos comandos antes dos desvios de aviões da TWA, SWISS AIR e da BOAC.

Aviões que deslocaram da Albânia, um íntimo aliado de Pequim, poderiam muito bem, na realidade ter aterrado em Dawson graças á ajuda da Síria que abriga uma importante embaixada chinesa — mas de 100 pessoas.

Foi igualmente anunciada a presença de diversos «conselheiros» chineses participando no treino dos comandos da Frente Popular e da Frente Democrática desde o princípio do ano.

Pequim prometeu aos palestinianos enviar-lhes em breve mais conselheiros e armas ligeiras — desde «bazookas» a metralhadoras — e emissores de rádio capazes de substituirem a estação de Rádio fechada sob ordens do presidente Nasser, no Cairo.

Até agora a China comunista activou sobretudo a Arábia do Sul, particularmente junto dos rebeldes de Oman e Muscate mas supõe-se que ela intervirá por intermédio da Frente Popular para a Libertação do Golfo Árabe Ocupado.

O primeiro-ministro Chou En Lai irá ao Yemen do Sul durante a sua viagem através dos países bordejantes do Oceano Indico. A China comunista pretende diversos programas de ajuda nesta parte do mundo, nomeadamente construir uma estrada entre o Yemen e o Yemen do Sul. A viagem de Chou En Lai visava fundamentalmente a libertação do Golfo, dizia-se nestas paragens antes dos desvios de aviões.

Chou En Lai/Arafat

deve & haver

O comércio Leste Oeste

As exportações dos E. U. A. para os países socialistas representam apenas 0,6% do conjunto das exportações norte-americanas. Em vez de recuperarem o seu atraso, os E. U. A. estão em vias de perder terreno. Segundo os meios especializados, tal facto radica numa conbinação de factores geográficos, administrativos, financeiros e psicológicos, que não sar da «détante» Oeste-Leste, um estudo da revista governamental *International Commerce* evocava recentemente alguns desses obstáculos:

A legislação dos E. U. A. exclui os países socialistas (com excepção da Polónia e da Jugoslávia) do benefício da cláusula da nação mais favorecida.

As exportações para a Europa de Leste não podem beneficiar dos créditos ou da garantia do Banco de Import-Export.

A Europa de Leste tem falta de divisas fortes e deixa-se fácilmente desencorajar pela despesa superior que as compras aos E. U. A. representam em comparação com as compras dos mesmos produtos na Europa Ocidental.

Pirataria automóvel

A Régie Renault difundiu recentemente um comunicado informando não estar ao corrente da montagem de veículos da sua marca na Rodésia. Se essa actividade é praticada, afirma a Renault, tal facto deve-se a uma iniciativa de importadores de peças soltas residentes tagem desses carros nos países limítrofes do reino do sr. Ian Smith.

O «Guardian» de 21 de Agosto fornece pormenores da monfranceses, fundamentando-se em informações recolhidas em Salisbury.

As peças soltas teriam sido compradas na Africa do Sul e enviadas pelo caminho-de-ferro para a Rodésia. Vítimas principais do bloqueio económico, as fábricas rodesianas de montagem de automóveis estariam, desde há dois anos, a recuperar deste modo o tempo perdido, estando neste momento a montar também veículos Alfa Romeo, Peugeot e Citroen — observa o «Guardian».

Barcos franceses para a China Popular

Uma missão de técnicos e diplomatas da China Popular visitou, na ultima semana de Agosto, os estaleiros navais franceses de La Ciotat e de La Seyne. O objectivo da missão é, segundo o «Monde», o estudo dos processos tecnológicos utilizados pelos armadores franceses. Os chineses informaram-se das condições de compra de cargueiros de 16 000 toneladas e de pequenos petroleiros de 20 000.

Exportações dos principais países ocidentais para o Leste

Países destinatários	PAÍSES FORNECEDORES							
	Alemanha Ocidental	França	Grã-Bretanha	Itália	Japão	Estados Unidos	Finlândia	Bélgica e Luxemburgo
U. R. S. S.	406	264	233	288	269	106	276	52
R. D. A.	570	27	31	29	6	52	13	16
Polónia	157	81	132	90	14	53	32	24
Checoslováquia	211	45	43	62	14	14	12	18
Hungria	90	40	32	65	2	7	8	12
Roménia	187	72	70	76	23	32	4	24
Bulgária	63	25	12	50	12	5	1	5
China Popular	158	44	121	56	391	—	6	16
TOTAL	1842	598	674	716	731	249	352	167

A IRRESISTÍVEL ASCENSÃO DOS MERCADORES DE CANHÕES

UMA poderosa indústria automóvel, num qualquer país industrializado do mundo moderno, não pode limitar-se ao mercado interior. Para que viva e se desenvolva, tem que exportar, está condenada a conquistar mercados cada vez mais vastos. Está condenada a essas conquistas para fazer viver milhares, por vezes mesmo centenas de milhar de operários, está condenada à exportação para evitar o desemprego e manter a paz social. E o mesmo acontece com todas as outras indústrias do país desenvolvido, inclusivamente com a indústria da guerra.

No que a esta diz respeito, dois acontecimentos vieram recentemente recordar aos franceses em que bases assenta a sua prosperidade e a sua paz: as vedetas de Cherbourg (barcos de guerra adquiridos por Israel, abrangidos pelo embargo e que um golpe audacioso fez chegar às mãos dos sionistas) e a venda de 110 aviões «Minage» à Líbia.

A descoberta bruscamente feita pelos franceses — a França vendia armas a países pertencentes a zonas particularmente agitadas — traumatizou a consciência colectiva dos súbditos do sr. Pompidou: a imagem que os manuais de História apresentam da França, pacífica, democrática e libertadora, estava uma vez mais comprometida.

Algures, havia um hiato, mas onde o situar? Seria possível explicá-lo sem pôr em causa ideias preconcebidas?

Para alguns, o «escândalo» era explicável pelo abandono brusco de uma velha amizade por Israel, na brutal revisão de alianças que fez preferir os árabes aos judeus. Outros afirmavam que a imoralidade do negócio residia no facto de a França, abandonando a neutralidade que o embargo fazia supor, ter escolhido armar um dos contendores.

Para outros, o que a outros pareceu inadmissível foi que o «comerciante de canhões» fosse o próprio Governo francês e não qualquer firma particular.

O MATERIAL DE GUERRA FRANCÊS

Se há, porém, escândalo, é preciso sem dúvida situá-lo ao próprio nível da venda de armas, ao nível da extensão dessas vendas a todo o globo.

De 1960 até à «guerra dos seis dias», Israel foi o melhor cliente das indústrias francesas de armamento e, sobretudo, da indústria aeronáutica: de 1960 a 1968, de 17 biliões de francos exportados pela França em material de guerra, Israel encomendou 2,16; os E. U. A. 1,42; a Austrália 1,41; a Alemanha Federal 13,9; a Índia 486 milhões; a Suécia 476 milhões e a Suíça (a pequena e pacífica, etc.) 465 milhões.

Actualmente, o material de guerra francês é utilizado em 90 países. Eis alguns exemplos da sua equitativa distribuição:

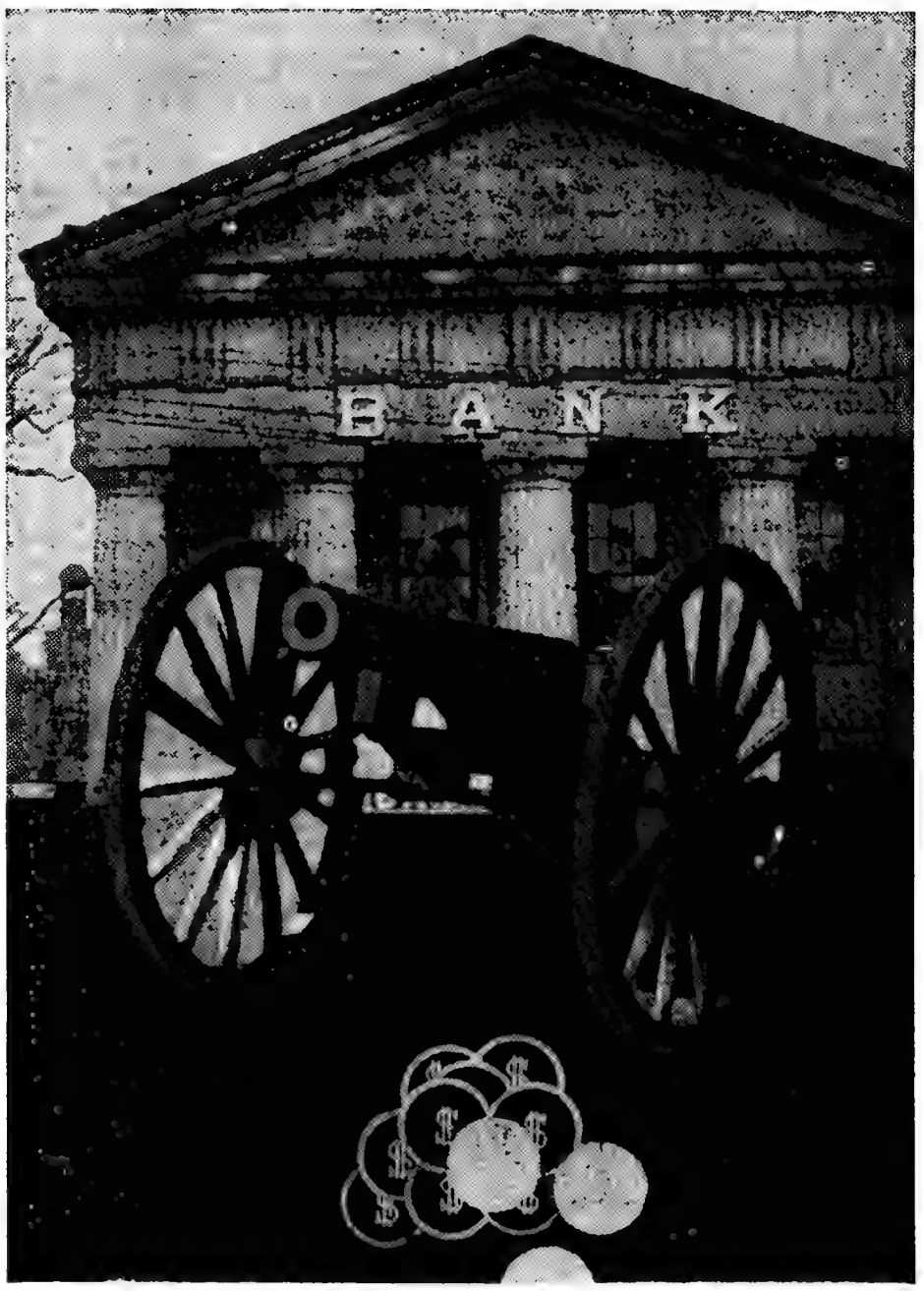
O famoso avião «Mirage III» é utilizado na Austrália (110 exemplares), na Bélgica (106), em Israel (75), na Suíça (60), na África do Sul (42), no Paquistão (24), no Líbano (12) e no Peru (12). Quanto ao Exército francês, possui 385.

Os helicópteros «Alouette» (modelos II e III) são mais numerosos no estrangeiro (1286 exemplares) do que em França (614).

Entre o material marítimo mais procurado nestes últimos anos, contam-se draga-minas costeiros (6 na Alemanha Federal e 4 na Jugoslávia), escoltadores costeiros (3 em Portugal, 1 na Jugoslávia, 1 na Alemanha Federal e 1 na Etiópia), escoltadores rápidos (4 em Portugal), submarinos(5 em Espanha, 4 em Portugal, 3 no Paquistão e 3 na África do Sul), canhoneiras lança-mísseis (12 em Israel e 4 na Grécia), assim como peças de artilharia de todos os calibres.

A ÁFRICA DO SUL: UM EXEMPLO

Os exércitos de certos países são quase inteiramente equipados com armas



francesas. É, por exemplo, o caso da África do Sul.

A França goza aí de uma posição privilegiada, dado que é o único país que, apesar do embargo da O. N. U., continua a vender armas à pátria do *apartheid*. As fábricas francesas receberam encomendas de 3 submarinos, de 42 «Mirage», de 85 helicópteros, de 16 «Super-Frelon» e de 9 «Transall», de um número secreto de autometralhadoras, de mísseis para equipar os «Mirage», de foguetões, de radares...

Por outro lado, no domínio atómico, existe uma estreita colaboração atómica entre a França e a África do Sul. Em Julho de 1967, um jornalista americano, Carl Rowan, ex-director adjunto dos Serviços de Informação dos E. U. A., revelou mesmo um acordo confidencial: a França passaria a adquirir metade da produção sul-africana de urânio, e forneceria a bomba atómica ao país de Vorster. A informação foi categòricamente desmentida pela África do Sul, mas a França continua a adquirir o urânio sul-africano. Em Setembro de 1967, o sr. Ben Schoeman, ministro dos Transportes de Pretória, podia declarar: *«Qual seria actualmente a nossa situação se não tivessemos relações amigáveis com a França? Como teria sido possível à África do Sul edificar o mais poderoso Exército de África?»*

A GUERRA NA BALANÇA COMERCIAL

As vendas de armas francesas no estrangeiro atingiram os 2812 milhões de francos em 1965, 3299 em 1966, 2613 em 1967, 4140 em 1968 e apenas 2570 no ano passado.

O material aeronáutico é o principal responsável deste «boom»: 1912 milhões em 1965, 2540 em 1966, 1680 em 1967, 2750 em 1968 e 1990 no ano passado. Vêm depois os diversos materiais electrónicos, os carros e os canhões. Note-se que, em 1968, as exportações francesas de material de guerra representavam 5,4 por cento do total das exportações francesas e 22 por cento das exportações denominadas «bens de equipamento». E o conjunto das indústrias de guerra francesas davam trabalho, directa ou indirectamente, a 270 000 assalariados. Michel Debré, ministro da Defesa Nacional do Governo de Delmas, pode declarar: *«Nos nossos dias, uma grande indústria de armamentos só é concebível na condição de exportar. Eis um fenómeno que podemos lamentar, mas que é evidente...»*

Quais são os grandes fabricantes franceses de armamento? A lista é fácil de estabelecer.

Vêm à cabeça os Arsenais do Estado, que contam 27 000 assalariados, têm um movimento anual de 2,7 milhões de francos e produzem toda a espécie de armamentos, cerca de 60 por cento da produção francesa.

Seguem-se:

— Dassault e a sua produção de aviões de diversos tipos: «Mirage» e «Myctère»;

— Sud-Aviation, especializada nos helicópteros, nos aviões de treino e nos engenhos balísticos;

— Nord-Aviation, que produz aviões de transporte, mísseis e engenhos balísticos;

— Bréguet, que fabrica aviões ligeiros supersónicos de apoio táctico, aviões de transporte e aviões de defesa anti-submarina;

— Hispano-Suíça, que além de aviões fabrica canhões;

— Matra, que além de carros, possui um importante departamento de estudos e de fabricação de engenhos ar-ar;

— Panhard, célebre pelas suas autometralhadoras ligeiras;

— Berliet, especialista em camiões militares e em veículos blindados anfíbios;

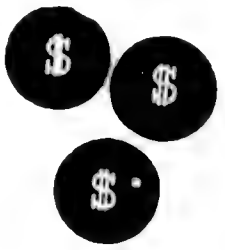
— Messiers, para trens de aterragem, etc., etc.

CUSTE O QUE CUSTAR, AS INDÚSTRIAS DE GUERRA FUNCIONARÃO

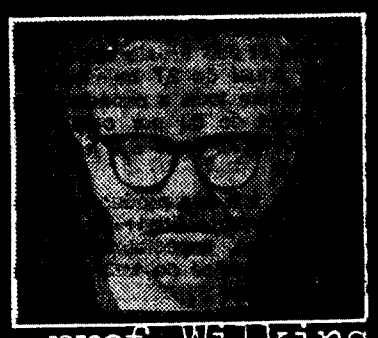
As grandes potências ocidentais foram constrangidas no decorrer das histórias respectivas, a fabricar armas cada vez mais poderosas e a construir, portanto, fábricas, arsenais, estaleiros, etc., necessários ao fornecimento do armamento indispensável a esses exércitos. Com a aceleração do ritmo dos conflitos, com a aceleração dos progressos técnicos, as fábricas de armamento tornaram-se cada vez mais custosas, de tal modo que só os grandes países as podiam construir. Os Estados Unidos, por exemplo.

Neste país, em 1968, a General Dinamic, que produz caças-bombardeiros e submarinos, teve um movimento de 2,1 biliões de dólares. A firma Lockheed, com aviões de transporte e mísseis «Polaris», realizou 1,9 bilião de dólares; a General Electric (motores a reacção e electrónica), 1,5 bilião de dólares; a United Aircraft (motores a reacção e helicópteros), 1,3 bilião de dólares; a McDonnel-Douglas (caças-bombardeiros «Phanton» e bombardeiros), 1,1 bilião de dólares.

Os E. U. A. e a U. R. S. S. dispõem e podem dispor de uma infra-estrutura industrial capaz de suportar uma indústria de armamentos. Mas outros países industrializados, potências intermédias têm necessidade de uma indústria de guerra suficientemente poderosa, que lhes permita desempenhar um papel político de primeira grandeza. A potência militar de um Estado não reside tanto no número de carros de combate, de aviões e de navios de guerra de que num dado momento possa dispor, mas sobretudo na capacidade de produzir ràpidamente, e em grandes quantidades, armas «actuais» e «modernas». Necessita, pois, custe o que custar, de fábricas e de estaleiros aptos à produção de armas-último-modelo. Mas a França, e a Grã-Bretanha também, não consomem as armas que produzem: as guerras coloniais francesas e inglesas já passaram à história. Assim é necessário exportar. Exportar para que as fábricas laborem, para evitar o desemprego, para manter o nível da indústria francesa de armamento. Exportar.



o futuro a ciência



prof. Wilkins

a maior descoberta depois da bomba atómica

ESTA é a unidade biológica da hereditariedade — o génese — isolado de um germe que habita o ser humano. É duma infinita pequenez — ampliado 79 300 vezes pela fotografia — mas de um enorme significado.

Comentaristas sociais têm especulado com o poder de mudar as características hereditárias, que ficam assim à disposição dos «leaders», como por exemplo ampliar as tendências criminosas de certos indivíduos.

Onde nos poderá isto conduzir?

Teòricamente, um político sem escrúpulos — e a Humanidade tem-nos conhecido — pode usar a engenharia genética para tornar dócil, passiva, uma população que aceitará a sua vontade.

Ficção científica?

Os cientistas de Harvard responsáveis pelo trabalho aparentemente anunciaram não pensar assim. O dr. Jonathan Beckwith, chefe da equipa, disse: «Sinto que o mal pesa mais nesta descoberta do que o bem. Penso que é mais assustador do que esperançoso. É óbvio que põe de pé as possibilidades da engenharia genética.

Peritos britânicos neste campo minimizam os pontos de vista negativos, chamando a atenção para os positivos. Mas todos eles estão de acordo em que os cientistas de hoje precisam de considerar cada vez mais as responsabilidades sociais nas fronteiras que eles vão arranjando.

O isolamento de um génese — a unidade fundamental da hereditariedade — pode vir a ter as mais graves consequências no futuro da Humanidade.

Ela pode pavimentar o caminho da investigação científica na produção da última arma biológica — um vírus de doença ou bactérias contra as quais não haja defesas.

Estes receios foram recentemente expressos por um dos mais proeminentes cientistas britânicos, Prémio Nobel Maurice Wilkins, professor do Kings College, em Londres.

Por outro lado, alguns cientistas aplaudiram e deram boas-vindas à descoberta.

O professor Winkins fez estes comentários numa conferência em que se discutia a descoberta relatada em comunicação da Universidade de Harvard. Durante a conferência de imprensa, dada anteriormente, a equipa de cientistas confessara as suas preocupações que a descoberta lhe levantava.

O prof. Wilkins disse que isto podia estar ainda relacionado com rumores de que os peritos militares dos Estados Unidos estavam a encarar a hipótese de uma arma de germes, capaz de ser resistente a qualquer tratamento por drogas.

«Esta possibilidade permanece assustadoramente séria no meu espírito», disse ele. «É a espécie de coisa em que a Sociedade não pode confiar».

O prof. Wilkins está bem qualificado para comentar o trabalho norte-americano. Ele é o chefe do Departamento de Biologia Molecular do Kings College e fez a maior parte do trabalho fundamental daquilo que possibilitou o que se tornou conhecido como «engenharia genética».

HEREDITARIEDADE

Ele é ainda o director da Sociedade Britânica para a Responsabilidade na Ciência, criada especificamente para alertar os cientistas de que considerem sempre as consequências daquilo que estão a fazer.

O prof. Wilkins falou das implicações largamente discutidas da engenharia genética — pelas quais políticos podem utilizar as características hereditárias de alguns seres humanos, como criminosos, por exemplo, e disse não serem essas as causas fundamentais para a preocupação da investigação norte-americana.

A sociedade tem sido capaz de interferir nas características genéticas — por inseminação artificial ou inoculação, mas com a excepção dos nazis, sempre evitou fazer isso.

A possibilidade de desenvolvimento de armas biológicas é outra coisa inteiramente diferente, disse o professor.

Outro proeminente biologista molecular, dr. Max Perutz criticou também àsperamente a descoberta de Harvard. Perutz é o chefe do Conselho de Investigação Médica do Laboratório de Biologia Molecular da Universidade de Cambridge, e também Prémio Nobel; afirmou: «Não penso que isso seja tão aterrador como o dizem.»

O facto importante em relação ao trabalho americano é que ele vem ajudar os cientistas a compreenderem melhor o trabalho dos mecanismos de «contrôle» das células.

A quebra destes mecanismos de «contrôle» são encaradas como um dos principais factores no desenvolvimento do cancro.

O trabalho de Harvard pode ser, por isso um grande passo na descoberta de um tratamento bem sucedido do cancro. «Encaro a descoberta como benéfica», diz o dr. Perutz.

Este ponto de vista encontrou eco no dr. Cedric Carter, um geneticista do Instituto da Saúde da Criança em Londres. Ele afirmou que apesar de pensar que a descoberta americana conduza a qualquer correcção dos defeitos genéticos de uma geração, pelo menos, a mais importante consideração era o seu potencial no tratamento de doenças.

PROVETA

Uma equipa de cientistas britânicos identificou há sete anos o código genético que faz as coisas vivas reproduzirem réplicas de si próprias e não algo completamente diferente. Esta descoberta trouxe à biologia glória sem fim.

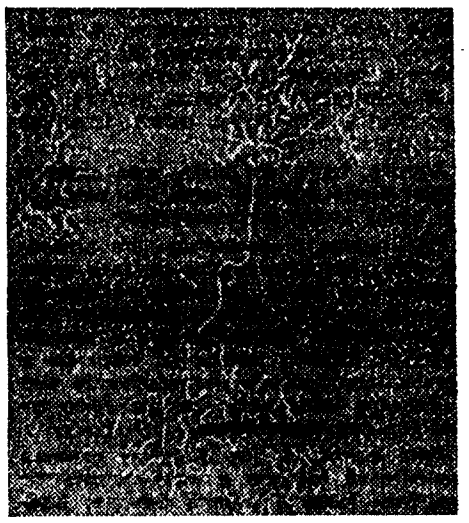
Um grupo de jovens norte-americanos desenvolveu este trabalho até ao lógico degrau seguinte, e separou fisicamente as próprias géneses da dupla teia de compostos que completam o código. Foi uma experiência espectacular, não exactamente a justificar o Prémio Nobel mas muito poucos pontos abaixo disso e, como tantos outros progressos científicos e técnicos obtido de uma forma tão simples que, certamente, muitas outras equipas de investigação ainda devem estar a arrepelar os cabelos por não o terem conseguido.

De qualquer maneira, o feito, em si, dificilmente justifica a clamorosa especulação acerca das técnicas genéticas e as sinistras relacionações com «a ordem natural».

Os elementos genéticos eram bactérias controladas, e o mecanismo usado foi o de metabolizar açucar. Introduzindo um vírus que era congénito dos elementos genéticos mas não de outras partes da bactéria, teve o efeito de absorver os elementos, tirando-os da velha para uma nova cadeia de compostos e fazendo a rede dupla de um novo código. Mas, desta vez, eles dispuseram-se ao longo da rede em posições em que lhes é mais fácil separarem-se com a ajuda de uma das convenientes enzimas que diferem um tipo de génese e não os outros. O que os cientistas agora têm, portanto, é um meio de observarem os elementos genéticos em pleno trabalho, e muito especialmente a forma de eles ordenarem a produção de moléculas mensageiras, transportando as suas instruções para células vivas separadas.

Este processo tem sido utilizado desde a sua descoberta. Investigadores já tiveram nas suas mãos as enzimas-chave que estudam o crescimento e este é, de algum modo, de maior interesse do que o acto de isolar elementos genéticos.

Os jovens que se entregaram a este trabalho pensam, óbviamente, naquilo que foi feito com batéria pode aplicar-se a tudo o que seja vida e, pùblicamente disseram que desejam agora nunca ter feito semelhante trabalho. Esta atitude não merece ser tomada a sério. As técnicas de génese é um elegante processo de testes de proveta que eventualmente pode levar os peritos das guerras a procurar umas novas e nocivas bactérias até agora obtidas através de métodos clássicos. Como método de produção é talvez pouco competitivo. Mas é uma alternativa óbvia, que gerações futuras podem ter em conta se os elementos genéticos podem ser separados de estruturas codificadas muito mais compexas com a mesma facilidade com que foi possível a partir de bactérias puras. A ciência avança tão rápidamente que seria pretensioso dizer que o método nunca poderia ser utilizado para fabricar seres humanos.



O génese, ampliado 79300 vezes

O veredicto científico mais equilibrado, de momento, é o de que a experiência é uma notável descoberta de laboratório que representa um importante avanço para a Biologia.

Não é considerado, no entanto, como uma grande proeza no que diz respeito ao conhecimento. É, portanto, ridículo pensar que qualquer grupo de jovens julgue que pode fazer parar o relógio neste domínio sòmente por não aperfeiçoarem as técnicas de separação por ele criadas. Alguém mais fará isso já, ou mais tarde; a biologia, desde a descoberta do código genético é uma das ciências em mais espectacular crescimento que atrai os melhores cérebros.

Os jovens cientistas norte-americanos objectores de consciência

PUNCH

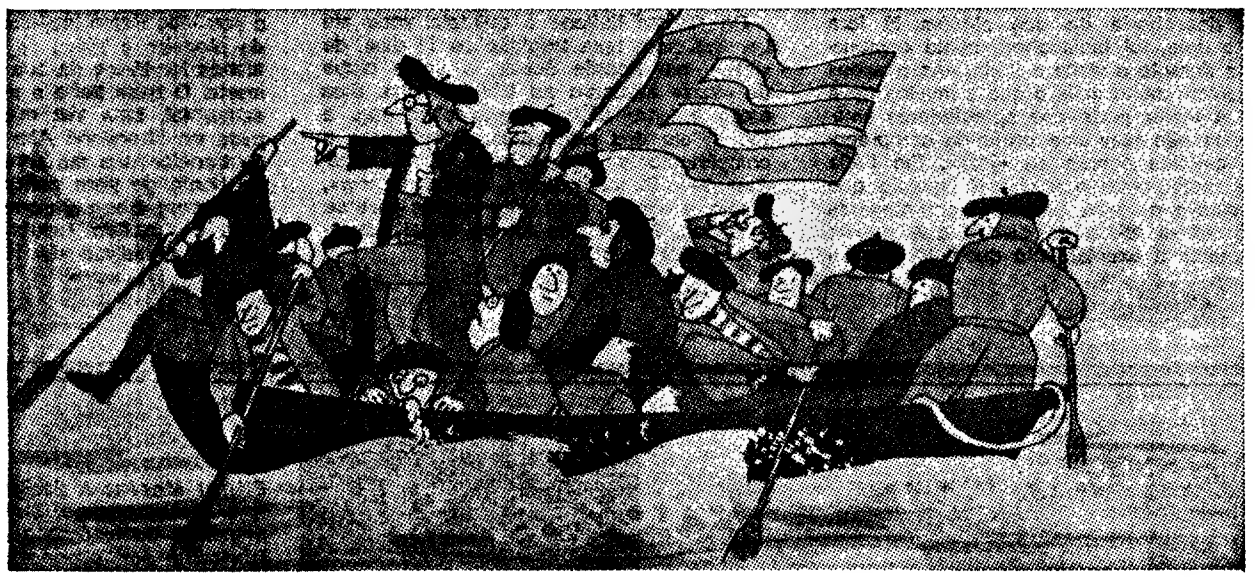
EUROPA
ANO 2000

Por HANDELSMAN

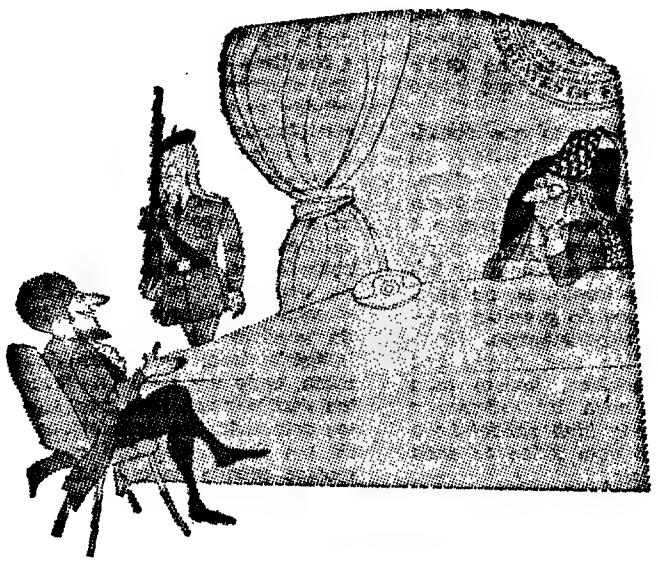
De pés sólidamente fincados no ano dois mil, olhamos para trás. Que aconteceu nos últimos trinta anos? O Brasil ganhou oito vezes o campeonato do mundo; graças à oposição oposta pelo ingleses, o «apartheid» já reina em toda a África e a Ásia, sob a influência da teoria do Dominó, foi submetida à fiscalização da Polícia australiana. Todos sabem o que aconteceu na América: transformado num vasto pântano pela poluição crescente, o Norte desse continente só é habitável pelos pobres, motivo por que os ricos (97 % da população) vivem no estrangeiro. A Europa, por outras palavras, ficou debaixo do tenebroso calcanhar do turismo «permanente» proveniente desse continente. Reultado: o ódio aos portadores de máquinas fotográficas é cada vez maior e a grande guerra da independência europeia está a ser activamente preparada em todas as catedrais, lojas de «souvenirs» e feiras «da ladra», etc., do continente europeu. Tudo leva a crer que terminada essa guerra, Pietro van Washingford vai ser eleito presidente dos E. U. E. (Estados Unidos da Europa). Os desenhos que se seguem dar-vos-ão uma ideia do que se está a passar no continente europeu.

Jura solenemente por este Guia dos Restaurantes, que cumprirá leal e honestamente todos os deveres que virá a ter como presidente dos Estados Unidos da Europa? — «Si, Oui, yes, ja, tak, sim, igen, killa, iva...»

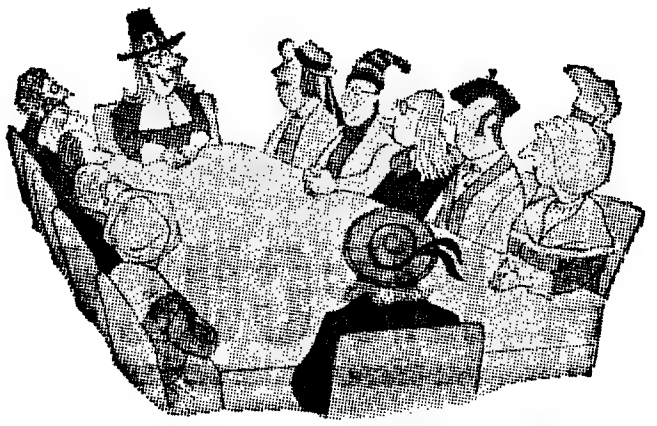
Temos de mostrar ao mundo que a Europa é uma democracia moderna e enérgica que ainda não está desesperada a ponto de assassinar o seu próprio presidente!



O general Washingfjord atravessa o Tamisa no dia 1.º de Dezembro de ano 2000 para surpreender os turistas que fotografam Piccadily



Agora que somos um só país, sr. presidente dos E. U. E., nós os ingleses temos estado a reconsiderar a nossa entrada para o mercado comum...



Tenho boas notícia, cavalheiros: não precisamos de viver num regime de paz podre — consegui que os africanos se comprometessem a afundar-nos um navio de quando em quando!

HOLLYWOOD

JAZZ NO EXÍLIO

Por LEONARD FEATHER

SHELLY MANNE, o baterista que é respeitado pelo seu «jazz» ainda mais do que pelo seu êxito comercial como músico de estúdio, voltou a Hollywood depois de uma longa visita à Europa como chefe do seu quinteto de vanguarda.

Transpirando boa disposição, ele voltou encorajado. «Há sete anos que estou longe de casa», diz ele. «A digressão rejuvenesceu-me. Provou-me que um musico de «jazz» deve ir pela estrada fora de vez em quando. Isso é difícil quando se está em casa e contente, começando a engordar».

«Tenho 50 anos e sinto-me como se diabo fosse ter um baile. Formei uma jovem orquestra e estou orgulhoso dela e na minha idade é a última vez que saio desta maneira. Por isso fizemo-lo com bastante tempo, não nos limitámos a correr do aeroporto para a sala onde tocávamos e daí para o hotel. A orquestra tinha tempo para respirar. Todos tocavam muito bem e eu julgo que nunca toquei tão bem quanto havia tocado em digressões. A atitude geral estava bem, a falta de pressão, e aquele sentimento de se ser apreciado».

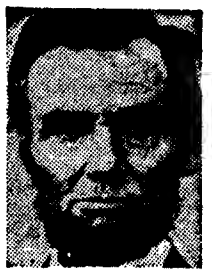
A descoberta de que alguém lá fora gosta dele, foi mais abertamente demonstrada durante a visita a Itália. «As pessoas lá sentem muito mais o que a música deve ser. A maior parte dos apreciadores americanos não têm uma profunda compreensão estética acerca do «jazz». Em Itália eles reafirmaram a minha fé naquilo que eu estava a fazer. Encontrei apreciadores que tinham todos os discos que gravei; eles sabiam exactamente quem tocava em cada sessão e quando estas haviam sido e as espécies de baguetas que eu usava».

Entre os seus ouvintes Manne encontrou muitos jovens em idade escolar que disseram imediatamente a composição do seu grupo ao longo do ano passado. Admirados mais velhos, alguns por volta dos 60 anos, ouviram os concertos, talvez esperando ouvir canções do seu álbum «My Fair Lady», de 1950. mas permanecendo completamente receptivos e correspondendo quando Manne, os experimentou com algumas composições originais e abstractas.

«Num concerto, em Verona, havia muitos desses velhos admiradores», disse Manne. «Teddy Wilson estava connosco e de cada vez que ele dava um solo como Stompin, no Savoy ou Honeysuckle Rose eles explodiam em aplausos. Foi um pouco mais difícil com a música pouco familiar do meu grupo, mas eles ouviram e pareciam estar contentes».

«Depois do concerto, a explosão de calor foi bonita. Fomos a um restaurante onde as pessoas se levantaram e aplaudiram. É muito bom sentir-se que se é respeitado como artista».

Da Riviera italiana o quinteto voou até Londres para uma exibição de 11 dias. de «jazz», em Ronnie Scotts, o unico clube de «jazz» moderno na Grã-Bretanha. Eles estão a fazer algumas gravações para a TV. Vi um dos programas. A orquestra é completamente internacional. Bem, digo-lhes, tudo foi maravilhoso, naquele «show», o som, a cor e... sem interrupções para os anúncios. E isto não foi no canal educacional. Foi na BBC».



REQUIEM POR MR. LINCOLN

Há pouco mais de dois anos, o realizador John Ford, numa entrevista que deu aqui, em Londres, a Peter Bogdanovich, do «Studio Vista». esboçou um retrato do presidente Lincoln segundo um figurino que tem tanto de provinciano, como de romântico, como de folhetim. Ou pior ainda.

Agora que reaparece com grande estrondo publicitário, *Young Mr. Lincoln* sobre um argumento de Lamer Trotti e com a protecção todo-poderosa de Darryl F. Zannuck (Twentieth Century Fox), compreende-se a deformação da figura histórica do presidente americano.

Mas a História é bem clara: Lincoln não foi jamais o produto de uma rebelião popular. Não foi sequer o brilhante senador de Illinois, conforme o descrevem os folhetins «históricos», nem um intelectual brilhante, *«self made»*, como o idealizam milhares de americanos médios. Prédrich Engels, em «Die Presse», 1862, definiu-o muito simplesmente como «um homem de boa vontade, destituído de grandeza de carácter».

Porquê esta deturpação à maneira de Hollywood? Por razões, certamente, muito mais de princípios do que por mira comercial. Porque no triângulo Ford-Zanuck-Fox há velhos compromissos que continuam em vigor com a fidelidade das longas alianças.

Em primeiro lugar, é conhecido e tem sido sobejamente apontado o compromisso da 20th Century Fox com os republicanos. Quando o presidente Hoover subiu ao Poder em 1928, entre os seus principais *suporters* figuravam justamente alguns financeiros de Hollywood como Rockefeller, a General Motors, Du Pont de Nemours, etc. Dez anos depois a Fox Films dirigida pelo também republicano Darryl Zanuck, ensaia a grande recuperação de Abraham Lincoln, com um filme mítico em que o presidente republicano apareceria como herói popular, explorando-se nele as suas origens humildes, o seu «idealismo ingénuo», a sua coragem de pioneiro e todos os aspectos mais ou menos lendários da sua carreira e da sua morte. O tema tinha a maior oportunidade comercial, uma vez que na Broadway a peça de Sherwood *Abe Lincoln In Illinois* se transformava em sucesso de bilheteira; do ponto de vista político vinha a propósito, numa altura em que a ala mais poderosa do partido republicano fingia ignorar as ofensivas de Hitler e procurava desacreditar os intervencionismos de Roosevelt.

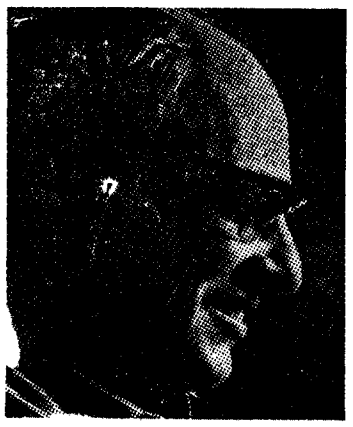
Asim nasceu *Young Mr. Lincoln* que agora reaparece nos «écrans» europeus com galas de filme recente, apesar dos seus 20 anos.

Mas Ford, o talentoso mestre de Hollywood, tem o seu papel fundamental no jogo dos diabos. A maior parte da sua carreira está ligada à 20th Century Fox e o Zanuck.

De facto, ainda no mesmo ano de 39, ambos se juntam para criar *Drums Along the Mohawk* cuja orientação ideológica é o descrédito dos índios e a exaltação de um certo tipo de pioneiro sem bandeira. Assim como é de ambos, também, *Judge Priest*, outro filme histórico de marcação inequívoca.

De resto, a influência de Zanuck é respeitada em todos os estúdios californianos. Desde 1935 que as grandes companhias de Hollywood (Paramount, Warner-Bros., Metro Goldwin Mayer, Fox, R. K. O., Universal, Columbia e United Artits) estão directamente dependentes dos financiamentos de colossos como Morgan, Rockefeller, Heast, etc É precisamente nesta data que a firma Fox, de William Fox, se funde, sob a protecção do National Chase Bank com a empresa 20 th Century Productions de que era proprietário Darryl F. Zanuck. Isto coincide com o reagrupamento de oito companhias numa só empresa — a M. P. P. A., associação de produtores que exercia o monopólio do mercado. O código Hays, destinado a uniformizar a auto-censura nas diveras empresas principia então a considerar-se como as tábuas da lei do evangelho californiano.

O lançamento de *Young Mr. Lincoln*, e principalmente a publicidade com que se fez a reposição do filme, levantam algumas hipóteses quanto à oportunidade e aos fins em vistas do acontecimento. Em primeiro lugar a figura de Lincoln vem reforçar a ideia americana das vantagens do regime presidencialista, numa altura em que um republicano está à frente da Casa Branca. Em segundo lugar o filme reaparece no momento em que os grupos que cercam o presidente Nixon cerram fileiras para o apoiar num momento difícil em que os créditos de guerra e os investimentos estratégicos são contrariados por diferentes cadeias financeiras e em que a opinião norte-americana se agita em termos por vezes caóticos e inesperados.



Por Edgar Morin

A HIPCULTURA

DE regresso de uma visita aos Estados Unidos, onde reuniu material para o seu próximo livro, «Diário da Califórnia», o grande sociólogo Edgar Morin causa agora a maior expectativa na imprensa e nos meios culturais franceses pelas suas interpretações da movimentação sociocultural que tem por berço e ponto de expansão a baía de San Francisco.

Gabrielle Rolin: Passada a fase da recusa ao «establishment» e à sociedade de consumo, em que incide agora a contra-cultura?

Edgar Morin: A designação «contra-cultura» desagrada-me. Sublinha os aspectos negativos do fenómeno e sente-se que foi fabricada por observadores do exterior. Trata-se, pelo contrário, de um grande movimento que se apresenta de maneira embrionária e indistinta, com certos traços místicos, religiosos, filosóficos, políticos e económicos. É por isso que a hip-cultura é difícil de definir. Num extremo temos o «hippie», que quer apenas viver o momento que passa; no outro extremo há o activista consequente, como em França.

No fundo, há três factores que contribuem para fazer da Califórnia a forja da nova cultura. Antes de mais nada o clima, que permite experiências naturistas como as dos agregados comunais das praias e dos parques durante uma grande parte do ano. Seguidamente, a ausência de tradição do «espírito de fronteira», ou seja, uma tolerância de convívio propícia a todas as iniciativas experimentais. Finalmente, o vento místico que, desde Los Angeles a San Francisco, impele para uma busca de vida nova. Há milhares e milhares de *«run away high school boys and girls»* que se dirigem todos os anos para a costa do Oeste.

Gabrielle Rolin: As «comunas» a que se refere são uma fuga para a contemplação ou uma forma activa de preparação em comum?

Edgar Morin: As «comunas» são as formas sociais, ou, antes, socio-económicas, em que se encarna o movimento cultural. São experiências micro-sociais que evocam os falanstérios de Fourier. Com a diferença de que assentam na relação interindividual. São a *«family»*, a família, que vem substituir a antiga. Num pólo temos a comuna existencial que, essa, dura apenas o tempo de uma «ternura colectiva», o tempo de um *«trip»*, ou seja, a de uma fraternização. No outro pólo temos a experiência colectiva que se institui simultâneamente como *family* e como comunidade de trabalho, procurando assegurar a sua base económica. As primeiras deste tipo organizaram-se na base de pequenas células musicais. Mais recentemente desenvolveram-se como comunas artesanais e agrícolas.

Mas hoje elas evoluem muito particularmente no plano das actividades culturais no sentido mais amplo do termo (jornais de *free press*, grupos musicais, objectos psicadélicos, joalharia, etc.) e no plano de uma economia neo-artesanal e neo-arcaica. Esta economia é complementar da economia capitalista, cada vez mais industrializada, e das sociedades de consumo, cada vez mais desejosas de objectos «autênticos». Mas, por outro lado, estas colectividades económicas são a base de um tipo social que se opõe a esse mesmo mundo de que são complementares. Será este antagonismo meramente parasitário ou traz já em si uma expressão renovadora?

Gabrielle Rolin: Vê nisso alguma ameaça à sociedade americana?

Edgar Morin: Directamente a sociedade americana não está ameaçada por esta ou aquela manifestação da oposição cul-

UM POLACO EM NOVA YORK

GROTOWSKI: «RENUNCIAR AO QUE NOS COBRE»

A «Quinzaine Littéraire» publicou no número de 1-15 de Setembro o texto de uma conferência pronunciada pelo discutido encenador polaco Jerzy Grotowski na Brooklin Academy (Nova York) em Dezembro de 1969. Autor de discutidíssimas encenações de vanguarda, Grotowski encontrou na América a comercialização das suas propostas mais ousadas.

«Renunciar a tudo o que nos recobre» não é, para Grotowski, o mesmo que vender o corpo ao público.

O tema da conferência de hoje foi imposto pelos participantes. As questões postas resumem-se numa frase: «valor ou obscenidade da nudez no teatro». O tema, minha resposta é, porém, mais amplo.

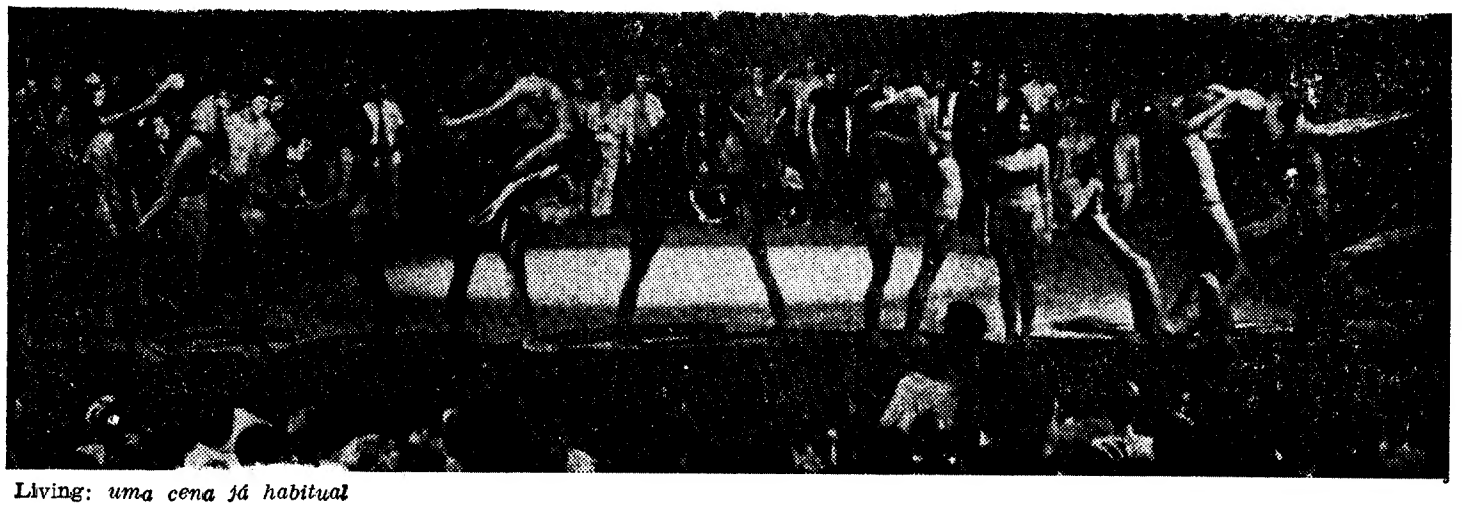
Um dos meus amigos observou que no meu livro «Vers le Théâtre pauvre» o tema «desnudamento» repete-se com uma certa frequência. Essa palavra deve ser entendida como sinónimo abandonar tudo o que nos defende, renunciar a tudo o que nos recobre, ou seja: o contrário de esconder. Significa, literalmente, estar nu e mais do que nu no sentido corpal. Quando utilizei a palavra quis certamente possibilitar todas as interpretações, porque o fenómeno de que falei é total. Depois disso, certos encenadores referiram-se-me quando realizaram espectáculos «nus». Qual é a minha opinião?

Conta-se que, quando os primeiros missionários chegaram á India ficaram chocados com as esculturas que representam Maia e o nascimento do Buda, esculturas que lhes recordavam a Madona. Também os chocou a Sagrada Família, isto é, Shiva, Parvathi e a criança com cabeça de elefante que se chama Ganesha. Julgaram os missionários que o Diabo tinha sido o autor dessas imagens e desses mitos, para criar uma armadilha em que o cristianismo deveria cair. Compreendo-os agora, porque a minha atitude emotiva é muito semelhante. Sinto-me como alguém que lutou por algo que foi por outros posteriormente degradado até á exaustão.

Não julgo que a questão hoje posta possa ser cientificamente analisada, com exactidão e precisão, porque, no fundo, se me perguntarem como definir a pornografia e a obscenidade, não encontro a definição exacta. Posso apenas sentir que há um fenómeno que funciona como obscenidade. E funciona assim porque o espectador é sugestionado por uma coisa dita drástica, que age por si só e que é comercialmente rentável. Poderão responder que, no caso de uma obra que é indubitávelmente uma obra, pode produzir-se idêntico fenómeno. De facto, quando eu era jovem, um dos meus colegas mostrou-me aquilo a que chamava a sua colecção de «imagens pornográficas». Eram reproduções de esculturas e pinturas de diferentes épocas históricas. Grandes criações artísticas funcionavam, para ele, como pornografia.

A atitude do espectador é pois decisiva. Mas no teatro, mais do que em qualquer outro lado, há uma fase publica do trabalho. Se a nudez e o sexo não funcionam como portas para a totalidade do ser humano, estamos em face de um fenómeno puramente pornográfico. Se isso depende do espectador — que faz o teatro para evitar essa atitude?

Se digo que pretendo exprimir certas impressões e uma atitude psiquica entro imediatamente no campo do sexo, que é, para mim, um aspecto sagrado da vida. Não há argumentos racionais que permitam dizer porquê. Podemos encontrá-los, mas tratar-se-ia apenas de uma racionalização. Creio, enfim, que o que é íntimo, para o ser humano é verdadeiramente o ultimo bastião do que deve ser respeitado, do que não deve ser desvalorizado nem degradado. Porque se degradarmos esse aspecto da vida, nenhuma relação autêntica entre os homens é possível. Mas se a criação é um acto de sinceridade humana engloba por si só uma revelação da intimidade.



Living: *uma cena já habitual*

WOODSTOCK

Creio que na vossa sociedade são observáveis certos fenómenos que são como que mensagens, cartas para decifrar e para compreender. Há, por um lado, uma recusa da civilização sofisticada e artificial, o fenómeno dos jovens floridos mais precisamente, os jovens do Woodstock. Por outro, há todo o fenómeno de degradação da intimidade humana, agora visível nos teatros. Todos sabemos que, para muitos jovens, a nudez não significa apenas a nudez da pele mas alguma coisa mais. Pretendem tratar o sexo sem a falsa herança da nossa tradição, abandonando o preconceito de que o sexo está directamente relacionado com o mal. Acham que o sexo deve ser tratado como uma parte da vida que é natural, um lado fascinante e sagrado da vida. Uma abordagem clara do fenómeno sexual existe também nos espectáculos que vi em Nova York. A diferença é porém enorme. Há uma diferença entre a verdade e a degradação da verdade. Os jovens no teatro «nu» são comercialmente explorados pelos mais velhos. O que se deixa manipular é tão responsável como o que manipula, mas, dum ponto de vista social, são os costumes e as mentalidades que é preciso ter em conta. Basta ir ver, por exemplo, «Oh! Calcutta» e observar a sala...

Vi duas vezes o espectáculo denominado «Stomp». Da primeira vez fui contagiado. O espectáculo pareceu-me puro, inocente, um fenómeno humano autêntico, senti estima pelos jovens, pelo que eles faziam, porque o faziam de acordo com eles próprios.

Voltei dez espectáculos mais tarde. E vi um outro espectáculo, ainda com um certo germe de autenticidade, mas repleto de compromissos, feito já para o publico, cheio de artifícios cujo fim era prender a atenção do publico. Disseram-me que a crítica tinha lamentado a pouca nudez e a pouca política da produção. O que eu acho lamentável não é a atitude dos críticos, mas o facto de esses jovens dependerem já desse tipo de opiniões. Estão já todos nas mãos dos que os querem manipular. E em vez de recusarem e de procederem de acordo com a sua própria vida, pretendem ser aceites e começam a funcionar como objectos. Não fazem ainda teatro comercial mas deram já o primeiro passo nesse sentido, o que acho extremamente significativo.

E esta diferença entre o primeiro e o segundo espectáculo é a diferença entre a nudez que conservou o valor de intimidade pessoal do autor e a nudez fabricada para ser aceite pelo publico. Aqui começa a mercadoria.

marketing cultural

tural mas o conjunto do movimento e o seu radicalismo põem em cheque o *establishment* e atingem-no sèriamente.

Gabrielle Rolin: Os dois pensadores que invoca a juventude americana parecem dificilmente conciliáveis. Marcuse denuncia e condena a civilização dos computadores. MacLuhan acredita nos *mass media* como instrumentos de retorno à espontaneidade, à emoção e à solidariedade das sociedades tribais. Como é possível ajustar dois mentores tão diferentes?

Edgar Morin: O movimento cultural inverte os valores, cria a necessidade constante da revisão. Não é inspirada por determinados pensadores e recorre tanto aos filósofos profissionais como aos «bricoleurs» do pensamento, como aos magos, até. Assim, de Marcuse aproveita a condenação teórica da sociedade de consumo, o apelo à acção intelectual e reivindicação de Eros. A MacLuhan vai buscar a exaltação de uma lingua multi-sensorial, concreta: o neotribalismo e o anti-intelectualismo.

De resto, quem foi o ideólogo das Cruzadas? Ninguém e toda a gente. E com esta cruzada de jovens passa-se o mesmo.

Gabrielle Rolin: Jacques Ellul, ao analisar a influência cultural dos novos meios de comunicação deplora a perda de espírito crítico do homem moderno, que se deixou invadir pelas «mensagens» e que, absorvido pela falta de tempo, não sabe fazer mais do que «registar». Não serão os jovens americanos quem sofre mais com este «deficit»?

Edgar Morin: Na minha opinião, a sociedade dos adultos é que sofre mais fortemente o continuo bombardeamento das informações de que Ellul analisa muito justamente os efeitos. A maioria dos jovens dos Estados Unidos é subinformada e interessa-se muito mais em reencontrar uma verdade no mundo do que a saber o que se passa à volta dela.

Gabrielle Rolin: É uso, até, criticá-la como tendo perdido todo o sentido histórico e por recusar qualquer referência. Paul Goodman, que foi um dos seus primeiros porta-voz, diz mesmo: «É impossível convencer o jovem rebelde que o passado é obra de seres humanos semelhantes a ele próprio e que Beethoven, tal como os músicos de «rock», era sincero e apaixonado.»

Edgar Morin: Essa recusa vem em parte de a inteligência americana ter sido sempre a-histórica. A hipcultura tem as suas raízes numa busca mística e aspira à comunhão imediata (que a música, por exemplo, oferece com mais eficácia do que a língua). Pretende «viver a arte» e não a especulação sobre a herança da arte. Por outro lado, a sua inspiração renovada de Rousseau leva-a a desconfiar do saber abstracto... Não esqueçamos que se trata da pátria do empirismo e do *«do it yourself»* dos pioneiros.

Gabrielle Rolin: Ao que parece, a hipcultura afasta-se progressivamente do esteticismo dos primeiros dias. Às flores, aos colares e ao romantismo da «gente de Woodstock» sucedem-se as buscas do feio, do insólito, a necessidade de aterrorizar. Porquê?

Edgar Morin: Para não ser «recuperada» pela sociedade de consumo, uma vez que esta plagia os mesmos que a contestam. E também porque o optimismo cede o passo ao desencantamento. Até 1968 os portadores do novo evangelho acreditavam que deles sairia o triunfo do amor, a paz, a liberdade, que poriam fim ao racismo, purificariam a política, etc. Hoje verificam que o mundo resiste terrivelmente e que os ameaça de extinção. Portanto, o evangelho tornou-se triste, endurecido. Uma parte refugia-se na comunhão amorosa, uma outra na droga, que se tornou mais evasão do que aventura. Outra parte envereda pela violência...

Gabrielle Rolin: Os estudantes fornecem o maior contingente à «movimentação cultural». Representará, portanto, este movimento um sector restrito da sociedade americana?

Edgar Morin: Não, porque os estudantes nos Estados Unidos representam uma fracção muito mais importante do que em França. Na verdade, a hipcultura desenvolve-se em diversas esferas concêntricas. No núcleo central, o modo de vida «hippie», as colectividades comunitárias, e o que ela tem de mais válido e mais percutente — o *«underground»* com formação sociopolítica. Este último é a minoria. Depois, em zonas cada vez mais largas, vêm os simi-«hippies» que se abrigam no lar familiar e a esmagadora maioria que veste segundo as normas da hipcultura, obedecendo aos seus valores estéticos

(músicas, bijuterias, cartazes, arte psicadélica, etc.) e praticando as grandes cerimónias colectivas («rock», concertos, convívios).

Os mais «dissidentes» recrutam-se entre os filhos dos antigos marginais, dos ex-inconformados da inteligência de vanguarda, e também nos filhos-família próperos ou das classes médias.

O sector popular fornece também o seu contingente: sabemos que nos bairros pobres há uma tradição de bandos de adolescentes considerados «associais». De facto, a corrente «associal» de uns, a corrente dos «rebeldes sem causa» de outros, dos anos 50, e a corrente das minorias étnicas e culturais, formam no seu conjunto uma gigantesca onda de dissidência juvenil. O denominador comum é o *american way of life.*

S. PAULO

TRINTA E DUAS HORAS EM S. PAULO

Por Chianca de Garcia

FUNCIONOU em S. Paulo a *1.ª Bienal do Livro*. Peguei carona no carro de um amigo e nos mandamos. Arrumei numa pequena *valise* tudo que, em desuso, guardava como material de inverno rigoroso: *suéteres* (três), meias grossas, cachecol, japonas e até um boné à Sherlock, daqueles que têm orelhas que protegem as nossas. Tudo, porém, foi pouco. Era tanto o frio que tive de adquirir, numa loja da elegante Rua Augusta, aquilo que não deixa de usar qualquer grantino paulista: ceroulas de lã.

Mas valeu a pena. A *Bienal do Livro* foi melhor do que as mais recentes de Artes-Plásticas, sempre explodindo em nítido estado de alienação. Na *Bienal do Livro* não, o que havia, num sentido clássico e tradicional era livros. Livros em todos os idiomas, e de todos os cantos da terra. Confesso, porém, que no *stand* da Dinamarca não encontrei o que procurava.

MAS VOCÊS ESTAVAM LÁ...

Foi quando me comovi até ao estado de graça, ao deparar — construída através dos séculos, volume a volume, rodeada embora pelas valas do desconhecimento (e sem pontes levadiças) — com a austera torre-de-martim da nossa grandeza literária.

Lá estavam todos. Desde os tempos mais remotos. Os grandes de ontem, de hoje e de amanhã. Era uma torre, eu disse. Porém, devia ser um altar. Um altar-mor. Ou antes: uma catedral. A catedral luso-brasileira da língua portuguesa. Mas não Eram apenas os lusíadas da arte de escrever

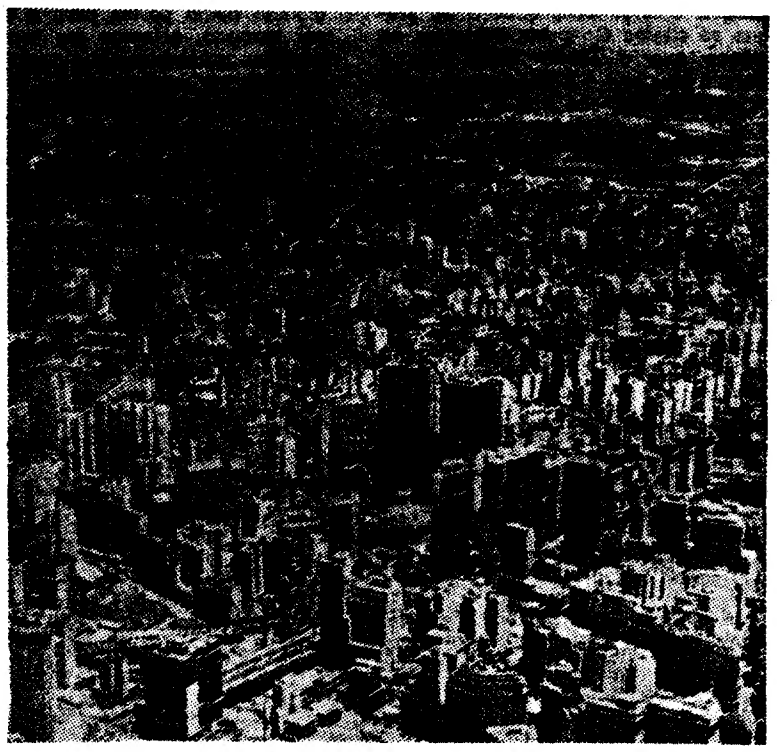
Mesmo assim o *stand* de Portugal foi muito falado. Entre a maravilhas trazidas de Lisboa figurava um volume, velho de séculos, e que foi a primeira obra impressa no Brasil, embora sem as devidas e reais autorizações. Isto, na *Bienal*, provocou sorrisos e comentários. Via-se em lugar de destaque aquilo que outrora circulara à margem da lei, para não dizer a verdade: clandestinamente.

O «NOBEL» DAS AMÉRICAS

Mas para essa tarde estava marcado o encontro, com gente dos jornais, de um escritor que eu queria ver em carne e osso.

Como suponho que sabem aí em Lisboa (nem tudo, naturalmente), os organizadores da importante iniciativa criaram, com ajuda do governo paulista, o *Prémio Bienal do Livro*, no valor de 25 mil dólares, e que passa a ser pela sua importância, o segundo do mundo, logo após o *Nobel* (30 a 50 mil dólares). Negócio sério, é claro. Reuniu-se então um júri brasileiro no desejo de escolher o autor que, na América Latina, merecesse o galardão de ser o primeiro a receber o prémio da *Bienal do Livro*. Tarefa que não foi fácil, não. O melhor é fulano! O melhor é beltrano! Discutiram às pampas. Mas no fim, e talvez por acaso, deu certo. Elegeram uma das maiores figuras da literatura sul-americana: — o argentino Jorge Luís Borges.

E era ele que eu desejava ouvir. Vocês sabem, não é? Trata-se de um homem alto, magro, frágil, semicego, de setenta e dois anos, distinto na sua pinta britânica, *sorrindo com malícia e que gosta* de desconcertar os interlocutores com a temática cabalística das suas invenções. Jorge Luís Borges é considerado, o que não consiste em novidade para vocês (já foi até traduzido, eu sei), como o criador do fantástico nas Américas, sendo a sua obra respeitada e admirada no mundo das letras europeias. Creio mesmo que falei nele por várias vezes nestas *Cartas do Brasil*. O prémio certo para um homem de vanguarda.



No entanto quiz indagar curioso, o que uns e outros podiam dizer da escolha. Porque Jorge Luís Borges é, na verdade, aquilo que se costuma chamar de um autor difícil. Ou até hermético. E portanto bem longe da fácil consagnação tão cara por exemplo a um Jorge Amado, que teve, devo confessá-lo, alguns votos entre as pessoas a quem pedi opinião sobre o prémio dado ao argentino. Mas a maionia, mesmo descontando aqueles que acharam *justo, lindo, maravilhoso!* por mero snobismo —, mostrou-se de acordo em que era legal premiar o inconformismo, a rebeldia, o pioneirismo, o encontro com o sobrenatural, fugindo ao hábito de *consagrar os consagrados* e os seus respectivos *best-sellers*.

PERGUNTAS INDISCRETAS

Então fiz várias indagações, sendo esta a primeira:

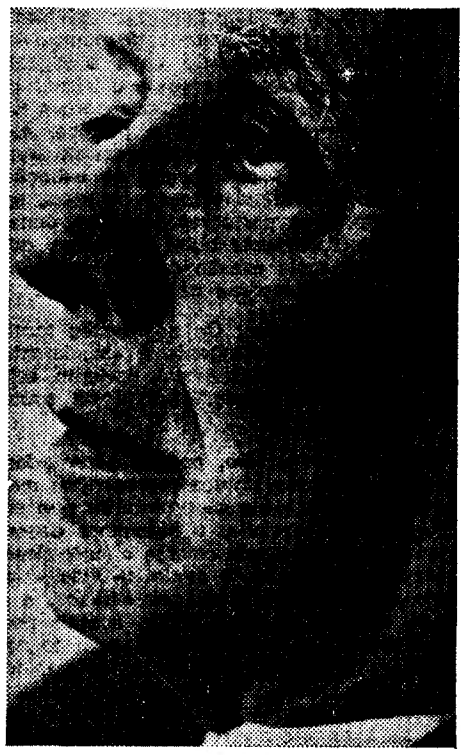
— Porque não escolheram um brasileiro?

— Mas quem?

— Carlos Drumond de Andrade, é lógico...

E a resposta que obtive veio igual em todos:

— Certo. Mas como o prémio é do Brasil pareceu-nos justo que, ao ser atribuído pela primeira vez, não o devíamos dar nem ao maior dos nossos.



Jorge Luís Borges

Calei-me, embora não de acordo com a justificação. Ousei no entanto uma outra pergunta:

— E no futuro, como vai ser? O prémio será dado apenas a escritores da América Latina? Ou pode aceitar-se a hipótese, aliás justa, de ser incluída a Espanha, visto que a quase unanimidade dos países da América Latina fala o castelhano?

ATENÇÃO, PORTUGUESES!

Esta pergunta causou embaraços, devo confessar. Mas julgo que a sugestão la ser admitida, quando resolvi ir mais longe:

— E SE O PRÉMIO É DADO PELO BRASIL, PORQUE NÃO ADMITIR A HIPÓTESE DE SER ESCOLHIDO UM AUTOR DE PORTUGAL?

MAS...

Aí devo confessar que não obtive resposta, isto porque Jorge Luís Borges acabava de entrar na sala, sendo recebido comb uma salva de palmas...

DOU-LHE A PALAVRA...

— O primeiro prémio que recebi ganhei-o na Espanha, anos atrás. Isso foi utilíssimo para mim. Então, apesar de ter já vários livros publicados, eu era inteiramente desconhecido na Argentina. Foi preciso que soubessem desse prémio para me olharem, mesmo com desconfiança...

A certa altura alguém quis saber o que representavam o labirintos e os espelhos na obra de Jorge Luís Borges:

— Eu creio que os labirintos são símbolos evidentes da perplexidade. Dela tenho sido vítima permanentemente. Perplexidade ante o facto de ser habitante de um corpo humano. Perplexidade por não me situar no tempo ou no espaço. Perplexidade ante o meu próprio destino. Perplexidade ante toda a força de êxito ou de insucesso. Quanto aos espelhos, isso é mais difícil de explicar porque desde a infancia senti uma espécie de fascinação e horror pelo espelho. A de que um homem é muitos, e de que um não é o que é. O espelho é uma obsessão, mas não uma obsessão, desagradável e sim uma obsessão a que já me acostumei.

Mas já o vira, já o ouvira, já tinha nas mãos a ultima obra por ele publicada em Buenos Aires. E lá fora havia São Paulo. Puxaram-me pelo braço: — Vamos!

Não é, confesso-o envergonhado, que a capital paulista não mereça todos os louvores. Só que nunca a senti. Nunca a amei. Nunca entrou no meu coração. Nem mesmo quando a conheci, já lá vão trinta anos! — e ela ainda mantinha certas características provincianas. Depois há o clima. O frio nunca se deu comigo Nem eu com ele. Mas o tempo foi passando. São Paulo evoluiu, cresceu, transformou-se numa cosmópolis vertiginosa e desvairada (ah, se Mário de Andrade a visse agora!). Excedeu-se. Não é América do Norte, nem Europa. É uma realidade unica, excepcional, um cérebro electrónico respondendo a todas as ambições, todas as iniciativas, todos os desejos, todos os apetites, todos os prazeres que se escondem nos labirintos enrregelados da garôa paulista. Não é uma cidade, é uma máquina. Temos a impressão de que a gente que encontramos, e passa, e corre, é engolida, desaparece, morre. Pois assim como as industrias produzem objectos e coisas, incansàvelmente, parece que existem monstros criados para fabricar gente, seres humanos que descem dos automóveis, entram nas lojas, nos restaurantes, nos teatros, nas «boîtes», nos infernínhos, entre recantos e penumbras, e compram, comem, bebem, pagam, para desaparecerem no lusco-fusco das madrugadas através daqueles espelhos de que fala Jorge Luís Borges...

VOLTA AO LAR

Ah, Rio de Janeiro, ah, Copacabana, e mesmo tu, ó ingénua Ipanema dos intelectuais exacerbados — como estamos longe de São Paulo. Agora, nós, apenas socorridos pelas nossas praias, pelo nosso sol, pelas nossas matas, pela beleza da nossa paisagem tão sugestiva nos cartões postais, e pelo samba que ainda desce dos morros —, viramos, adoràvelmente, uma cidade suave e docemente provinciana.

Copacabana, Agosto de 70.

LIVROS RECEBIDOS

Foi um prazer encontrar, aqui em cima da mesa, a surpresa do livro de Manuela de Azevedo À SOMBRA DE EÇA E DE CAMILO (ecrevo DE EÇA como habitualmente está no texto, e não com o D'EÇA da capa, que a nós, de longe, nos parece horrível). Mas como gostei. A começar pelas palavras da autora ao enviar-me o volume — *«por saber»* (sugestão embora do bom Luís Amaro) *que me seria agradável reviver coisas portuguesas*, em mim, na verdade, sempre vivas e nunca esquecidas.

Camilo e Eça são, de algum jeito, minha aldeia natal e meu Chiado particular. A bem dizer coisas sagradas (isto se sente mais de longe). Mas já li o livro todinho. Meu prazer seria agora começar de novo esta carta, para falar só dele. Dele? Acho que não. De Portugal. Meu Deus, como o irregular nascimento de José Maria Eça de Queiroz ainda pode ferir seja quem for, — se não lembrarmos o mal que durante tantos anos lhe fez a ele próprio.

Mas voltarei a falar de *À Sombra de Eça e de Camilo*. Confeso, porém, que o meu maior encanto foi acompanhar Manuela de Azevedo na aventura dramática e poética da sua perseguição, por entre fantasmas, do encontros e desencontros desses dois inconciliáveis. Muito obrigado.

NOVA YORK

O ESPELHO POLIÉDRICO

SCRIPTOR — talvez eu devesse antes dizer — *Homo? — Infelicissimus*, passei sempre (e ainda hoje) despercebido, ignorado; esqueciam-me a fisionomia, não me reconheciam, passava por outro, tinha um «narizinho de belga» (palavras dum pedagogo ilustre), cara de inglês ou de padre. Devo ter errado a vocação. Houve quem, na mocidade, me dissesse parecido com o então Papa Pio XI; dos «três Mosqueteiros» da adolescência, fui Aramis, o que era ou viria a ser bispo. Como andava sempre de pasta debaixo do braço, estudante-pedante, abordavam-me na rua a pedir-me selos do imposto: Porquê?! «Porque os «caixeiros-viajantes» trazem sempre selos na pasta!» (Acabei por oferecer solenemente a minha pasta de quintanista, de marroquim com fitas de moirê encarnado pendentes, á Real Academia de Cadetes do Alcázar de Toledo, onde, estudantes portugueses, fomos homenageados em 1924 com um banquete monstro. Lá ficou numa vitrina. Que será feito dela com os repetidos bombardeios? Um símbolo entre escombros . À partida, milhares de cadetes alinhavam-se ao longo das muralhas e ladeiras, vitoriando-nos com uma espécie de nostalgia.

Alguém se me dirigiu um dia, no Chiado, tratando-me de «Vitorino Nemésio»— confusão, para mim, a mais honrosa. (Creio que a inversa sucedeu a Vitorino Nemésio, à porta da Bertrand.) Andando eu por fora, o Passos Ponte (a quem o poeta Afonso de Castro — onde estás tu? — crismou espirituosamente de «Passa-Pontes») foi procurar-me a casa; minha irmã, tendo olhado pelo ralo (havia ralos, como nos conventos), abriu-lhe a porta e retirou-se. Como ele não entrasse sem convite expresso, ela voltou atrás: «De que estás tu à espera?» Só então deu pelo seu engano: «Julguei que era o meu irmão!»

Também parecia alemão. O dr. Roberto de Almeida, que por indicação do prof. Pulido Valente me tratou da primeira sinusite, desatou um dia, de costas para mim enquanto procedia a ferramentagem, a falar-me em alemão. Eu não respondi, ele voltou-se e viu-me rir: «É boa! então não julguei eu que você era o Muller!» Devo guardar traços dos possíveis antepassados suevos de meu pai.

Sempre estrangeiro *in partibus infidellium*, em França passei por suíço ou belga, na Bélgica por francês, e nos Estados Unidos, por mais esforços que fizesse, nunca me tomaram como português: não sou «dark», moreno, e tenho um sotaque de russo ou francês. Certa tarde, um sujeito que fora criador de cães «Dachshund» parou na rua a elogiar (em francês) o meu «Hanpo», modelo de raça pura: «Mas porquê em francês?» espantei-me. «Mas vê-se logo que é francês, o bigode, lá...»

Durante um «party» em Nova York e 1937, o meu amigo Ben Ossa, desenhador-arquitecto chileno, convenceu-me a improvisar uma pantomima e, com uma rolha queimada, pintou-me um bigode à Charlot. Ao entrar na sala apinhada de gente, vi avançar para mim, de punhos fechados e boca espumante de «whisky bourbon», um tipo que me tomou pelo Fuehrer e me queria comer vivo. Com a minha melena ainda escura a cair para os olhos, a ilusão — se não a parecença — era compreensível. (O infeliz foi morrer depois, de uma bomba de avião, na frente de Teruel, onde conduzia uma ambulância.) Não foi ele o único: ainda hoje, encanecido, me sinto olhado com alarme por algum dos meus vizinhos judeus, nesta gaiola de 160 famílias onde coabito com dez raças diferentes, no «ghetto» do Lower East Side. (O Manuel de Azevedo viu.) Julgam-me talvez Adolfo-Ressuscitado.

Os meus bons portugueses [illegible] achusetts, ouvindo-me discursar (tinha então um autêntico bigodinho arruivado), comentavam com pasmo e orgulho: «É tal-qual o nosso Browder!» (Ao tempo, um leader bem-amado.) Uma garota «hippy», [illegible] me há poucos anos: «Nunca ninguém lhe disse que se parece *imenso* com William Faulkner?» Ele acabava de morrer — longe [illegible] petiram. Para não andar a passear outro fantasma, aparei as guias do bigode (ele usava-o galhardamente à piloto da RAF-1917) e deixei crescer mais o cabelo (que ele cortava muito rente, à americana.) Já aproveitei alguns destes incidentes em mais de uma história.

O mais espantoso de tudo é que uma destravada lisboeta, julgando-se espirituosa, me tenha dito em 1947, à mesa do café: «Você *até* se parece com o Truman!» Era francamente demasiado, e nunca lho perdoei. Em compensação, há cinco ou seis anos, ao olhar um dos meus últimos *snap-shots*, anguloso e de novo temporàriamente sem bigode, uma leitora generosa comentou: «Parece o Pasternak!» Devo ter mudado muito

Mas senhores, não se pode ser parecido com tantas pessoas, contrária-, simultânea- ou sucessivamente! Mas sou. Ou fui. É para desesperar, não? Quase que dava um personagem de novela burlesca: «O homem que foi sempre outro». Quantas lendas se me têm pegado assim à pele! .. Serei eu impessoal, anódino, polivalente, sem carácter próprio? Quando serei EU de verdade? Andarei escondido atrás da máscara, disfarçado de quem não sou por desamor de ser quem sou? (Mas sempre sincero!) Serei actor, impersonador? Tive em tempos, de facto, essa pecha de mimar, imitar Pessoas importantes, provocando espanto e hilaridade. Observo os caracteres. Talvez por isso, à falta de melhor ou por exclusão de partes, escritor, um *pis aller*? .. O fisionomista pode bem ser um actor que secretamente se impregna das personagens e as põe a viver em palavras-acções. São conhecidos (mal comparado) os poderes histriónicos de Joyce, Flaubert, Th. Gautier, Colette e tantos mais; e Chaplin, não escreveu ele sempre as suas próprias comédias e pantomimas?

Em 1932, o escultor Diogo de Macedo andava a modelar em barro a cabeça do Carlos Botelho. Fui uma tarde visitá-lo ao «atelier», para os lados de Campolide ou Campo d'Ourique. Ele olhou-me e sorriu: «Vamos pregar uma partida ao Carlos?» Sentei-me, e ele, em três tempos ou três quartos de hora, transfigurou o retrato do Botelho no meu. No dia seguinte, ao chegar para a pose, o pintor caiu das núvens: «Mas este é o Miguéis» Pois era. Ficámos sendo (já éramos) «sósias», apesar de diferentes em tudo: ele tem o olhos claros,

José Rodrigues Miguéis: Lamento-Sátira Da Sazão Quente

e carradas de talento, que me falta. Alguém achou o retrato «pouco parecido»: não eu, que me via por dentro e sempre nele me reconheci como sendo o próprio apesar de certos traços demasiado *appuyés*, ou de «planos errados» no dizer da escultora Maxine Picard, minha amiga: magro, intenso, vagamente sorridente, de maxilas apertadas — *duro!* Outro achou-o parecido com minha mãe, que o Diogo nunca vira: prova de que o seu génio soubera discernir, através das minhas feições, algo de mais profundo, um carácter (afinal): como ela, eu tenho sido um misto de fraqueza (que nela era bondade) e de severidade... logo arrependida. Datado, assinado, e cozido no forno, esse retrato tem andado comigo aos tombos pelo mundo, intacto — assim estivesse eu! E ainda ninguém conseguiu furtar-mo.

Homem gentilíssimo no trato, e de impecável elegância, Diogo possuía um invulgar [illegible] e humor, como se vê por exemplo de *14, Cité Falguière*, recordações da vida artística de Paris. Escultor de funda sensibilidade, embora para alguns demasiado «literário», bastaniam o seu Antero, espiritualizado, e o seu Fialho, janota torturado, para o celebrizar. Associei-o sempre à «Arte Nova», de que a sua obra guarda a *empreinte* (como a de Rodin): talvez porque li em criança um [illegible] «Pal», se não erro — com desenhos que não sei porquê lhe atribuí, estes com reminiscências de Toulouse-Lautrec. Mas quem as não tinha, se até o Picasso o imitou! Se é ilusão, não a quero perder: a «Arte Nova» impregnou a infância do começo do século, e está conhecendo hoje uma revivescência notável na ilustração e na decoração, embora a mais baixo nível: o psiquedélico. As lojas dos incontáveis antiquários novaiorquinos transbordam de bronzes, móveis, bibelôs, espelhos, esculturas, porcelanas, tampos [illegible] e quanto mais, da época, e estão na moda, entre muitos, os cartazes da Sarah Bernhardt.

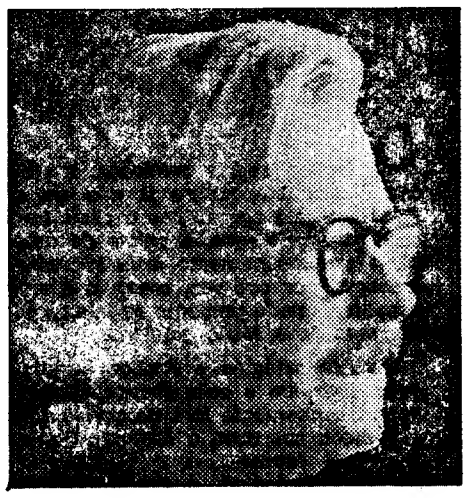
Quando, coberto de glória, o pintor Dordio Gomes (cujas telas, sobretudo as de animais, à distância dos anos, me fazem pensar no expressionista Kokoshka) foi nomeado professor da Escola de Belas-Artes [illegible] um almoço de homenagem num simpátic «retiro» dos arredores da capital. (Ainda hoje há disso?) Não era o ambiente do famoso jantar em honra do Douanier Rousseau, que anda nas memórias de arte e lite[illegible] mas [illegible] a terra, e na época (começos dos trinta), foi uma coisa esfuziante de animação.

Algum espírito mau fez-me sentar à esquerda de um escultor de grandíssimo talento, porventura com o toque do génio, mas que passaria o resto da vida a retratar personagens históricas, com ou sem cavalo, e contemporâneos eminentes. Era um homem de bela fisionomia ibérica, moreno, severo e quase místico, e a sua companhia impunha-me respeito. Já nos conhecíamos de algures, eu sabia que ele tinha um irmão frade, mas ignorava tudo da sua filosofia e afectos terrenos. Parece que não lhe agradou a minha presença, apesar de eu ser um comensal discreto e moderado. Já devíamos ter bebido, porque, mal começávamos a roer o osso, ele [illegible] na minha direcção. Surpreendido, voltei-me para ele, e (talvez a meu pedido?) ele explicou-se melhor:

«Você é um dos tais racionalistas da *Seara Nova!*»

Não era insulto, era elogio: mas o ódio com que ele o disse fez-me empalidecer, e deixou-me de nariz afilado. Não ouvi mais: deitei a mão a um garfo ou faca, e só sei que se engueu um sarrabulho. O Diogo, anjo de bondade e paz, correu a intervir. Salvou-nos talvez duma cena de sangue!

Os fracos da minha espécie têm destas inesperadas reacções de muita frustração recalcada. Esqueci por completo o resto do almoço. — *J. R. M.*



o mar a aventura

A BARCA DOS FARAÓS

THOR HEYERDAHL logrou finalmente chegar às ilhas Barbados. Saudemos a proeza desportiva que consiste em atravessar o Atlântico de Leste a Oeste, na zona dos alíseos, com um navio primitivo e fantástico, embora munido de ligação radiofónica.

Desde há meio século a mesma travessia tinha já sido efectuada por embarcações que nada têm de clássico, entre outras pela de Alain Bombard, navegador solitário e sem víveres, que utilizou um pequeno barco de borracha.

O feito em si nada tem de novo nem de extraordinário, já que se sabe que, desde o século XV, que os alíseos, quando utilizados correctamente, podem alcançar em sessenta dias a distância da África às Antilhas. Desde que haja coragem e tempo, pode-se estar seguro do sucesso da travessia. Travessia impossível no sentido inverso, do Ocidente para Oriente e na mesma latitude, para um navio sem quilha e sem energia própria.

Mas há mistificação quando se pretende revestir um feito desportivo de uma pseudo-tese histórico-etnológica: que os antigos egípcios «puderam», ou, mais prudentemente, «teriam podido» realizar uma tal travessia e descobrir a América bem antes de Colombo. Porquê, então, os «antigos egípcios» e não qualquer outro povo da Antiguidade? Porque há pirâmides no México ..

Não brinquemos com palavras. Três mil e quinhentos anos separam a construção das pirâmides do Egipto das do México, datando as mais antigas destas do século VII da nossa era e as mais recentes de uma centena de anos antes do fim do império ás mãos de Heman Cortez.

Os dois grupos de monumentos procederam de concepções religiosas absolutamente diferentes. As pirâmides do Egipto são tumulos de soberanos, as do México altares para sacrifícios. Querer estabelecer uma relação entre umas e outras, é acrescentar ao anacronismo o desconhecimento total das civilizações específicas e da etno-sociologia.

Thor Heyerdahl, no «best-seller» que em breve publicará, não se esquecerá por certo de nos informar como os «antigos egípcios» — os da época da IV dinastia, pressuponho, e não os contemporaneos da Cleópatra do nariz grande — que nunca construiram um navio e cujos conhecimentos geográficos se perdiam nas areias da Líbia, teriam feito para transportar o seu barco de papiro de 12 metros desde o Egipto á costa atlantica, a zona dos alíseos, ventos de que não poderiam ter suposto a existência nem a direcção constante.

Todos, navegadores e construtores, teriam sido levados pelo encantamento dos seus papiros e das suas cordas a construir esse barco, a transportá-lo do Nilo ao Oceano e a tentar nele uma viagem-suicida sem rumo nem Norte... O grande deus do Egipto seria assim tão poderoso que pudesse provocar um tal transporte incantatório até ao México?

Ou, enutão, deu-se o caso de os «antigos egípcios» terem descido o Nilo, de Memphis a Tebas, até ao Mediterraneo? Coisa fácil. Teriam então, contra os ventos dominantes, afrontado esse mar, coisa práticamente impossível para um navio sem quilha, práticamente ingovernável? Teriam em seguida franqueado as colunas de Hércules (ainda contra os ventos) para finalmente, em pleno Atlantico, terem encontrado os bons e míticos alíséos?

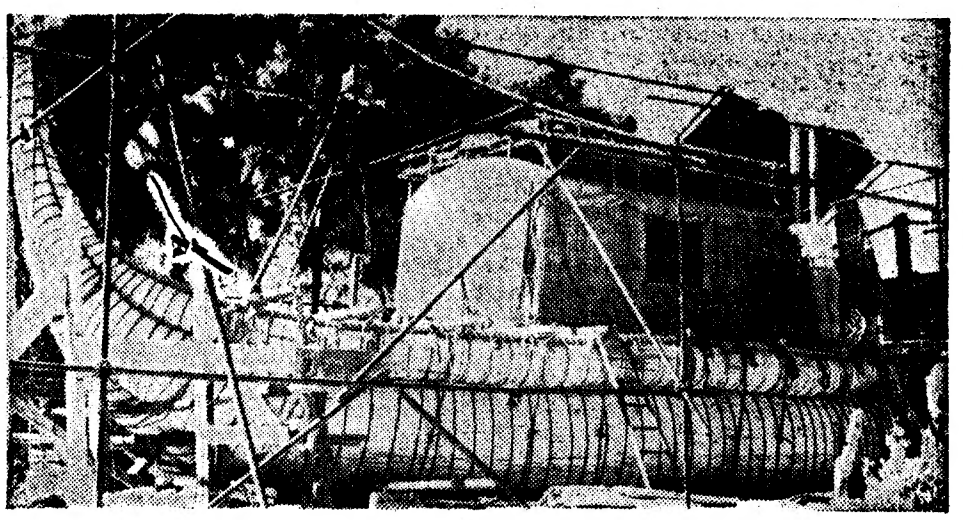
De facto, uma vez realizado o encontro com os alíseos, não teriam tido mais dificuldades do que o próprio Thor Heyerdahl.

Contudo, Heyerdahl dispõe de conhecimentos geográficos, oceanográficos e meteorológicos, e de experiência, atributos que fazem dele um navegador inigualável. Supondo que, pela graça do deus Ra, os «antigos egípcios» possuissem o conhecimento dessa ciência e essa experiência — que teriam feito uma vez desembarcados em Barbados, na Trindade ou em Tobago, termo da influência dos alíseos? Teriam, com um navio despedaçado, tentado atingir o Yucatan através do mar das Caraíbas, tão largo e tão secreto como o Mediterrâneo para um navio de papiro? Ou, o que é talvez mais aliciante, em piroga e de ilha em ilha, teriam atingdo o Méxco? Ou, ainda, tendo desembarcado na América do Sul, teriam atravessado a pé as relvas do Orenoco, da Amazónia e da Colombia até à América Central? Teriam então ensinado os povos primitivos (dizimados milénios depois pelos aztecas e pelos Mayas), a arte e a ciência de construir pirâmides. Cerca de três mil anos teriam então sido necessários para, segundo Thor Heyerdahl, esses povos digerirem esses ensinamentos e construirem finalmente as famosas pirâmides. Porquê, já que lá estavam, esses «antigos egípcios» não ensinaram também a construção de uma roda ou até a metalurgia do cobre e do ferro? Sabe-se que os Aztecas, apesar da sua brilhante civilização, ignoravam a roda e os metais usuais.

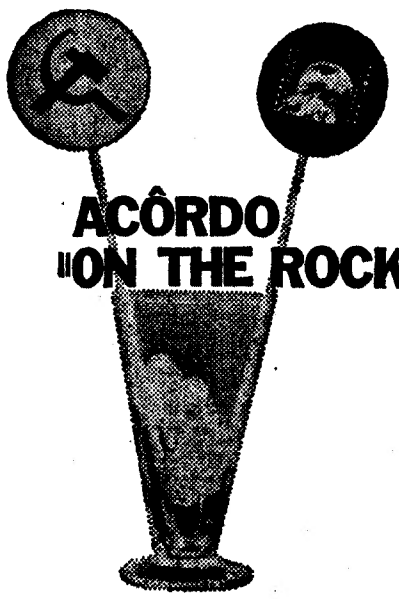
Thor Heyerdahl, navegador e etnólogo, responderá provàvelmente no seu livro a todas estas questões...

Se a tese desta viagem é uma mistificação com fins publicitários, destinada a um público apto a acreditar em tudo, os meios utilizados são, como acabámos de ver, uma inoportuna história geográfica e científica. Tenhamos juízo.

(Exclusivo «Le Monde» — «D.L.»)



UMA nau de papiro construída em Marrocos no ano da graça de 1970 faz uma viagem ao fundo da História. Os cientistas interrogam-se: descoberta científica, proeza desportiva ou mistificação?



O Árctico está a arrefecer. É verdade que a sua temperatura já não era muito agradável, até agora. Mas o clima torna-se cada vez mais rude, a calote de gelo torna-se progressivamente mais espessa. Os icebergs, por sua vez, crescem e multiplicam-se. O medo pergunta se iremos conhecer uma nova idade glaciar...

Durante milénios o Árctico guardou os seus segredos a sete chaves. Ficava longe, excessivamente fora de portas. Depois, que diabo nos dava o Árctico? Que riquezas, que produtos, que especiarias? O Atlântico, o Índico, o Pacífico — eis aí oceanos altamente funcionais e rentáveis. O cravo, a pimenta, o ouro, o cobre, a borracha, as essências florestais, em resumo: a navegação, o comércio, a indústria das arábias, das pérsias e das Índias.

Isso estava certo dentro dos esquemas de uma sociedade mercantelista que ensaiava as asas com as quais chegaria à sociedade de consumo do nosso tempo e por isso os três oceanos foram desbravados e incluídos na classe dos animais domésticos.

O Árctico não nos deve nada disso. Não nos deve mesmo nada mais além de gelo, solidão e morte. Sem nenhuma contrapartida. Sem contrapartida não há negócio. E se não há negócio, para que diabo importa conhecer? Além de que a exploração do imenso lago gelado exigia condições e instrumentos que a tecnologia ainda não podia satisfazer. Neste pacto teve origem a existência dos mártires exploradores do Árctico, esses carolas que não desistem de morrer por alguma coisa.

Pois agora americanos e russos vão lançar, paralelamente, um vasto programa científico. Submarinos nucleares, satélites metereológicos, estações humanas ou automáticas instaladas em «icebergs» à deriva, navios e aviões: todas as técnicas da geofísica moderna vão ser mobilizadas, por uns e por outros, numa tentativa de compreensão do fenómeno.

Evidentemente que ninguém vai imaginar que uma operação deste calibre se realiza, como se costuma dizer, por puro «amor à arte». Os tempos mudaram, mas as exigências do comércio e da indústria permanecem — ou tendem mesmo a aumentar. Não já em termos de pimenta e cravo cabecinha, como se calcula — mas em termos, por exemplo, de minerais preciosos nesta era de revolução industrial que atravessamos.

Ora precisamente sabe-se que importantes jazigos de minérios vários foram recentemente descobertos na península de Taimir, ao norte da Sibéria. E não só isso. Nem só de ouro ou de urânio vive o homem industrial. O petróleo (apesar das variadas intrigas que por aí circulam quanto à possibilidade da sua futura substituição em tarefas onde, até hoje, era consderado indispensável, o que provocou uma «matança» de petróleo semelhante à matança dos búfalos...) o petróleo tem ainda uma palavra a dizer na corrida para o progresso ou coisa parecida. Acontece que os campos petrolíferos do North Slope, no Alasca, se contam entre os mais ricos do mundo...

E depois? os leitores avisados não deixarão de perguntar o que é que o respeitável ouro, o glorioso urânio ou o riquíssimo petróleo têm a ver com o arrefecimento do Árctico. Sim, porque o Árctico arrefece mas a exploração daqueles elementos «aquece» cada vez mais...

Não é assim. Um arrefecimento do Árctico tornaria muito difícil a exploração das riquezas mencionadas. As dificuldades de acesso e comunicação aumentam numa escala impressionante.

As grandes potências não podem dormir enterrando a cabeça segundo o método da avestruz. Por isso, os estaleiros navais soviéticos já receberam encomendas de novos quebra-gelos, duas vezes mais poderosos do que os actualmente disponíveis.

A solução do problema torna-se tanto mais premente quanto é certo que um projecto russo prevê o desvio em direcção ao sul (Mar Cáspio) dos rios que actualmente desaguam no Árctico. Trata-se de um projecto gigantesco que se prevê venha a exercer uma enorme influência não apenas na modificação do meio ambiente, mas no enriquecimento da economia e das populações soviéticas. Simplesmente...

Simplesmente, esses rios são relativamente temperados e o seu desvio poderia acelerar o processo de arrefecimento do Árctico...

Importa, pois, lançar mão de métodos revolucionários não já para vencer o arrefecimento provável daquele oceano, mas para evitar que ele venha a verificar-se. Terão os sábios russos e americanos algum projecto em estudo? O mesmo é dizer: terá a ciência algum trunfo escondido na manga para vencer o Árctico?

Parece que sim. Parece que esse trunfo existe. Existe uma arma poderosa que poderá, em breve, ser utilizada por ocidentais e soviéticos. Chama-se... carvão.

Sabe-se que se se polvilhar o Árctico com pó de carvão, como se fosse canela sobre uma imensa travessa de arroz doce, o gelo será derretido e, uma vez desaparecido este, as águas aquecerão de modo apreciável.

Fácil, como se vê. O remédio, afinal, tem quase a idade do mundo, o que muito em abono vem das mezinhas caseiras. Pelo que todos poderão dormir descansados: o Árctico não arrefecerá.

Exclusivo / DL

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» 22 DE SETEMBRO DE 1970 N.º 2